

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN
NÍVEL MESTRADO

GAIA CIMA

COMUNIDADE PORTO NOVO:
Revalorização de resíduos têxteis por meio da Inovação Social
e do Design Estratégico

Porto Alegre
2025

GAIA CIMA

**COMUNIDADE PORTO NOVO:
Revalorização de resíduos têxteis por meio da Inovação Social
e do Design Estratégico**

Projeto de Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Design, pelo Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos.

Área de concentração: Design Estratégico

Orientadora: Prof.^a Dra. Debora Barauna

Porto Alegre

2025

C573c

Cima, Gaia.

Comunidade Porto Novo : revalorização de resíduos têxteis por meio da inovação social e do design estratégico / por Gaia Cima. – 2025.

102 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Design, Porto Alegre, RS, 2025.

“Orientadora: Dra. Debora Barauna”.

1. Inovação social. 2. Design estratégico. 3. Resíduos têxteis. 4. Design de moda para sustentabilidade. 5. Empoderamento comunitário. 6. Design estratégico. 7. Impacto ambiental. I. Título.

CDU: 7.05:391

GAIA CIMA

COMUNIDADE PORTO NOVO:
Revalorização de resíduos têxteis por meio da Inovação Social
e do Design Estratégico

Projeto de Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Design, pelo Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos.

Área de concentração: Design Estratégico

Orientadora: Prof.^a Dra. Debora Barauna

Banca examinadora:

Profa. Dra. Debora Barauna – Orientadora
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos

Profa. Dra. Bibiana Silveira Horn – Externo
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos

Prof. Dr. Guilherme Englert Correa Meyer – Interno
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos

Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu “destino” não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Daí que insista tanto na problematização do futuro e recuse sua inexorabilidade (Freire, 1996, p. 28).

PREFÁCIO

É a segunda metade de maio 2024, estou em Porto Alegre e, embora eu tenha tido muita sorte - porque há quem perdeu a casa neste desastre ambiental -, o único pensamento que me vem à mente é: “Quando tudo voltará ao normal?” Voltei depois de quase duas semanas porque, teoricamente, a água deveria ter voltado em casa, mas ainda estamos usando o que tínhamos guardado em vários recipientes (panelas, garrafas, baldes...) e continuamos a coletar a água da chuva. A maioria das notícias que vejo e ouço são sobre desastres climáticos que estão ocorrendo no mundo todo: Tailândia, China, Itália, Canadá, Índia... Acho que a natureza está claramente nos mandando sinais para pararmos e entendermos quem realmente manda, porque ela, o planeta, o universo, podem viver e continuar a gerar e regenerar mesmo sem a presença humana, enquanto nós, ao contrário, sem a natureza, não existiríamos.

RESUMO

Esta pesquisa aborda o impacto ambiental e social da moda no contexto do Antropoceno, destacando o problema da *fast fashion* e seu modelo linear de consumo, que gera um volume crescente de resíduos e exploração de mão de obra vulnerável. A sustentabilidade na moda, portanto, emerge como um conceito essencial, promovendo práticas de economia circular e reaproveitamento de materiais para mitigar os danos socioambientais. Considerando esta ampla problemática e a possibilidade de incentivar a práticas sustentáveis, esta pesquisa, situada na Escola Municipal de Ensino Fundamental (Emef) da comunidade Porto Novo em Porto Alegre, explora como o Design Estratégico pode orientar a Inovação Social para transformar resíduos têxteis em oportunidades de desenvolvimento econômico e social. O projeto visa promover dignidade, autonomia e empoderamento na comunidade, que, apesar dos desafios socioeconômicos, apresenta uma forte identidade cultural, fundamental para a implementação de iniciativas que integrem desenvolvimento social e preservação ambiental. Assim, o objetivo principal deste estudo foi desenvolver um projeto de Inovação Social orientado pelo Design Estratégico na comunidade Porto Novo, para a promoção de dignidade, autonomia e empoderamento, a partir da revalorização de resíduos têxteis disponíveis em um galpão junto à Escola. A abordagem metodológica utilizada neste estudo é estruturada em três fases, que aconteceram contemporaneamente, essas foram: teórica (pesquisa bibliográfica, documental, estudos de referências, questionários, diálogos desestruturados), conceitual (individualização do DNA do projeto e construção da estratégia de intervenção) e prática (oficinas e monitoramento). Os resultados indicam que a implementação de um projeto de moda sustentável com foco em economia circular e *upcycling* pode gerar impactos positivos tanto no nível individual quanto coletivo. As oficinas promoveram o aumento da autoestima e a conscientização sobre o reaproveitamento de materiais e a sustentabilidade na moda. A conclusão reforça a relevância do Design Estratégico como catalisador para a Inovação Social e destaca o potencial de projetos que unem sustentabilidade e impacto social. A pesquisa demonstra que a moda pode ir além do consumo, servindo como um meio de transformação social e ambiental, especialmente em comunidades vulneráveis como Porto Novo.

PALAVRAS-CHAVES: inovação social; design estratégico; resíduos têxteis; design de moda para sustentabilidade; empoderamento comunitário.

ABSTRACT

This research addresses the environmental and social impact of fashion in the context of the anthropocene, highlighting the issue of fast fashion and its linear consumption model, which generates a growing volume of waste and the exploitation of vulnerable labor. Sustainability in fashion thus emerges as an essential concept, promoting circular economy practices and material reuse to mitigate socio-environmental damage. Considering this broad issue and the potential to encourage sustainable practices, this research, situated at the Municipal School of Elementary Education (Emef) in the Porto Novo community of Porto Alegre, explores how Strategic Design can guide Social Innovation to transform textile waste into opportunities for economic and social development. The project aims to promote dignity, autonomy, and empowerment in the community, which, despite facing socioeconomic challenges, presents a strong cultural identity - fundamental for implementing initiatives that integrate social development and environmental preservation. The main objective of this study was to develop a Social Innovation project guided by Strategic Design in the Porto Novo community, to promote dignity, autonomy, and empowerment through the revalorization of textile waste stored in a warehouse next to the school. The methodological approach used in this study is structured into three simultaneously occurring phases: theoretical (bibliographic and documentary research, case studies, questionnaires, unstructured dialogues), conceptual (identification of the project's DNA and construction of the intervention strategy), and practical (workshops and monitoring). The results indicate that implementing a sustainable fashion project focused on the circular economy and upcycling can generate positive impacts both at the individual and collective levels. The workshops promoted increased self-esteem and awareness about material reuse and sustainability in fashion. The conclusion reinforces the relevance of Strategic Design as a catalyst for Social Innovation and highlights the potential of projects that unite sustainability and social impact. The research demonstrates that fashion can go beyond consumption, serving as a means of social and environmental transformation, especially in vulnerable communities like Porto Novo.

KEYWORDS: social innovation; strategic design; textile waste; fashion design for sustainability; community empowerment

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Aula de costura na CÓS.	44
Figura 2: Was a Sari.	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Progetto Quid.	48
Quadro 2: Metodologia de pesquisa.	51
Quadro 3: Formulário.	55
Quadro 4: Encontro I.	60
Quadro 5: Encontro II.	61
Quadro 6: Encontro III.	61
Quadro 7: Encontro IV.	62
Quadro 8: Encontro V.	63
Quadro 9: Estratégia de intervenção.	72
Quadro 10: Oficina de Aproximação.	76
Quadro 11: Oficina de Dignidade.	77
Quadro 12: Oficina de Autonomia I.	78
Quadro 13: Oficina de Autonomia II.	79
Quadro 14: Oficina de Empoderamento I.	80
Quadro 15: Oficina de Empoderamento II.	81
Quadro 16: Evento.	81
Quadro 17: Resultados materiais.	82

APRESENTAÇÃO E MOTIVAÇÃO DA AUTORA

Após pesquisar sobre a etimologia das palavras que compõem meu nome, descobri que Gaia vem do grego Gea, personificação da Terra e Mãe universal, além de significar “alegre”; enquanto Cima, do latim cyma, significa “broto”. Minha interpretação para essa união é “broto da terra,” algo com o qual me sinto profundamente conectada. Esse vínculo com a natureza e a busca por um equilíbrio entre mim e o que me rodeia – pela serenidade, pelo amor e pela bondade – caracteriza minha essência.

Essa contínua busca por equilíbrio e serenidade também se reflete na minha visão de mundo. Sou muito sensível às questões climáticas e sociais, e sonho com um mundo utópico, feito de pessoas boas, que se amam, respeitam e ajudam umas às outras. Essa consciência da união que existe entre tudo, está muito alinhada com a definição de Holismo Antropológico. Vem do grego Hólos, que significa 'total', 'global', a tese de que tudo é mais do que a soma de suas partes; em cada cultura, cada elemento é interligado e coerente com os outros. Essa perspectiva está alinhada à visão de Yuk Hui em *Cosmotecnics as Cosmopolitics*, onde ele cita Kant para destacar que, em uma totalidade, uma parte está sempre vinculada ao todo e que ‘a preservação de uma parte é reciprocamente dependente da preservação das outras partes’. A natureza só pode ser entendida como um todo complexo, e a espécie humana, parte dela acabará por progredir para uma história universal que coincide com a teleologia da natureza.

Esse entendimento me ajudou a compreender o porquê tenho essa chamada rumo a sustentabilidade. Desde quando era pequena, eu brincava com os tecidos e a costura era um momento para focar em uma coisa só, desconectando-me do resto, como uma meditação. Decidi de entrar na faculdade de Design da Moda e quanto mais eu conhecia sobre os seus processos, mais eu não gostava do que passava a compreender, sobre o jeito que as coisas funcionam, como a exploração ambiental e social. Daí vem meu sofrimento (e principalmente minha indignação) contra o universo da moda e o consumismo em geral. O meu desanimo diante da crise climática me levou a refletir profundamente, questionando por que continuar com o que faço, sendo o interesse por um mundo mais sustentável, a única preocupação da minha vida.

Mas, ao invés de me afastar completamente desse setor, como não quero contribuir com essa destruição do futuro das futuras gerações, pensei que poderia contribuir com uma tentativa de atuar em uma parte vital da nossa experiência de vida: a mudança transformadora. Talvez o ponto de tudo isso para a humanidade seja exatamente encontrar um equilíbrio com a natureza. Então, em vez de fazer tudo isso para 'evitar a nossa extinção' (na minha visão, de uma maneira muito egoísta), a nova abordagem é fazê-lo para a conveniência do bem viver. São estes

sentimentos e motivações que impulsionam essa minha busca por um mundo mais justo e saudável, e é por isso que comecei este projeto.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	QUESTÃO DE PESQUISA	16
1.2	OBJETIVOS	16
1.3	RELEVÂNCIA DA PESQUISA.....	16
1.4	ESTRUTURA DA PESQUISA.....	17
2	ANTROPOCENO.....	ERRORE. IL SEGNALIBRO NON È DEFINITO.
2.1	A SOMBRA DA MODA	22
2.2	UMA EXIGÊNCIA DE SUSTENTABILIDADE	26
2.3	PRODUÇÃO CIRCULAR.....	28
3	DESIGN ESTRATÉGICO PARA INOVAÇÃO SOCIAL.....	33
3.1	UMA REALIDADE INTRÍNSECA DE COMPLEXIDADE	34
3.2	DESIGN ESTRATÉGICO PARA A MUDANÇA SOCIAL	36
3.3	A POTÊNCIA DA INOVAÇÃO SOCIAL	41
3.3.1	Exemplos de inovação social na moda	43
4	MÉTODO E PRÁTICA: PROJETO CRIARENDA	51
4.1	O CONTEXTO PORTO NOVO	57
4.2	A VIVÊNCIA PRÉ-PROJETO	59
4.3	DNA DO PROJETO.....	65
4.4	INTRODUÇÃO AO PROJETO	68
4.5	A ESTRATÉGIA DE PROJETO	71
4.6	A INTERVENÇÃO.....	75
4.7	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	834
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	889
	REFERÊNCIAS	95
	APÊNDICE A.....	100
	APÊNDICE B.....	101
	APÊNDICE C.....	102

1 INTRODUÇÃO

O cenário atual do Antropoceno representa uma nova era geológica, na qual as atividades humanas se sobrepõem às forças naturais, tornando-se a principal responsável pelas mudanças ambientais globais. Nesse contexto, o ritmo frenético do consumismo exacerbado emerge como um dos principais fatores que contribuem para os impactos socioambientais, configurando-se como um problema de escala global. A dinâmica do consumismo, intensificada pela globalização e pela industrialização, é uma das forças motrizes por trás dessa transformação, levando a sociedade a um padrão de vida que prioriza a busca insaciável por prazer instantâneo e bens materiais. Vivemos em uma sociedade onde “possuir” antecede a reflexão sobre a necessidade real, e onde a lógica de produção e consumo em larga escala promove a degradação ambiental e o aumento das desigualdades sociais (Capitaloceno). Como resultado, enfrentamos um cenário de emergência climática, marcado pela exploração excessiva de recursos naturais, descarte inconsciente e crescimento alarmante de resíduos em todo o planeta. No entanto, essa busca incessante por conforto e posses não se revela sustentável; ao contrário, ela perpetua um ciclo vicioso que ameaça a própria sobrevivência da humanidade. A causa da inevitável futura extinção da humanidade é a própria humanidade e seu consumismo extremo. O novo poder da “sociedade de consumo” alterou sentimentos, modos de pensar e modelos culturais, empurrando para o hedonismo do consumidor.

O setor da moda, um dos mais dinâmicos e globalizados da economia contemporânea, também figura como um dos maiores contribuintes para a crise ambiental e social em curso. Ao longo das últimas décadas, a indústria da moda evoluiu de uma expressão cultural e identidade individual para uma cultura de produção em massa, consumo acelerado e descarte rápido, provocando um aumento exponencial de resíduos têxteis. A moda, ao se distanciar de suas origens artesanais e criativas, adotou práticas de *fast fashion*. Esse fenômeno simboliza uma dinâmica marcada pela produção em larga escala de produtos a preços baixos, muitas vezes sustentada por condições de trabalho precárias e pela degradação ambiental. Esse modelo reflete uma busca incessante por novidades e acessibilidade, impulsionada pelo capitalismo e por padrões de consumo insustentáveis que caracterizam a sociedade contemporânea. A exploração desenfreada dos recursos naturais, as emissões de carbono, a utilização de substâncias químicas nocivas na produção de tecidos, tingimento e acabamentos, contaminando solos e cursos d'água, e o consumo excessivo de água são apenas alguns dos impactos devastadores associados à produção têxtil. Para enfrentar esses desafios, é fundamental e

necessária a urgência de sensibilizar e educar os consumidores sobre as consequências de suas escolhas de compra, sobre os impactos do consumismo inconsciente.

O resultado é um cenário alarmante que exige mudanças estruturais e um compromisso coletivo com a educação para o consumo consciente. Assim, surge o Design para a Sustentabilidade, cuja transição, dada a sua complexidade, estará muito longe de ser uma evolução linear. Pelo contrário, será um complexo processo de aprendizagem social: uma sequência de acontecimentos e experiências através da qual, progressivamente, entre erros e contradições como frequentemente acontece em qualquer processo de aprendizagem, os seres humanos aprenderão a viver de forma sustentável.

Apesar da conscientização sobre os impactos socioambientais da moda ainda ser limitada, movimentos como o *slow fashion*, a eco-moda e as iniciativas de design sustentável vêm ganhando força, desafiando as práticas tradicionais do setor. Essas abordagens propõem um redesenho do sistema produtivo, promovendo o uso ético e consciente dos recursos e incentivando o reaproveitamento de resíduos como estratégia para fechar o ciclo de vida dos produtos. Mais do que uma transformação econômica, a moda sustentável implica uma mudança cultural e comportamental, pautada em valores como responsabilidade, ética e respeito ao meio ambiente, caracterizada pela valorização do ser em vez da ênfase em ter e aparecer. Testar, repensar e reconfigurar ações, especialmente coletivamente e colaborativamente dentro de ecossistemas criativos, são fatores-chave na evolução da moda, promovendo novas práticas e modificando o comportamento social. Conforme esclareceu Manzini (2008), essas mudanças envolvem como indivíduos ou comunidades agem e se adaptam para resolver problemas ou criar novas oportunidades.

O mesmo autor afirma também que a transição para a sustentabilidade afetará todas as dimensões do sistema sociotécnico em que vivemos (físico, econômico, institucional, social, ético, estético e cultural) e tocará todas as escalas de tempo e espaço em que opera (do curto prazo e micro-escala de produtos ou serviços individuais para o longo prazo e macro-escala do sistema sociotécnico global) (Manzini, 2015). Na evolução geral do Design para a Sustentabilidade, a mudança de uma economia linear (baseada no “extrair, produzir e descartar”) para uma circular é crucial, incentivando, em vez disso, o reuso, a reciclagem, o reaproveitamento e consequentemente a revalorização de materiais. Essa segunda abordagem visa reduzir a dependência de matérias-primas virgens, minimizar o desperdício e prolongar a vida útil dos produtos, especialmente na moda, que envolve uma cadeia de suprimentos longa e complexa. Enquanto a linear, outro ponto fraco e desfavorável do sistema atual, tem como consequência inexorável o descarte rápido de quantidades alarmantes de resíduos, que ou são

incinerados ou se acumulam e geram volume de resíduos e lixo, criando poluição em lugares como o deserto do Atacama no Chile e nas periferias das cidades, como em Porto Novo / Porto Alegre, RS, Brasil.

A comunidade que mora nesse bairro é costuada ver acúmulo de lixo nas ruas na vida cotidiana e isso reduz a autoestima e consequentemente a dignidade e o empoderamento também. Este contexto, onde se situa a pesquisa, é um local historicamente marcado pela realocação forçada, marginalização e vulnerabilidade de moradores e pelo enfrentamento de condições socioeconômicas desafiadoras, acentuados por questões de falta de acesso a oportunidades. No entanto, o ecossistema Porto Novo possui uma forte resiliência e identidade cultural, características que a tornam um forte potencial de organização comunitária e criatividade, um local propício para iniciativas e desenvolvimento de Inovação Social e sustentabilidade.

É nesse contexto que o Design Estratégico surge como uma abordagem inovadora, poderosa e fundamental para promover a Inovação Social, oferecendo soluções colaborativas que desafiam paradigmas estabelecidos e abordam problemas complexos como a desigualdade socioeconômica, o desperdício de recursos e a marginalização de comunidades, por meio da revalorização. Como afirmam Meroni (2008) e Manzini (2015), o Design Estratégico é capaz de criar redes sociais, estimular inovações culturais e propor mudanças estruturais em sistemas e relações, promovendo soluções que sejam tanto sustentáveis quanto transformadoras. Ele incita à reflexão sobre inovações culturais que alteram comportamentos e modos de pensar, ativando redes sociais para provocar mudanças efetivas na cultura e nos valores. Ao fomentar essa reflexão crítica, o Design Estratégico não apenas transforma a forma como os produtos são concebidos e consumidos, mas também contribui para o fortalecimento das comunidades. A sobrevivência da humanidade depende apenas de uma vontade coletiva em busca de um propósito comum – ou seja, da consciência de responsabilidades compartilhadas.

A responsabilização individualizada pode alcançar o nível social, mas limita o potencial para ação coletiva. Conhecimento sobre o impacto ambiental e comunidades informadas que usam esse conhecimento para fazer julgamentos significativos contribuem para aumentar a resiliência da sociedade à medida que as condições mudam. Segundo Manzini (2008), o Design Estratégico atua como um catalisador para mudanças sistêmicas, mobilizando comunidades e indivíduos a repensarem suas práticas e a co-criarem soluções sustentáveis adaptadas às suas realidades locais.

O CriaRenda é um exemplo concreto do potencial transformador da Inovação Social. Já implementado na Escola Municipal Porto Novo antes da participação da autora, o projeto

nasceu em março de 2024 com o objetivo de fortalecer a autonomia e o protagonismo da comunidade, incentivando o empreendedorismo e a geração de renda. A autora se inseriu nesse contexto, contribuindo com sua visão e expertise para ampliar o impacto do projeto. Por meio da revalorização criativa de resíduos têxteis, ela integrou ao CriaRenda iniciativas voltadas à educação para a sustentabilidade, capacitação técnica e desenvolvimento local, com foco especial nas mulheres da comunidade, promovendo dignidade, autonomia e empoderamento.

Ao integrar os princípios da Economia Circular – reuso, reciclagem e reaproveitamento – e da Inovação Social – bem comum, co-criação e regeneração– que serão aprofundados nos capítulos mais adiante, o projeto CriaRenda busca fechar o ciclo produtivo da moda, transformando resíduos em oportunidades e devolvendo à comunidade o protagonismo sobre sua própria realidade. Mais do que uma iniciativa isolada, o CriaRenda representa um modelo replicável, que pode ser adaptado para outras comunidades enfrentando desafios semelhantes, oferecendo uma solução prática para a gestão de resíduos têxteis e o fortalecimento socioeconômico local. Então, delimitando o foco da pesquisa, o projeto visa transformar resíduos têxteis em oportunidades de desenvolvimento econômico e social na comunidade Porto Novo, integrando as necessidades e potencialidades dela. Nesse cenário global, a pesquisa, através das abordagens de Design Estratégico e Inovação Social, objetiva reverter os padrões insustentáveis característicos do setor da moda, propondo modelos alternativos, que unem reaproveitamento de materiais, com uma visão circular e capacitação profissional, promovendo dignidade, autonomia e empoderamento da identidade comunitária.

Em última análise, esta pesquisa visa contribuir para o debate sobre Sustentabilidade na Moda, mostrando como o Design Estratégico, aliado à Inovação Social, pode gerar impactos positivos tanto no meio ambiente quanto nas comunidades. Ele não só oferece soluções práticas para o problema dos resíduos têxteis, como também promove uma mudança de mentalidade, deixando de ser visto como uma mera produção e se torna uma ferramenta para a inclusão social, para a inovação e para a sustentabilidade. O projeto CriaRenda propõe uma nova perspectiva sobre a moda, baseada na educação, na consciência ambiental e no bem viver, promovendo uma harmonia entre ser humano e natureza e resgatando o design como criador de soluções que beneficiem o coletivo e garantam um futuro sustentável. Neste sentido, segue a questão da pesquisa.

1.1 QUESTÃO DE PESQUISA

Como o Design Estratégico pode orientar a Inovação Social pela revalorização de resíduos têxteis disponíveis na comunidade Porto Novo, promovendo uma sensibilização sobre a sustentabilidade do setor da moda e oferecendo dignidade, autonomia e empoderamento para a comunidade?

1.2 OBJETIVOS

O objetivo geral da pesquisa é desenvolver um projeto de Inovação Social orientado pelo Design Estratégico na comunidade Porto Novo, que promova dignidade, autonomia e empoderamento para a comunidade a partir da construção de peças de moda com roupas descartadas, para a revalorização dos resíduos têxteis disponíveis.

Os objetivos específicos são os seguintes:

- a) Fundamentar o estudo diante do Design Estratégico e da Sustentabilidade na Moda, focando na revalorização de resíduos têxteis.
- b) Discutir os conceitos de Dignidade, Autonomia e Empoderamento no Design da Moda e no contexto social.
- c) Conhecer a relação da escola e da comunidade Porto Novo com o discurso da sustentabilidade e da prática da moda.

1.3 RELEVÂNCIA DA PESQUISA

A pesquisa apresentada nesta tese é de suma importância por diversas razões que se entrelaçam com os desafios contemporâneos enfrentados pela sociedade, especialmente no contexto do Antropoceno e da emergência climática (Scranton, 2013). A seguir, são destacadas as principais relevâncias da pesquisa:

Acadêmica: a pesquisa contribui para o corpo de conhecimento existente sobre design sustentável e Inovação Social, explorando a intersecção entre moda, sustentabilidade e empoderamento comunitário. O estudo propõe um método original ao integrar conceitos de dignidade, autonomia e empoderamento no Design Estratégico, na moda sustentável e na Inovação Social, contribuindo para o campo acadêmico ao explorar novas formas de sustentabilidade e design. Esta pesquisa demonstra como o Design Estratégico problematizador

desempenha um papel como uma metodologia que vai além da busca de soluções. Segundo Freire (2017), as qualidades que compõem o Design Estratégico são usadas para questionar o *status quo*, descobrir emergências, indicadores de mudança no ambiente e desenvolver estratégias para reorganizar o sistema.

Técnica: a pesquisa propõe metodologias práticas para o reaproveitamento de resíduos têxteis, promovendo soluções circulares, oferecendo diretrizes sobre como implementar soluções sustentáveis em comunidades marginalizadas. O projeto CriaRenda serve como um modelo prático que pode ser replicado em outras localidades, demonstrando a viabilidade de técnicas de design que não apenas minimizam o desperdício, mas também criam produtos comercializáveis. Essa abordagem técnica é essencial para a formação de profissionais capacitados em práticas de moda sustentável, desenvolvendo capacitações de novas habilidades.

Social e Cultural: o projeto foca no empoderamento das comunidades marginalizadas, possibilita alternativas de renda e fortalece o desenvolvimento local, incentivando dignidade, autonomia e empoderamento. Promove também uma sensibilização sobre o tema da sustentabilidade, em particular, no setor da moda, propondo uma nova narrativa sobre o vestuário que revaloriza a relação entre os indivíduos e os resíduos têxteis descartados.

Ambiental: Ao propor a revalorização de resíduos têxteis, com sua proposta de fechar o ciclo de vida dos produtos têxteis através da economia circular, o projeto contribui para a diminuição do descarte têxtil, mas também promove práticas sustentáveis na comunidade que respeitam o meio ambiente e incentivam uma convivência harmoniosa com a natureza.

Econômica: A pesquisa oferece um modelo sustentável de economia circular que pode gerar novas oportunidades de renda para comunidades em situação de vulnerabilidade. Ao capacitar os participantes com habilidades práticas, possibilita alternativas para uma independência financeira e fortalece o desenvolvimento econômico local, além de criar um vínculo entre sustentabilidade e geração de valor econômico.

1.4 ESTRUTURA DA PESQUISA

O estudo apresentado nesta pesquisa é organizado em duas partes principais: uma seção teórica e outra prática, interligadas para oferecer uma compreensão mais ampla possível do problema e das soluções propostas. Essa estrutura reflete o compromisso de articular conhecimento acadêmico com intervenções concretas, alinhadas aos princípios do Design Estratégico e da Inovação Social.

A primeira parte da pesquisa estabelece o pano de fundo contextual e conceitual. Parte de uma abordagem ampla, começando pelo conceito do Antropoceno, panorama que oferece a base para ilustrar como o consumismo, exemplificado de forma marcante pela indústria da moda, tornou-se um dos principais motores da degradação ambiental e social. Nesta seção, o estudo argumenta como a moda exige intervenções que promovam práticas sustentáveis. A discussão foca no papel crucial da economia circular como alternativa ao modelo linear predominante, propondo estratégias para minimizar o desperdício e valorizar os recursos através da reutilização, reciclagem e *upcycling*.

Além disso, os desafios socioambientais são apresentados como *wicked problems* — problemas intrincados, sem soluções simples ou definitivas, cuja complexidade exige abordagens sistêmicas e colaborativas. Aqui, o Design Estratégico é introduzido como uma abordagem poderosa para enfrentar essa complexidade, conectando múltiplos atores e dimensões para propor mudanças culturais e práticas. A conexão entre o Design Estratégico e a Inovação Social é detalhada, mostrando como pode transformar sistemas e relações sociais. Essa seção também inclui três referências no setor da moda, que ilustram como práticas de design e Inovação Social têm sido aplicadas para enfrentar problemas relacionados ao consumismo e à sustentabilidade socioambiental. Esses casos fornecem exemplos concretos que enriquecem a base teórica e inspiram o desenvolvimento do projeto proposto.

A segunda parte do estudo traduz a fundamentação teórica em ações práticas, apresentando a metodologia empregada no estudo e detalhando o desenvolvimento e a implementação do projeto CriaRenda. Essa seção inicia com uma análise do contexto específico em que o projeto se insere, ou seja, a comunidade de Porto Novo, em Porto Alegre. A narrativa explora a vivência pré-projeto, destacando a interação com a comunidade local e os *insights* obtidos nessa fase. A partir dessa experiência, são introduzidos os três pilares fundamentais da estratégia de intervenção: dignidade, autonomia e empoderamento. Esses conceitos são desdobrados para mostrar como orientaram cada etapa do projeto e refletem as necessidades e aspirações da comunidade. O foco central dessa parte é o relatório detalhado das oficinas realizadas no campo. Elas são descritas passo a passo, enfatizando como foram estruturadas para combinar teoria e prática, promovendo conscientização e desenvolvimento de capacitações. Cada atividade é analisada em termos de impacto, destacando os desafios enfrentados e as conquistas alcançadas.

Essa organização estruturada em duas partes — teórica e prática — não apenas facilita a compreensão do estudo, mas também reflete a própria lógica do Design Estratégico, que conecta reflexão e ação. A parte teórica fornece a base conceitual necessária para entender os

desafios e as possibilidades, enquanto a parte prática demonstra como esses conceitos podem ser aplicados para transformar realidades concretas. A parte final das conclusões inclui uma avaliação crítica do projeto, refletindo sobre os resultados obtidos e propondo perspectivas futuras. Isso reforça o compromisso de não apenas atender às demandas imediatas da comunidade, mas também contribuir para um debate mais amplo sobre sustentabilidade na moda e Inovação Social, reforçando a conexão entre pesquisa acadêmica e impacto social, destacando o papel do design como mediador entre teoria e prática, global e local, individual e coletivo.

2 ANTROPOCENO

Apesar da persistência de alguns negacionistas, a emergência climática é agora amplamente reconhecida pela grande maioria da comunidade científica como uma realidade inegável, com consequências tangíveis em todo o planeta. Essas consequências vão desde ondas de calor extremas até eventos meteorológicos cada vez mais violentos e imprevisíveis. Vivemos no Antropoceno, a atual era geológica em que a ação humana tem um impacto significativo no clima e no meio ambiente, contribuindo para a degradação ambiental, incluindo a perda catastrófica da biodiversidade e o colapso dos ecossistemas.

O termo Antropoceno, cunhado pelo biólogo Eugene F. Stoermer e pelo químico Paul Crutzen no início dos anos 2000, expressa claramente o que deve ser uma prioridade global para garantir a sobrevivência do planeta e das gerações futuras: a necessidade de uma intervenção imediata para reduzir as emissões de gases de efeito estufa e adotar práticas sustentáveis.

De acordo com Ron Milo do Instituto Weizmann de Ciência, com base em um estudo publicado em 2018 na revista *Proceedings of the National Academy of Sciences* (PNAS) “*The biomass distribution on Earth*”, os seres humanos representam apenas 0,01% de toda a vida na Terra. Apesar de nossa insignificância numérica e temporal, nossas ações têm perturbado o equilíbrio que persistiu por milênios. Desmatamento, desertificação, urbanização, poluição e agricultura intensiva são algumas das atividades que contribuem para a destruição gradual e implacável da terra. Estimativas sugerem que entre 30.000 e 140.000 espécies se extinguem a cada ano, e dentro das próximas décadas, cerca de 50% das espécies atuais estarão extintas (Goldfrog, 2011). Uma perda catastrófica da biodiversidade é altamente provável de causar um colapso do ecossistema, tornando o planeta inabitável para os seres humanos. Sterling adverte:

O que devemos temer verdadeiramente é o declínio irreversível. A era em que estamos é uma situação sombria onde todos nós sabemos que os melhores dias da humanidade estão atrás de nós e que nenhum dos nossos esforços, não importa quão brilhante ou sincero, poderia desfazer os erros que a humanidade já cometeu (Sterling, 2005).

Projeções de pesquisadores da Universidade do Havaí indicam que enfrentaremos climas “historicamente sem precedentes” até 2047 - não possivelmente, não potencialmente, mas inevitavelmente (Scranton, 2013). O climatologista James Hansen, ex-da NASA, alerta que estamos caminhando para um futuro “apocalíptico”, uma visão compartilhada por pesquisadores em todo o mundo, incluindo Anders Levermann, Paul e Anne Ehrlich, Lonnie Thompson e muitos outros (Scranton, 2013). Para o autor antes citado, o ponto de não retorno

já foi cruzado; portanto, a questão não é mais se o aquecimento global existe ou como ele pode ser parado, mas como lidar com suas consequências.

No entanto, essa narrativa generalista do Antropoceno tem sido criticada: ao falar de "humanidade" de forma coletiva, pode-se ocultar as responsabilidades específicas dos sistemas econômicos e políticos que levaram à degradação ambiental. Em resposta a essas críticas, Jason W. Moore (2015) propôs o conceito de Capitaloceno: os desastres climáticos que testemunhamos são apenas o sintoma de causas mais profundas: o capitalismo desenfreado (e o consequente consumismo exacerbado). Segundo Moore (2015), o Capitaloceno descreve um sistema que, desde sua origem, foi construído sobre a extração e o uso predatório de recursos naturais e humanos de baixo custo. O capitalismo não é apenas um sistema econômico, mas uma "ecologia do poder" que configura as relações entre natureza, trabalho e capital. Pois, o consumismo moderno é caracterizado por uma aceleração insustentável da produção que, como evidenciado por Nancy Fraser (2013), depende de uma "economia oculta", elementos que permanecem invisíveis nas contas econômicas oficiais, incluindo exploração do trabalho, consumo de energia e desperdício de recursos – priorizando a quantidade em detrimento da qualidade. Isso resulta em um ciclo contínuo de compras e substituições, alimentado por estratégias de marketing que tornam desejáveis até os objetos mais supérfluos, cujo valor intrínseco é reduzido em favor de uma satisfação imediata e superficial. A publicidade é essencialmente uma forma de propaganda que nos encoraja a comprar coisas, desenhada para nos fazer sentir incompletos e incompetentes, com problemas que podem ser “resolvidos” através do consumo constante de novos produtos.

A vida cotidiana é falsamente cômoda. A sociedade de consumo impõe altos padrões aos seus membros, onde evitar o tédio e a infelicidade depende do ato de consumir, resultando na perda de tempo contemplativo. Compramos para preencher o vazio deixado pela incapacidade de desfrutar o tempo com calma. O conforto que alcançamos, possuindo as coisas antes mesmo de querê-las, não está nos ajudando, ele apenas produz uma gratificação instantânea. As redes sociais estão repletas de links afiliados que prometem descontos imperdíveis em objetos inúteis, que de repente nos parecem indispensáveis. O vazio e o supérfluo são anunciados em todos os lugares e para todos, objetos produzidos do outro lado do mundo que chegam no mesmo dia da compra, enquanto por trás dessas entregas tão rápidas e ofertas tão baratas há uma massa de exploração desumana. A cadeia do falso bem-estar esconde morte e colonização, a destruição do planeta em que habitamos, envenenando terra e água, a expansão da desumanidade civil e social.

Mark Fisher (2020), em seu conceito de realismo capitalista, observa como o capitalismo se enraizou na consciência coletiva a ponto de parecer inevitável. O fato é que nunca precisávamos realmente desses objetos, mas muitas vezes somos seduzidos pelo seu apelo imediato, esquecendo disso. Por trás de cada produto há sempre alguém, cada produto tem uma história, que envolve pessoas reais e suas vidas. Essa roupa é barata demais, será que foi produzida de maneira justa? A globalização, que tanto fala de ética, refere-se à ética do mercado e não à ética universal do ser humano, pela qual devemos lutar, escondendo e mascarando a malignidade inerente ao capitalismo (Freire, 1996). Este questionamento ético torna-se ainda mais pertinente quando inserido no contexto histórico da moda sobre a procedência das roupas — muitas vezes produzidas de forma injusta e em condições precárias.

2.1 A SOMBRA DA MODA

O ciclo de produção da moda passou por transformações significativas, especialmente com a revolução industrial, que introduziu fábricas equipadas com máquinas têxteis inovadoras. A partir de 1846, com a patente da máquina de costura, observou-se uma queda drástica nos preços e um aumento exponencial na escala de produção de roupas (Mora, 2009). Essa mudança não apenas democratizou o acesso à moda, mas também alterou profundamente as dinâmicas de trabalho e consumo. As empresas locais de alfaiataria que produzem roupas para a classe média geralmente incluíam, além de uma equipe de funcionários do laboratório, pessoas que trabalham em casa com salários muito baixos. No início do século XX, embora a produção de roupas ainda fosse predominantemente feita em casa ou em pequenas oficinas, o aumento do número de fábricas começou a mudar esse cenário (Mora, 2009). A Segunda Guerra Mundial trouxe consigo uma necessidade de estilos mais funcionais e práticos (Mora, 2009), resultando em um aumento da produção padronizada para todas as peças de vestuário: era o início da massificação do vestuário, que se tornaria um padrão para os consumidores. A partir desse momento, o vestuário produzido em massa passou a ser valorizado e aceito como parte do cotidiano das pessoas.

A queda contínua dos preços se acentuou a partir dos anos 1970, quando grandes produtores ocidentais começaram a terceirizar a produção, delegando processos a empresas externas em busca de redução de custos (Mora, 2009). Essa estratégia teve uma resposta positiva do público e levou ao lançamento frequente de novas coleções — inicialmente sazonalmente e, posteriormente, com uma frequência crescente. Mas, a produção terceirizada frequentemente resulta em produtos de baixa qualidade, o que diminui tanto o custo quanto a

durabilidade das peças e essa dinâmica, por sua vez, impulsiona o aumento do consumo, uma vez que a oferta supera amplamente a demanda (Mora, 2009). Esse descompasso gera superprodução e contribui para um rápido desperdício têxtil. Marcas de *fast fashion*, ou moda rápida, tornaram-se emblemáticas desse novo modelo de negócios, impondo lançamentos de novos itens a cada duas semanas. Então, se antes as roupas não eram consideradas bens de consumo cotidiano e não existia a expectativa de usar roupas novas todos os dias, no entanto, o século XX testemunhou o surgimento da produção em massa rápida e acelerada, destinada a criar roupas que logo seriam esquecidas e substituídas por outras. Essa mentalidade consumista culminou no surgimento da *fast fashion*, um fenômeno que prioriza o ter sobre o ser.

Entre os principais responsáveis pela poluição global está a indústria têxtil (Fletcher & Grose, 2012), que contribui para problemas ambientais graves como o desmatamento da Amazônia, a transformação do deserto de Atacama em um lixão de roupas, e o acúmulo de vestuário em países em desenvolvimento. O documentário *Unravel* (2016), dirigido por Meghna Gupta, revela que anualmente são descartadas cerca de 14 milhões de toneladas de roupas e tecidos usados, sendo que 48% deles ainda estão em boas condições. Alarmantemente, 84% acabam em aterros ou incineradores, com um impacto devastador no meio ambiente. A EPA estima que reciclar essas roupas poderia reduzir a poluição de maneira comparável à remoção de 7,3 milhões de automóveis das estradas. De 0,95 milhões de toneladas de microplásticos por ano, 190.000 provêm de têxteis (Eunomia Research and Consulting, 2016); de todos os produtos químicos produzidos em todo o mundo, a indústria da moda usa 23% (Sustain your style, 2017). A produção têxtil dobrou entre 2000 e 2015, e a cada segundo, um caminhão cheio de têxteis vai para o aterro ou incineração (EU Strategy for Sustainable and Circular Textiles, Commissione Europea, 2022). Contudo, apenas 1% das roupas usadas é reciclado em novas peças (Nikolina Šajn, 2022).

Além dos impactos ambientais devastadores, a indústria têxtil é tristemente conhecida por suas práticas exploratórias que se assemelham à escravidão moderna. Isso inclui trabalho forçado e infantil, em condições desumanas, afetando especialmente as mulheres sem educação, que, devido à sua vulnerabilidade, não conseguem reivindicar seus direitos e são expostas a várias formas de abuso e exploração. A falta de regulamentação e legislação rigorosa para garantir condições dignas e transparência no setor é observada em vários países. A desvantagem de uma cadeia de abastecimento fragmentada (Kozlowski et al., 2016), especialmente sobre processos terceirizados e de matérias-primas, pois as marcas de vestuário não lidam diretamente com eles e então há dificuldade em exercer influência, é justamente essa falta de controle que aumenta enquanto a transparência diminui. Os produtos comerciais são frequentemente obtidos

com base na rota mais barata (Fletcher & Grose, 2011; Kozlowski et al., 2016), levando empresas ocidentais a terceirizar mão-de-obra e matérias-primas para países onde os custos são significativamente mais baixos (Åkesson et al., 2007).

A indústria da moda tem enfrentado um crescente déficit de confiança, especialmente depois das tragédias recentes sobre condições de trabalho desumanas. Incluem o incêndio de 2012 na fábrica de moda Tazreen com 124 vítimas, e o colapso do Rana Plaza em Savadidel em 2013, com 1.134 mortes e 2.515 feridos, ambos em Bangladesh (Amnesty International, 2024). No entanto, escândalos sobre as condições laborais não são novos; porque, já no século passado, houve escândalos sobre as estruturas em que as pessoas trabalhavam. O pior acidente industrial na história de Nova York foi o incêndio em 25 de março de 1911 na fábrica Triangle Shirtwaist, que matou 146 pessoas, principalmente jovens mulheres imigrantes de origem italiana e judaica com idades entre 13 e 22 (Enciclopedia Britannica, 2025). Os proprietários foram diretamente responsáveis pelo incidente, porque no momento do incêndio eles estavam no edifício e, antes de fugir graças a uma saída que os funcionários não sabiam, não tinha destrancado as portas, que costumavam trancar por medo de os trabalhadores roubarem materiais ou fazerem muitos intervalos.

Esses eventos trágicos ressaltam não apenas as falhas sistêmicas na indústria da moda, mas também a urgente necessidade por mudanças significativas nas práticas produtivas e nas políticas regulatórias que garantam tanto a proteção ambiental quanto os direitos humanos dos trabalhadores envolvidos na cadeia produtiva da moda. Mudanças que não podem ser estratégias de marketing que promovem produtos como sustentáveis ou ecológicos, sem que as práticas subjacentes de produção e negócios sejam realmente modificadas para beneficiar o meio ambiente ou os trabalhadores envolvidos. Essa prática comum é chamada de *Greenwashing* e tem se intensificado, especialmente em um momento em que consumidores estão cada vez mais atentos às questões de sustentabilidade, criando uma demanda por práticas éticas e produtos “verdes”. No entanto, a superficialidade dessas ações pode gerar impactos negativos tanto para o meio ambiente quanto para as comunidades vulneráveis, enquanto perpetua os modelos de produção insustentáveis.

Um exemplo crescente de *Greenwashing* é a apropriação da moda de segunda mão por grandes marcas, as quais incentivam os consumidores a trocarem roupas usadas por descontos em novos produtos, apresentando essa ação como uma iniciativa sustentável. Embora isso pareça promover um modelo de economia circular, na prática, a estratégia é utilizada para (I) incentivar o consumo contínuo – oferecendo descontos e impulsionando os consumidores a comprar novos itens; – (II) para manter altos níveis de produção – apesar de coletarem peças

usadas, essas empresas geralmente não reduzem a quantidade de roupas novas produzidas e a sobreprodução continua sendo um dos maiores problemas da indústria da moda; – (III) criar uma falsa sensação de sustentabilidade – usada nessas campanhas como máscara, enganando consumidores que buscam fazer escolhas mais éticas.

As marcas frequentemente prometem que as roupas recolhidas serão recicladas ou reutilizadas, contribuindo para fechar o ciclo da cadeia de produção. No entanto, relatórios como o da Changing Markets Foundation (2022) revelam que isso não acontece com grande parte dessas peças. Algumas acabam exportadas para países em desenvolvimento – na ausência de infraestrutura adequada para reciclagem ou reaproveitamento em larga escala, muitas roupas são enviadas para países da África, Ásia e América do Sul, sob o pretexto de doações ou vendas de baixo custo. Outras são descartadas inadequadamente – em muitos casos, as roupas exportadas são de baixa qualidade ou estão em condições que impossibilitam seu reaproveitamento. Isso resulta em grandes volumes de resíduos têxteis acumulados em aterros sanitários ou descartados em locais inapropriados. Essa prática, chamada de *waste colonialism*, transfere os problemas ambientais dos países ricos, causados do consumo e da produção insustentável, para os mais pobres (Galatti e Ramos, 2022), criando novos desafios ecológicos e sociais para as populações locais – exacerbação do “colonialismo de resíduos”, forma moderna de exploração que reflete as desigualdades globais. Nancy Fraser (2013) também observa que o Capitaloceno está intrinsecamente ligado a uma lógica de acumulação que perpetua a marginalização de determinadas comunidades. Essa dinâmica se manifesta através do racismo ambiental, um fenômeno em que os custos ecológicos e sociais da degradação ambiental são distribuídos de maneira desproporcional, afetando especialmente as comunidades mais vulneráveis: trabalhadores precarizados, minorias raciais, mulheres e populações indígenas. Comunidades já vulneráveis enfrentam consequências devastadoras como riscos à saúde – o descarte inadequado de roupas em países como Gana, Índia e Brasil gera poluição ambiental, expondo as populações locais a produtos químicos tóxicos presentes nos tecidos – e à segurança devido à poluição do solo, da água e do ar causada pelo acúmulo de resíduos têxteis, devido à ausência de infraestrutura para gerenciar os grandes volumes de resíduos recebidos, resultando em aterros improvisados e degradação ambiental.

A apropriação errada da moda de segunda mão por grandes marcas contradiz o objetivo central desse movimento: reduzir a produção e o consumo desenfreado de roupas. Em vez de desacelerar a cadeia produtiva e promover práticas realmente sustentáveis, essas ações acabam reforçando a lógica da *fast fashion*, focada em produzir e vender mais, desconsiderando os impactos ambientais e sociais; a exploração de trabalhadores e recursos, continuando explorar

mão de obra em condições precárias e consumindo recursos naturais de forma excessiva, sem uma real mudança estrutural.

Como resultado, a estrutura de fabricação tornou-se um obstáculo para que o setor atinja um nível importante de inovação e, portanto, sustentabilidade (Kozlowski et al., 2018). Combater essa dinâmica requer uma mudança estrutural no setor, com foco em produção responsável, consumo consciente e respeito pelos direitos humanos e pelo meio ambiente. A incapacidade de inovar de forma sustentável não é apenas uma barreira econômica, mas um problema sistêmico que impacta diretamente o equilíbrio ambiental e a justiça social.

2.2 UMA EXIGÊNCIA DE SUSTENTABILIDADE

Diante dos grandes desafios impostos pela mudança climática e de um mundo cujas fundações se mostram cada vez mais frágeis, um medo comum está se espalhando, servindo como uma ferramenta vital para a sobrevivência. No entanto, esse medo, por si só, não é suficiente para garantir resultados produtivos a longo prazo (Light, et al., 2017). Estamos consumindo os recursos do planeta de maneira acelerada, mas não conseguimos alimentá-lo de forma sustentável. É imperativo que busquemos um forte apoio coletivo para reconhecer as dificuldades que enfrentamos e, a partir daí, mudar nossa perspectiva. Precisamos deslocar o foco do ser humano como o centro do universo e cultivar uma harmonia entre a natureza e a humanidade, reconhecendo a interdependência que nos une. Essa mudança exige uma visão mais equitativa e ecológica. A necessidade de superar essa lógica do capitalismo manifesta-se nos conceitos de justiça ambiental e economia circular, que propõem modelos alternativos baseados na redistribuição equitativa de recursos e na redução do impacto ambiental.

O Dicionário de Cambridge define SUSTENTABILIDADE como “a qualidade de ser capaz de continuar durante um período”. Essa definição simples, mas poderosa, encapsula a essência do que buscamos em nossas interações com o meio ambiente. A sustentabilidade é frequentemente estruturada em quatro pilares: ambiental, econômico, social e cultural. Esses pilares foram introduzidos pela primeira vez em documentos de políticas em 2010 e têm sido progressivamente reconhecidos como elementos cruciais para a construção de um futuro sustentável (UNESCO, 2010).

O primeiro pilar, o ambiental, refere-se à nossa capacidade de viver dentro dos limites da biosfera (UNESCO, 2010). Isso implica reconhecer os limites planetários e adotar princípios ecológicos que considerem as pessoas como parte integrante da natureza. É fundamental buscar práticas que preservem a qualidade do mundo natural a longo prazo. Isso não se limita apenas

à conservação dos recursos naturais, mas também à promoção da biodiversidade e à mitigação das mudanças climáticas.

O pilar económico aborda a capacidade dos cidadãos de usufruir das condições de vida dentro dos limites acordados em termos de níveis salariais relativos ao custo de vida (UNESCO, 2010). Este pilar abrange questões como a desigualdade salarial e o acesso equitativo ao investimento regional e inter-regional. A relação saudável entre produtividade, emprego e condições económicas é essencial para garantir que todos tenham oportunidades justas.

O terceiro pilar é o social, que se concentra na capacidade das comunidades de interagir e colaborar de formas que criam, promovem e exemplificam a coesão social (UNESCO, 2010). Isso envolve considerar lugares, comunidades e organizações, formais e informais, e seus recursos, oportunidades e desafios. A promoção da agência dos indivíduos dentro dessas comunidades é crucial para fomentar um ambiente onde todos possam se expressar livremente e agir em harmonia com os outros.

Por fim, o quarto pilar é o cultural, que se refere a sistemas que reconhecem e alimentam a diversidade, refletindo as variadas comunidades, lugares e sistemas de crenças existentes ao redor do mundo (UNESCO, 2010). A preservação do patrimônio cultural, histórias e práticas tradicionais é fundamental para garantir que essas comunidades mantenham sua integridade enquanto buscam formas sustentáveis de coexistir com o meio ambiente.

As ferramentas necessárias para iniciar uma transformação significativa no mundo não eliminam completamente os danos já causados, mas têm o potencial de reduzi-los substancialmente. Para isso, precisamos cultivar conhecimentos e atitudes rebeldes e revolucionárias. Como Freire afirma:

É preciso, porém, que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na compreensão do futuro como problema e na vocação para o ser mais como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamentos para a nossa rebeldia e não para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação, mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos (Freire, 1996, 41).

No entanto, essa rebeldia não é suficiente e deve ser argumentada, criticada, discutida e fundamentada solidamente, não podemos nos contentar com soluções superficiais. A solução não reside apenas em consumir menos, mas é necessário recusar um sistema que coloca o lucro acima da dignidade humana e da saúde do planeta. É necessária e imprescindível uma transformação radical de toda a estrutura económica global, onde o objetivo não seja apenas maximizar lucros, mas também promover o bem-estar coletivo em suas múltiplas dimensões: social, cultural e ambiental. Essa mudança exige uma revolução humanitária significativa, na qual o valor das pessoas e do meio ambiente esteja no centro das decisões económicas e

produtivas. O futuro é certamente problemático, mas não inexorável. A mudança é difícil, mas possível.

A lógica atual de consumo rápido e crescimento infinito tem causado sérios danos tanto às pessoas quanto ao meio ambiente em nome da produção em massa a baixo custo. Esse modelo insustentável está sendo cada vez mais questionado por um movimento crescente de consumidores conscientes que buscam informações sobre os processos produtivos antes de fazer suas escolhas. Esses consumidores estão optando por alternativas mais sustentáveis e incentivando práticas produtivas éticas. Conforme afirmam Manzini e Cullars (1992), os limites físicos do meio ambiente tornam agora impossível conceber o design sem considerar a rede mais ampla de relações que o produto terá com o meio ambiente ao longo de todo o seu ciclo de vida, desde a produção, até o uso e o descarte. Essa abordagem holística é essencial para garantir que as decisões tomadas hoje não comprometam as gerações futuras.

A definição oximorônica do termo “desenvolvimento sustentável” – cunhada na publicação do Brundtland Report, *Our Common Future*, 1987 – ainda é vista através da lente do modelo capitalista convencional da economia. Nesse contexto, os interesses do desenvolvimento frequentemente entram em conflito com as necessidades da natureza; conciliá-los dentro desse paradigma tem se mostrado uma tarefa quase impossível. Portanto, torna-se urgente repensar nossas abordagens à sustentabilidade e ao desenvolvimento econômico. É preciso construir uma nova narrativa que coloque a dignidade humana e a saúde do planeta no centro das nossas ações coletivas, por meio de modelos alternativos que desafiem a lógica tradicional. Somente assim poderemos enfrentar os desafios globais que se avizinham com esperança e determinação.

2.3 PRODUÇÃO CIRCULAR

É justamente a partir dessa urgência que surge a necessidade de identificar caminhos práticos e viáveis de transição. Entre as alternativas emergentes, a Economia Circular destaca-se como uma proposta promissora, oferecendo uma perspectiva regenerativa em oposição ao vigente paradigma linear de extrair, produzir, consumir e descartar. Essa mudança é essencial, considerando não apenas os limites físicos do planeta, mas também a urgência em promover ciclos produtivos que respeitem tanto a dignidade humana quanto a saúde ambiental. A indústria da moda é um exemplo emblemático dessa necessidade.

O modelo tradicional assume equivocadamente a abundância infinita de recursos e a capacidade ilimitada do ambiente para absorver emissões e resíduos – os ciclos de vida das

roupas foram drasticamente encurtados (estima de 2,2 anos) e até 80% de todos os produtos nos primeiros seis meses são jogados fora (Niinimäki, 2021). Em contraste, o modelo circular busca minimizar o uso de novos materiais, promovendo o reaproveitamento, a reciclagem e a extensão do ciclo de vida dos produtos (Kothari et al., 2019) e algumas empresas perceberam benefícios de custo através da redução das taxas de aterros sanitários ou doação de resíduos têxteis, agregando valor à indústria (Wagner; Heinzl, 2020). Economia circular significa adotar uma nova mentalidade, mais estratégica e orientada para o futuro em todos os aspectos de uma atividade (Niinimäki, 2021). Popularizado por Dame Ellen MacArthur no ano 2010, essa abordagem estratégica emergente é vista como uma solução promissora para promover a preservação ambiental sem comprometer o crescimento econômico. No cerne do conceito, estão as estratégias da Economia Circular, que incluem:

Reduzir o uso de matérias-primas: promover uma significativa diminuição na extração de recursos naturais, revertendo o modelo tradicional de “extrair, produzir e descartar” que caracteriza o sistema econômico contemporâneo.

Incentivar práticas de reutilização: estimular o reaproveitamento de materiais e alimentos que ainda possuem valor de uso, evitando padrões de descarte precoce. Essas práticas são essenciais para maximizar o aproveitamento dos recursos, beneficiando diferentes atores da sociedade.

Aumentar a reciclabilidade dos bens: implementar sistemas eficazes de gestão de materiais secundários, promovendo mercados que viabilizem a reciclagem e reinserção de resíduos no ciclo produtivo. Essa abordagem não apenas minimiza o desperdício, mas também fortalece cadeias de valor mais resilientes e sustentáveis.

Segundo Potting et al. (2017), a estratégia da economia circular evoluiu das “3Rs” (reduzir, reutilizar e reciclar) para as “9Rs,” que incluem também recusar, reprojetar, reparar, renovar, refazer e recuperar. Essa estratégia de desenvolvimento sustentável visa criar ciclos de produção fechados, nos quais os materiais podem retornar ao meio ambiente natural sem perder grande parte de sua qualidade (Pearce e Turner, 1989; Perman, McGilvray & Common, 2003; Rosa, 2016). Porém, a reciclagem têxtil enfrenta desafios técnicos e econômicos, como a falta de sistemas eficientes de coleta e classificação, além de barreiras relacionadas à reciclabilidade de misturas têxteis. Conforme Coscieme et al. (2022), estima-se que mais de 70% dos têxteis descartados sejam destinados a aterros ou incinerados, representando uma oportunidade perdida para a circularidade e a agregação de valor.

No setor da moda, modelos de negócios alternativos, como o *second-hand*, a revenda, a troca, o aluguel, a reparação, o conserto e a digitalização de produtos, são fundamentais para

repensar as dinâmicas da indústria, frequentemente associada à superprodução, ao consumo inconsciente e à degradação ambiental – este setor utiliza recursos em grande parte não renováveis (Niinimäki, 2021). Uma tecnologia relevante, cuja aplicação na indústria tem o potencial de promover sustentabilidade, fundamental para uma moda mais ética e consciente, é a *blockchain*, um sistema de monitorização da cadeia produtiva para garantir processos transparentes e rastreáveis. Outro ponto fundamental para promover uma moda mais sustentável está relacionado às características das peças produzidas. Entre elas a qualidade desponta como uma prioridade, prolongando a vida útil das roupas; aliada à qualidade está a durabilidade, uma característica indispensável em um mercado que precisa superar a lógica descartável da *fast fashion*, reduzindo a demanda por novas produções e minimizando o impacto ambiental. A modularidade também desempenha um papel estratégico, permitindo que uma mesma peça possa ser adaptada ao longo do tempo por meio de elementos removíveis, ajustes ou transformações, incentivando a criatividade dos consumidores também, e a multifuncionalidade e a versatilidade, reduzindo a necessidade de um guarda-roupa extenso.

Conforme Coscieme et al. (2022), esses modelos visam manter produtos e materiais “*in the loop*,” permitindo uso estendido, reparo, reaproveitamento e reciclagem. No entanto, alcançar a circularidade na moda requer mudanças significativas, incluindo políticas públicas eficazes, comportamento consciente dos consumidores e adoção de inovações técnicas e sociais. Entre as iniciativas que se destacam estão o *upcycling* e o *downcycling*. Enquanto o *downcycling* converte produtos descartados em materiais de menor valor, o *upcycling*, ou reaproveitamento criativo de materiais, transforma resíduos em peças únicas e de maior valor agregado. O resíduo de tecidos tem uma forte influência na estética de um novo vestuário e, além disso, esta abordagem não requer grandes investimentos em tecnologia, mas desafia a forma atual de projetar e fabricar em escala industrial (Niinimäki, 2021). Essa transformação dos objetos descartados em peças únicas e personalizadas, não apenas incentiva criatividade e envolvimento direto dos usuários com os produtos, criando uma conexão emocional entre eles, mas também promove um consumo mais consciente, desafiando a lógica do descarte rápido característica da *fast fashion*. O objetivo é eliminar completamente a noção de roupas descartadas e lixo, pois tudo pode ser reutilizado e transformado em algo novo: o lixo é a matéria-prima do futuro. A reutilização de resíduos têxteis, como destacado por Coscieme et al. (2022), reduz o uso de recursos na cadeia de valor e minimiza impactos negativos associados ao descarte em aterros ou incineração.

O *upcycling* é uma prática que tem raízes profundas na história das comunidades vulneráveis (Fletcher, 2008). Transformar peças descartadas em novos produtos não é apenas

uma maneira de estender a vida útil dos itens; é também uma resposta necessária às pressões socioeconômicas enfrentadas por muitas mulheres. Essa prática pode incentivar mudanças sistêmicas na produção de moda, promovendo processos mais justos e ecológicos. Na indústria da moda, a trajetória das mulheres em práticas de reparo e revenda de roupas é rica e multifacetada, especialmente após a Revolução Industrial. Historicamente, as mulheres foram as principais responsáveis por essas práticas, que, com o tempo, foram desvalorizadas e relegadas ao espaço doméstico, distantes do reconhecimento profissional. O reparo de roupas não apenas representa uma habilidade prática, mas também se tornou um meio de sustento e empoderamento em contextos de marginalização socioeconômica. Essa mudança refletiu uma ideologia que associava o trabalho de costura e reparo ao papel feminino tradicional, relegando essas atividades ao espaço privado. Apesar disso, muitas mulheres continuaram a utilizar suas habilidades em costura como uma forma de gerar renda e sustentar suas famílias. O reparo de roupas e técnicas como o *patchwork* tornaram-se não apenas uma necessidade, mas também uma forma de resistência cultural e econômica. Reparar roupas é um ato que desafia a lógica da superprodução na indústria da moda. Cada vez que uma peça é consertada ao invés de descartada, as mulheres estão afirmando seu papel na luta contra o consumismo desenfreado. Essa prática resgata o afeto e as conexões emocionais com as roupas, transformando-as em objetos carregados de história e valor sentimental. Ao priorizar o reparo sobre o descarte, as mulheres não apenas preservam suas peças, mas também contribuem para um movimento mais amplo de sustentabilidade na moda.

Esse processo contrasta nitidamente com o ritmo frenético do consumismo e da *fast fashion*; ao invés disso, desacelera naturalmente toda a cadeia produtiva e o ciclo de vida dos produtos, promovendo uma mentalidade “slow”, apoiada pelo movimento *slow fashion* (Fletcher & Grose, 2012). Em vez de comprar e consumir bens para “preencher o tempo”, somos incentivados a valorizar o tempo contemplativo ou, simplesmente, a fazer as coisas em um ritmo mais lento (Manzini, 2003). Segundo a definição de Kozlowski, Searcy e Bardecki (2018), a moda sustentável considera todas as fases do ciclo de vida das roupas. Essa abordagem adota uma visão holística e um pensamento sistêmico com o objetivo de reduzir os impactos negativos da indústria da moda enquanto gera efeitos positivos nos níveis social, econômico e ambiental. A moda sustentável não é apenas uma resposta às questões ambientais; ela também busca criar um valor social significativo ao promover condições justas para todos os envolvidos na cadeia produtiva.

Para que a economia circular se integre de forma significativa no ciclo de criação e produção da moda, é essencial que as marcas adotem essa abordagem desde o design até o

descarte. Isso implica em repensar todo o modelo de negócios da indústria da moda para priorizar a sustentabilidade e a responsabilidade social. Centros de conhecimento e plataformas virtuais ou físicas podem desempenhar um papel crucial, promovendo a visibilidade de práticas como *upcycling* e compartilhando abordagens bem-sucedidas. Além disso, a combinação de modelos baseados em acesso e extensão de vida útil dos produtos, como personalização e reparo, pode atrair consumidores ambientalmente conscientes e reforçar o compromisso com a sustentabilidade.

A transição para um sistema circular e sustentável na moda não se limita a reduzir impactos ambientais, mas também inclui gerar valor social, promovendo justiça econômica e inclusão. Ao adotar a economia circular e estratégias como o *upcycling*, a indústria da moda tem a oportunidade de reconfigurar seu impacto global, promovendo um sistema regenerativo que beneficie tanto o planeta quanto as comunidades que dele dependem. Como observa Manzini (2003), essa mudança requer não apenas a implementação de novas práticas, mas também profundas inovações culturais que alterem comportamentos e valores, orientando tanto produtores quanto consumidores para um futuro mais equilibrado e consciente.

3 DESIGN ESTRATÉGICO PARA INOVAÇÃO SOCIAL

Nesse contexto, para atuar nestas mudanças, o Design Estratégico emerge como uma abordagem essencial para enfrentar os desafios contemporâneos, especialmente diante de problemas complexos e interdependentes que ultrapassam as capacidades de soluções tradicionais. Problemas como desigualdade social e degradação ambiental são caracterizados por sua natureza multifacetada, exigindo intervenções que considerem a interação de múltiplos sistemas. Nesse sentido, a Inovação Social, apoiada por um Design Estratégico, destaca-se como uma prática poderosa para promover mudanças significativas e sustentáveis.

No cerne dessa abordagem está a compreensão de que os problemas sociais e ambientais não podem ser isolados nem resolvidos por meio de respostas lineares ou convencionais. São “problemas perversos” (*wicked problems*), como definidos por Rittel e Webber (1973), que resistem a soluções definitivas e exigem processos contínuos de experimentação, adaptação e colaboração. Esses problemas não possuem uma formulação clara e, muitas vezes, estão enraizados em contextos culturais, econômicos e políticos específicos, tornando-se ainda mais desafiadores para o design tradicional.

O Design Estratégico, diferentemente das abordagens focadas exclusivamente em produtos ou serviços, propõe uma visão sistêmica que conecta atores, recursos e práticas em torno de objetivos compartilhados. Ele vai além da estética ou da funcionalidade, posicionando-se como um mediador entre diferentes perspectivas e interesses. Como afirmam Meroni (2008) e Manzini (2015), o Design Estratégico é capaz de criar redes sociais, estimular inovações culturais e propor mudanças estruturais em sistemas e relações, promovendo soluções que sejam tanto sustentáveis quanto transformadoras.

A Inovação Social, por sua vez, refere-se à introdução de novas práticas, ideias e configurações sociais que buscam gerar bem-estar coletivo e resolver problemas específicos de maneira colaborativa. Não se trata apenas de criar soluções imediatas, mas de reconfigurar sistemas e valores, propondo alternativas que sejam inclusivas e alinhadas às necessidades locais. Manzini (2015) destaca que a Inovação Social encontra terreno fértil em contextos de insatisfação com os estilos de vida individualistas, oferecendo oportunidades para práticas colaborativas e regenerativas.

Os capítulos a seguir aprofundam esses temas, começando pela análise dos ‘*wicked problems*’, que servem como ponto de partida para compreender a complexidade e a indeterminação dos desafios enfrentados pela sociedade contemporânea. Em seguida, exploramos o papel de um Design Estratégico sistêmico, que, por meio de uma abordagem

interdisciplinar e contextual, se apresenta como um caminho promissor para lidar com tais problemas. Por fim, investigamos a potência da Inovação Social, demonstrando como ela pode transformar realidades locais e globais ao conectar sustentabilidade, inclusão e empoderamento. Essa trilha teórica fornece a base para compreender como o Design Estratégico pode atuar como um catalisador para mudanças significativas, conectando indivíduos, comunidades e sistemas em torno de um objetivo comum: a construção de um futuro mais justo, sustentável e colaborativo.

3.1 UMA REALIDADE INTRÍNSECA DE COMPLEXIDADE

A complexidade dos problemas socioambientais é que eles não possuem soluções únicas e definitivas, nem critérios 'científicos' e que as soluções têm efeitos de longo prazo e são difíceis de prever completamente. Conforme Rittel e Webber (1973), nos problemas perversos, qualquer solução implementada inevitavelmente desencadeará uma série de consequências ao longo de um período prolongado. Essas repercussões, por sua vez, gerarão novos desdobramentos que não podem ser totalmente avaliados até que todas as ondas de impacto tenham se dissipado. Não dispomos de ferramentas capazes de prever, de forma exata e antecipada, o alcance e a profundidade dessas consequências em todas as vidas e sistemas afetados, tampouco é possível traçá-las de maneira abrangente em um período limitado. Cada tentativa de solução é significativa, pois, em problemas perversos, a própria formulação do problema já constitui parte do desafio (Rittel e Webber, 1973). São questões – ou “wicked problem” – que envolvem múltiplas dimensões interdependentes, gerando efeitos de longo prazo difíceis de mensurar (Buchanan, 1992).

As crises ecológicas e sociais que enfrentamos atualmente – uma ação combinada de mudança climática, crescimento populacional, insustentabilidade global e instabilidade geopolítica – são inseparáveis do modelo de vida social que se tornou dominante nos últimos séculos, que inclui industrialismo, capitalismo, modernidade, (neo)liberalismo, antropocentrismo, racionalismo, patriarcado e secularismo (Escobar, 2018). A crescente conscientização sobre os problemas relacionados à indústria criativa da moda está intimamente ligada à aprendizagem social, essencial para garantir o bem-estar duradouro e um planeta sustentável, reconhecendo a necessidade de interromper o modelo atual. Essa conscientização reconhece a necessidade urgente de interromper o modelo atual de produção e consumo que tem mostrado ser insustentável. Ao mudarmos nosso mundo, nós mesmos mudamos.

Essa transformação não é apenas desejável; é necessária para a sobrevivência das futuras gerações. Apesar da validade das iniciativas voltadas para a sustentabilidade que surgem em resposta a esses desafios, é evidente a dificuldade em propor uma mudança cultural e sistêmica radical. Dada a sua complexidade, a transição para a sustentabilidade, como explica Manzini, não será linear; ao contrário, será um processo complexo de aprendizado social. Esse processo envolve uma sequência de eventos e experiências através das quais, progressivamente, com erros e contradições, os seres humanos aprenderão a viver de maneira sustentável. Essa transição impactará todas as dimensões do sistema sociotécnico em que vivemos – desde os recursos materiais e energéticos, às relações econômicas e institucionais entre os atores sociais, até os critérios éticos, estéticos e culturais. Importante ressaltar que essa transformação envolverá todas as escalas temporais e espaciais, desde o produto ou serviço individual até o sistema global. Nesse grande olhar para um futuro diferente, todas as inovações atuadas no microescala são complementares e interdependentes entre si, conectando vários setores e pessoas em diferentes áreas.

Essas características refletem uma tendência percebida e observada na evolução cronológica do Design para a Sustentabilidade. O envolvimento com uma abordagem cada vez mais sistêmica e abrangente, que demonstra como todas as partes se completam. Como discutido por Ceschin e Gaziulusoy (2016), a expansão do campo do design resultou em uma transição de inovações de design isoladas – concentradas no produto – para sistêmicas que abrangem sistemas socioeconômicos mais amplos.

O reconhecimento de que a crise ambiental constitui fundamentalmente uma crise de design exige uma transformação radical nas práticas humanas para mitigar seus efeitos (Escobar, 2018). Essa transformação deve ser orientada por uma nova ética do design que priorize a conservação, regeneração e gestão responsável dos recursos naturais. Esses objetivos envolvem não apenas a promoção da diversidade em todos os sistemas socionaturais, mas também o fortalecimento da resiliência por meio da criação de redes inteligentes que aproveitam as capacidades auto-organizadoras inerentes tanto aos sistemas naturais quanto sociais.

Um exemplo particularmente emblemático dessa abordagem inovadora no design surge no campo da moda sustentável. Nesse setor, observa-se um engajamento crescente dos designers na busca por soluções que enfrentem os desafios sociais e ecológicos impostos pela indústria, promovendo práticas regenerativas e novos modelos de produção e consumo mais éticos e responsáveis. Eles buscam mudanças transformadoras que vão desde a minimização das repercussões ambientais associadas aos materiais e processos, até a implementação de

estratégias de reutilização e redesign, a promoção da produção local e a adoção da biomimética. Além disso, essas iniciativas não apenas visam reduzir impactos negativos; elas também encorajam um novo paradigma na relação entre produção e consumo. Estão avançando conceitos inovadores, como o co-design por meio da criação ativa, da intervenção criativa e do enfrentamento de questões complexas relacionadas a epistemologias alternativas, estruturas políticas e transições em direção a paradigmas culturais e ecológicos diversos dentro da sociedade.

A transição para práticas sustentáveis na moda representa um microcosmo das mudanças necessárias em toda a sociedade. É um reflexo da necessidade urgente de repensar não apenas como projetamos produtos, mas também como interagimos com o meio ambiente e uns com os outros. Essa mudança requer um compromisso coletivo com a inovação responsável e uma disposição para desafiar normas estabelecidas que perpetuam práticas insustentáveis. Portanto, ao abordar esses desafios complexos sob a luz dos *wicked problems*, torna-se evidente que soluções simplistas não são adequadas. Precisamos adotar uma mentalidade holística que reconheça as interconexões entre diferentes sistemas sociais e naturais. Somente assim poderemos avançar em direção a um futuro mais sustentável - um futuro onde cada decisão tomada no campo do design contribua para um mundo mais justo, equilibrado e resiliente.

3.2 DESIGN ESTRATÉGICO PARA A MUDANÇA SOCIAL

Em um mundo marcado por problemas interconectados e multifacetados, ou “wicked problems”, o Design Estratégico se destaca por sua capacidade de pesquisar na incerteza e na turbulência. Portanto, uma das características dele é o seu processo indeterminado, sem objeto de estudo definido, refletindo a superação do “fetichismo do objeto” (Buchanan, 1992). Estratégia não é uma programação pré-definida, mas um conjunto de ações contínuas guiadas por cenários dinâmicos, que podem ser selecionados, ajustados e aprimorados ao longo do tempo, conforme as respostas e influências do ambiente, enquanto o conhecimento emerge progressivamente por meio de interações contínuas com os atores (Meroni, 2008). O design deve inventar e definir o problema no curso do processo, o que torna o design uma atividade criativa não linear, levando a mudanças nos valores e significados sociais, gerando inovação cultural e mudança social (Buchanan, 1992). Então, o design não é apenas uma especialização técnica e a capacidade dos designers é descobrir o quadro complexo de novas relações e interconexões entre sinais, coisas, ações, das quais as pessoas são feitas (Buchanan, 1992). O design, como afirmam A. Light et al. (2017), é uma das ferramentas para abordar crises

existenciais, que contribui para a mudança social, desde a criação de produtos até os serviços mais complexos (sistemas sociotécnicos), moldando a sociedade e redefinindo sua cultura.

Portanto, além de contribuir para um mundo natural sustentável, ele deve ter como propósito um equilíbrio entre humanidade e mundo (Findeli, 2001). O Design Estratégico permite articular redes de atores, recursos e conhecimentos de forma colaborativa, promovendo mudanças significativas nos sistemas em que opera. Diferentemente da visão limitada do design voltado para produtos isolados, que por si só podem não ser a melhor solução para um determinado problema no contexto do desenvolvimento sustentável, o Design Estratégico avança para uma prática que molda formas de pensar e fazer, ampliando o foco para incluir processos, sistemas e relações, tornando-se um catalisador para a inovação em diversos níveis.

O Design Estratégico surge como uma abordagem essencial no enfrentamento dos desafios contemporâneos, especialmente no contexto de transições sistêmicas, como a sustentabilidade, a justiça social e a inclusão. Meroni (2008) afirma que o Design Estratégico é sobre Evolução, propondo uma transição do design centrado no utilizador para um centrado na comunidade: através de um profundo entendimento de como uma comunidade funciona, de uma colaboração com ela e de uma atitude de co-design sistemático é possível iniciar processos de mudança estratégica com uma boa chance de sucesso. O Design Estratégico não é apenas uma ferramenta prática, mas um meio de transformação cultural e social, que possibilita a criação de soluções que integram a complexidade das realidades humanas, sociais e ambientais.

“Como podemos lutar por ‘uma nova, e talvez mais sábia, civilização’?” (Manzini, 2015, 15, tradução da autora). Como ilustrado no discurso de Ivan Illich (1973), há um argumento convincente que defende uma mudança das sociedades industriais para sociedades conviviais. A humanidade está prestes a entrar em uma fase planetária de civilização, catalisada pela rápida proliferação característica da época moderna. O paradigma da Grande Transição representa a única estrutura que oferece soluções duradouras para os desafios prementes da sustentabilidade; no entanto, isso requer alterações profundas nos valores, além de configurações socioeconômicas e institucionais inovadoras. A estrutura da Grande Transição enfatiza o princípio da interconexão, imaginando um desentrelaçamento do bem-estar das métricas convencionais de crescimento e consumo; ao mesmo tempo promove a emergência de novos valores, como solidariedade, ética, comunidade e significado. Propõe uma perspectiva global alternativa que busca substituir o capitalismo industrial pelo que é concebido como uma globalização civilizadora.

A afirmação fundamental é que a Terra constitui uma única comunidade sagrada, intrinsecamente ligada por relações interdependentes, e que o papel da humanidade é honrar e

nutrir essa comunidade com um senso elevado de autoconsciência; isso envolve fomentar comunidades caracterizadas pela diversidade e pela auto-organização social e ecológica, aprimorando assim a capacidade de produzir localmente aquilo que é viável para a produção local. A busca por uma economia que cria bens comuns (Helfrich, 2013) implica uma reintegração da economia nos domínios da sociedade e da natureza, defendendo a reintegração dos indivíduos em suas comunidades, do humano no não humano, e a reconciliação do conhecimento na interseção inevitável entre saber, ser e fazer. O desenvolvimento continua sendo um dos discursos predominantes e estruturas institucionais que moldam a insustentabilidade e a perda de futuro. Existe um reconhecimento coletivo de que as transições são fenômenos emergentes e inerentemente pluralistas.

O Design de Transição reconhece que estamos vivendo em ‘tempos de transição’ e toma como premissa central a necessidade de transições sociais para futuros mais sustentáveis e a crença de que o design tem um papel a desempenhar nessas transições (Irwin, T.; Tonkinwise, C.; Kossoff, G. 2015, p. 2).

Essa conceituação imbuí as visões de transição com uma imaginação escalonada que contorna a hierarquia vertical tradicional de escalas, que invariavelmente atribui uma importância excessiva ao global, negligenciando os contextos locais. Consequentemente, o design de transição defende transformações sociais lideradas pelo design, visando promover futuros mais sustentáveis. Ao implementar uma compreensão da interconexão dos sistemas sociais, econômicos, políticos e naturais, busca abordar questões que se manifestam em todos os níveis de escala, de maneiras que melhorem a qualidade de vida, abrangendo desafios como pobreza, perda de biodiversidade, desintegração comunitária, degradação ambiental, esgotamento de recursos e mudanças climáticas.

Não somos meros observadores distantes; somos participantes ativos e designers que interagem com o mundo por meio de nossa imersão nele. Saber é sinônimo de relacionar-se. O próprio design evolui para um projeto de transição, transição que, como explica Findeli (2001), não é possível atuar diretamente sobre um sistema, mas sim dentro dele. A antropologia atual deve compreender as complexas interações entre as diversas camadas e subsistemas que compõem o ser humano, incluindo suas capacidades de pensar, sentir e agir. Esses subsistemas incluem o mundo técnico, criado pelo homem; o mundo biofísico; o mundo social; e o mundo simbólico. Todos esses subsistemas se relacionam entre si, formando uma teia de interações interdependentes que moldam a existência humana.

Nesse contexto, o papel do design não é apenas o de resolver problemas, mas também de descobrir, reinterpretar e cocriar novas possibilidades, configurando-se como uma disciplina essencialmente criativa, reflexiva e indeterminada. Ao reconhecer essa indeterminação, o

design passa a adotar metodologias de ativismo socialmente conscientes, estruturas participativas e estratégias de design situadas baseadas na oscilação dinâmica entre ação e reflexão. Escobar (2018) reforça essa visão ao destacar a importância de práticas de design pluriversais e colaborativas, que reconhecem a diversidade de contextos e saberes como parte integrante das soluções. Questões complexas, como a sustentabilidade e os sistemas circulares, precisam ser abordadas mediante uma mentalidade colaborativa, experimental e criativa para serem capazes de encontrar soluções em conjunto (Niinimäki, 2021). O Design Estratégico, nesse sentido, não impõe soluções universais, mas atua como mediador em processos de co-criação que respeitam as especificidades de cada comunidade. A abordagem do design colaborativo, por exemplo, permite que comunidades sejam protagonistas na criação de soluções para seus próprios desafios. Como destaca Escobar em *Design para o Pluriverso* (2018), o design precisa ser “para e com as comunidades”, reconhecendo suas perspectivas e valores culturais.

As representações de design não podem ser separadas da experiência de ‘fazer as coisas juntos’ (Binder, 2015); o design é uma oscilação entre processos de tomada de decisão coletiva e de produção colaborativa, entre práticas “parlamentares” e “laboratoriais” e as práticas de Co-design mobilizam e alinham também mobiliza atores e recursos em torno de objetivos compartilhados, fomentando a resiliência comunitária e a autonomia coletiva. O princípio básico de uma abordagem co-design é a participação dos afetados por um problema na concepção e implementação das soluções (Meroni, 2008). Além disso, como argumenta Giaccardi em *Metadesign como uma Cultura Emergente de Design* (2005), o design pode ser entendido como um processo metadesign, que se envolve com as complexidades das interações humanas, aspirando a transfigurar essas interações em modalidades inovadoras de criatividade e sociabilidade. Nesse contexto, múltiplos atores interagem e colaboram com o objetivo de transformar as realidades existentes e pela qual as mudanças de cada participante no processo de interação influenciam a evolução dos demais participantes. Essa abordagem enfatiza a importância da co-criação e da co-evolução, onde todos os atores, sejam eles designers profissionais ou membros da comunidade, têm o espaço para expressar o próprio ponto de vista e a oportunidade de moldar e influenciar o processo. Ao criar possibilidades de interação, o Metadesign facilita uma existência social flexível, repleta de possibilidades infinitas, baseada em processos mutáveis de afetar e ser afetado. Representa uma investigação crítica e criativa sobre o potencial transformador da condição humana e da cultura, empregando técnicas e instrumentos fluidos em um ambiente propício à promoção da participação e evolução por meio da inovação em um sistema aberto.

O design não pode ser rígido, tentando encaixar e assim reduzindo e corrompendo o DNA da realidade, que constitui um sistema complexo, e cuja compreensão é discernível por meio de sua inter-relação com as multiplicidades e contradições inerentes ao ambiente circundante, apresentando manifestações caracterizadas pela imprevisibilidade, incerteza, rápida transformação, paradoxo e primazia do contexto ambiental. Deve incorporar a mutabilidade, representando um processo transitório, perpetuamente propício ao estabelecimento de novas conexões e às potencialidades relacionais de significado entre um sujeito que articula sua cognição e uma realidade que informa sua formação, envolvendo-se em interação com ela. Estas características, como não-finito, descontínuo, móvel, múltiplo, descrevem a complexidade típica do metaprojeto, um processo de descoberta contínua entre o mundo interno do sujeito e o mundo externo da realidade, um processo de subjetivação. O metaprojeto é uma ação, significa agir projetando, que indica a processualidade de um percurso, é o processo do projeto final, é projetar o projeto, o ‘projetar projetando’ de Mauri (1996).

O Design Estratégico, então, quando integrado aos princípios do metadesign, oferece às comunidades e indivíduos a capacidade de desenvolver micro ações que, acumuladas, provocam mudanças sistêmicas de grande impacto. Manzini (2003) fala justamente como promover soluções sustentáveis na microescala (com efeito no presente) das escolhas diárias que têm de ser feitas pelas pessoas, para decidir a sua própria “estratégia da vida” (no futuro). Essa abordagem dinâmica possui um potencial significativo para a criação de novas realidades e ideologias, facilitando transições para formas de organização social mais inclusivas, resilientes e sustentáveis.

Além disso, para promover o fortalecimento da autonomia local, emerge o conceito de design autônomo, que reforça a conexão entre o design e a justiça social e ambiental, propondo estratégias que resistem à globalização capitalista e defendem os territórios e culturas locais. Esse tipo de design, ao invés de impor soluções externas, emerge das práticas, conhecimentos e desejos das próprias comunidades, fortalecendo seus planos de vida e economias locais (Escobar, 2018). Ao articular práticas pluriversais, o design autônomo se posiciona como uma força transformadora que conecta diversidade cultural e sustentabilidade.

Portanto, o Design Estratégico se torna uma atividade ecológica, transdisciplinar e humanística, promovendo mudanças culturais e sociais que integram ser, saber e fazer em harmonia com o ambiente. A sustentabilidade, nesse contexto, não é apenas um objetivo técnico, mas um processo cultural e democrático que exige a participação ativa de todos e em que todos devem adquirir competências básicas para moldar o mundo, e a “inteligência de design” passa a ser fundamental para a democracia. O designer, nesse novo paradigma, é um

mediador de diálogos, um facilitador de aprendizagens coletivas e um catalisador de transformações, em vez de especialista.

Em última análise, o Design Estratégico propõe uma nova perspectiva sobre o futuro, rompendo com paradigmas dominantes e priorizando o bem comum. Ele é uma resposta às demandas de um mundo em transição, onde os problemas são complexos e interconectados, e as soluções precisam ser colaborativas, sustentáveis e profundamente humanas. O design convida designers, comunidades e outros atores a assumirem um papel ativo na construção de um mundo mais justo, sustentável e plural. Como afirma Gatt e Ingold (2013), o design não transforma o mundo, ele mesmo é parte do processo contínuo de transformação do próprio mundo. Em vez de impor soluções homogêneas, o designer estratégico trabalha como mediador, facilitando o diálogo entre diversos atores e reconhecendo a complexidade das interconexões humanas e materiais (Manzini, 2008; Gatt e Ingold, 2013). O Design Estratégico não é apenas uma prática; é um modo de pensar e agir que coloca as pessoas, suas histórias e seus contextos no centro das soluções e, para Manzini (2015), é um meio de ativar redes sociais, criando condições para a Inovação Social e a adoção de comportamentos sustentáveis.

3.3 A POTÊNCIA DA INOVAÇÃO SOCIAL

Meroni (2008) afirma também que o Design Estratégico é sobre Inovação Social, essencial para enfrentar os desafios complexos da sociedade contemporânea, evidenciando a conexão entre Design Estratégico e Inovação Social, aspecto central nessa pesquisa. Definição de Inovação Social: novas soluções sociais que criam novo valor social; isto é especialmente válido para as necessidades das economias em desenvolvimento, nas quais a inovação não se trata de tecnologia inovadora, mas sim de uma solução social (Galatti, Ramos, 2022). Segundo Manzini (2008), a Inovação Social não é apenas uma resposta a problemas locais, mas também um processo que reconfigura sistemas e relações, criando novas formas de interação e colaboração. A Inovação Social refere-se a novas estratégias, conceitos e ideias que visam atender a necessidades sociais, promovendo mudanças significativas e duradouras. Em um mundo marcado por desafios complexos, como desigualdade social, degradação ambiental e crises econômicas, a Inovação Social se destaca como uma abordagem essencial para criar soluções sustentáveis e inclusivas. Ao integrar diferentes setores e promover a participação ativa da comunidade, a Inovação Social busca transformar realidades e melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Diferente das inovações puramente tecnológicas ou mercadológicas, a Inovação Social está centrada em soluções que criam novos significados, práticas e relações, promovendo mudanças sistêmicas e impactando positivamente comunidades e indivíduos. Como define Manzini (2015), a Inovação Social ocorre quando novas ideias, práticas ou configurações sociais são introduzidas visando gerar bem-estar coletivo e resolver problemas específicos de maneira colaborativa.

A Inovação Social vai além de simplesmente introduzir novas soluções; ela busca transformar as dinâmicas sociais existentes. Ela pode ser descrita como o processo de desenvolvimento e implementação de soluções para problemas sociais que se revelam mais eficazes, eficientes e sustentáveis do que as práticas existentes, ao mesmo tempo que geram valor social. A Inovação Social é impulsionada por atores diversos, incluindo organizações comunitárias, movimentos sociais, empresas e governos, em um esforço conjunto para enfrentar questões como exclusão, pobreza, desigualdade e degradação ambiental. Com a compreensão dos fundamentos teóricos sobre a Inovação Social, principalmente aqueles orientados por Manzini (2008, 2014, 2015, 2016), foram identificados os seguintes princípios:

- a) Centralidade no Bem-Estar Coletivo, subordinando objetivos econômicos a valores como dignidade humana, justiça social e sustentabilidade ambiental.
- b) Participação, Co-criação e colaboração ativa de diversas partes interessadas, incluindo comunidades locais, designers, acadêmicos e setores privados.
- c) Flexibilidade e Adaptação das soluções iterativas de Inovação Social, permitindo ajustes conforme as necessidades e os contextos evoluem.
- d) Empoderamento e Autonomia, buscando fortalecer as capacidades dos indivíduos e comunidades, promovendo sua identidade.

Movimentos comunitários que promovem redes de solidariedade e suporte mútuo exemplificam a Inovação Social em ação. Essas redes ajudam a enfrentar problemas locais, como falta de acesso a alimentos, educação ou saúde, ao mesmo tempo que fortalecem laços sociais e promovem a coesão comunitária. A aplicação de práticas de economia circular no contexto da Inovação Social é um exemplo claro de como a reutilização de materiais pode gerar impacto positivo. Iniciativas como o reaproveitamento de resíduos têxteis para a criação de novos produtos, promovendo tanto sustentabilidade ambiental quanto geração de renda, têm ganhado destaque em comunidades vulneráveis. Esse modelo é particularmente relevante no setor da moda, onde a Inovação Social busca desafiar o paradigma da *fast fashion*, priorizando práticas éticas e circulares. A conexão entre Inovação Social e sustentabilidade é intrínseca. Ambas compartilham o objetivo de equilibrar necessidades humanas e limitações ambientais,

promovendo modelos regenerativos e práticas conscientes. A integração de soluções locais em um contexto global, como defendido por Manzini no conceito de SLOC (*Small, Local, Open, and Connected*), exemplifica como pequenas iniciativas podem gerar impactos globais significativos.

O Design Estratégico atua como um catalisador para a Inovação Social, oferecendo ferramentas e metodologias que ajudam a traduzir problemas complexos em ações concretas e colaborativas. Segundo Manzini (2008), o papel do designer na Inovação Social não é apenas criar soluções, mas facilitar processos participativos que promovam novas formas de pensar, fazer e viver. No contexto da sustentabilidade, o Design Estratégico desempenha um papel crucial ao transitar de uma economia linear para uma economia circular, promovendo o reaproveitamento de materiais e a regeneração de recursos. A circularidade, aliada à Inovação Social, oferece uma abordagem integrativa que conecta ecologia, economia e cultura. Segundo Fletcher (2008), a moda sustentável deve ser vista não apenas como um produto, mas como um processo de transformação cultural, que envolve tanto designers quanto consumidores em uma reflexão crítica sobre o uso de recursos e o impacto das escolhas.

A Inovação Social tem o potencial de redefinir estruturas sociais e econômicas, promovendo uma transição para um futuro mais justo e sustentável. Ela desafia a lógica tradicional do capitalismo, que privilegia o lucro em detrimento das pessoas e do planeta, propondo alternativas baseadas em solidariedade, criatividade e inclusão. Embora alguns esforços possam parecer fugazes, eles são importantes, pois por sua vez revelam uma inspiração potencial para novos projetos, talvez com uma reverberação mais ampla (até mesmo incidental). O número de projetos de design com objetivos sociais, com aspiração por um mundo/futuro melhor, está crescendo. A Inovação Social não é apenas uma abordagem, mas uma filosofia de transformação, que reconhece a interdependência dos seres humanos e do mundo ao seu redor. Ao integrar sustentabilidade, participação e empoderamento, a Inovação Social oferece uma resposta potente para os desafios do Antropoceno, propondo novas formas de viver e prosperar em harmonia com o planeta.

3.3.1 Exemplos de Inovação Social na moda

Para ilustrar como a Inovação Social pode transformar o setor da moda, este capítulo apresenta três casos inspiradores que serviram como referência para o desenvolvimento do projeto CriaRenda: Somos Cós, I Was a Sari e Progetto Quid. Esses projetos exemplificam abordagens inovadoras que unem design, sustentabilidade e impacto social, promovendo

mudanças significativas em contextos de vulnerabilidade socioeconômica. Cada um deles oferece uma visão única sobre como a moda pode ser uma ferramenta poderosa para revalorizar materiais descartados, empoderar comunidades marginalizadas e fomentar práticas mais éticas e sustentáveis.

A seguir, exploraremos as estratégias e os resultados de cada caso, destacando as lições aprendidas e as possibilidades que eles oferecem como inspiração para iniciativas similares. A referência brasileira CÓS - Costura Consciente, conforme afirmado no site (CÓS, 2019), foi idealizada em 2019 por Marina Anderle Giongo, focada na consciência e sustentabilidade. A iniciativa nasceu da experiência de Marina à frente de um ateliê localizado no Banco de Tecido no Centro Cultural Vila Flores em Porto Alegre/RS, Brasil, um espaço que hoje se tornou referência em circularidade e aproveitamento de materiais. No ateliê, conforme apresentado na Figura 1, Marina não apenas ministrava aulas de costura, mas também atuava como uma loja dedicada à circulação de resíduos têxteis, promovendo a reutilização e a conscientização sobre o impacto ambiental da moda.

Figura 1: Aula de costura na CÓS.



Fonte: Somos CÓS.

A trajetória do CÓS começou quando Marina foi contatada pela coordenadora do projeto de extensão do curso de Design da Unisinos. A proposta era desenvolver novos projetos vinculados à cultura, design e sustentabilidade no Vila Flores. Assim, foi formado um grupo produtivo de costura livre, composto por mulheres interessadas em aprender ou aprimorar suas

habilidades na costura. Desde então, o projeto tem viabilizado iniciativas voltadas para a moda sustentável e o reaproveitamento de materiais, criando uma comunidade de apoio entre as participantes e valorizando a profissão de costureira.

O principal objetivo do CÓS é promover a revalorização dos resíduos têxteis, subvertendo a lógica da produção desenfreada. O ecossistema do projeto opera com um número máximo de peças produzidas, respeitando a capacidade produtiva das profissionais envolvidas e priorizando sua saúde. Essa abordagem visa desviar o máximo possível de resíduos dos aterros sanitários. Um dos projetos mais emblemáticos do coletivo é a produção de jaquetas corta-vento feitas a partir de guarda-chuvas reciclados.

O projeto inicialmente buscava atender à demanda de pequenas marcas autorais que enfrentavam dificuldades em encontrar costureiras para finalizar suas peças. As participantes se reuniam semanalmente para produzir itens para essas marcas parceiras. Além disso, Marina oferecia cursos para mulheres que estavam começando no universo da costura. Em setembro de 2019, com o crescente interesse tanto por parte de consumidoras quanto por mulheres desejando aprender a costurar, o CÓS foi oficialmente formalizado como um negócio. Em 2021, as empreendedoras começaram a enxergar o CÓS como um negócio social, assumindo também consultorias em circularidade na moda. Nesse período, elas passaram a criar lotes de vendas, desenvolvendo as peças e comercializando-as mediante plataformas de financiamento coletivo — uma estratégia que permanece até hoje. “Abrimos as pré-vendas em sites de financiamento coletivo, daí as pessoas compram, nós produzimos e entregamos. Fazemos isso para não ter estoque, pois tínhamos essa ideia de nunca ter estoque para não ter desperdício”, explica Marina.

Neste mesmo ano, as empreendedoras iniciaram uma parceria com a empresa Fazzoletti, uma tradicional fabricante gaúcha de guarda-chuvas. O objetivo era desenvolver produtos que atribuíssem novo sentido a uma grande quantidade de guarda-chuvas quebrados que estavam em estoque. Dessa colaboração nasceu a ideia de criar capas de chuva com modelagem *zero waste*, aproveitando quase 100% do tecido dos guarda-chuvas. A partir dessa iniciativa, surgiu um novo produto: a jaqueta corta-vento. Utilizando tecidos variados provenientes dos guarda-chuvas reciclados, as costureiras da CÓS criam casacos com combinações únicas e vibrantes. O sucesso dessas jaquetas foi tão grande que o estoque da Fazzoletti foi rapidamente esgotado, levando o coletivo a enfrentar dificuldades para encontrar novas matérias-primas.

A CÓS é mais do que um simples projeto; ela promove padrões sustentáveis tanto na produção quanto no consumo. A “costura consciente” é realizada a partir dos resíduos têxteis gerados pelos clientes ou parceiros, visando construir um ecossistema mais ético, colaborativo

e sustentável. Entre os objetivos estão (I) o alcance da igualdade de gênero, acolhendo as mulheres em situação de vulnerabilidade social, (II) empoderá-las oferecendo ferramentas e estimulando a criatividade, para que elas se tornem autônomas; e (III) a promoção do crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável por meio do trabalho decente para todos. O projeto CÓS - Costura Consciente exemplifica como iniciativas voltadas para a Inovação Social podem transformar desafios ambientais em oportunidades econômicas e sociais. Ao promover práticas sustentáveis e capacitar mulheres da comunidade, o CÓS não apenas contribui para a redução dos resíduos têxteis, mas também fortalece laços sociais e cria um ambiente colaborativo onde todos podem prosperar. Por meio da conscientização sobre moda sustentável e do reaproveitamento criativo de materiais, o CÓS se posiciona como um modelo inspirador para outras comunidades que buscam soluções inovadoras diante dos desafios contemporâneos. Assim, ele reafirma a importância da colaboração na construção de um futuro mais justo e sustentável.

A segunda referência é o I Was a Sari, conforme apresentado na Figura 2, um projeto de moda sustentável e Inovação Social fundado por Stefano Funari em 2012 in Mumbai, Índia (Gandhi, 2019). Cada item é cuidadosamente confeccionado com atenção aos detalhes, preservando a estética tradicional dos saris, mas reinterpretando-a para o mercado contemporâneo. A abordagem artesanal garante que cada peça seja única, valorizando a história e a cultura por trás de cada tecido.

Figura 2: Was a Sari.



Fonte: I Was a Sari (2022).

Mais do que uma iniciativa de design, o I Was a Sari é um modelo de economia circular e empoderamento feminino, ao combinar reaproveitamento de materiais com a criação de oportunidades de trabalho dignas para mulheres em situações de vulnerabilidade. O projeto segue um modelo integrado de sustentabilidade e inclusão social, com foco em dois pilares principais: a reutilização criativa de materiais e o empoderamento feminino. O sari, tecido tradicional indiano, é coletado de mercados locais e doado por famílias. Esses tecidos, muitas vezes descartados ou esquecidos, são reaproveitados e transformados em novos produtos, como acessórios e itens de moda. Cada peça é única, pois mantém as características originais dos saris, como cores vibrantes e estampas detalhadas. Esse processo reforça a ideia de economia circular, prolongando o ciclo de vida dos materiais e reduzindo o desperdício têxtil. Enquanto sobre o empoderamento feminino, o projeto oferece capacitações e oportunidades de trabalho para mulheres em situações de vulnerabilidade, muitas delas provenientes de comunidades marginalizadas. As mulheres aprendem técnicas de costura, bordado e design, ganhando não apenas habilidades práticas, mas também confiança e autonomia financeira. O I Was a Sari prioriza um ambiente de trabalho seguro e digno, promovendo a inclusão social e criando um espaço para que essas mulheres desenvolvam seu potencial.

O I Was a Sari tem gerado impactos significativos em várias dimensões, como a econômica, a ambiental e a cultural. Desde sua fundação, o projeto já capacitou mais de 170 mulheres, muitas das quais eram analfabetas ou nunca haviam tido um emprego formal. A renda gerada pelo trabalho no I Was a Sari permite que elas contribuam para o sustento de suas famílias, rompendo ciclos de pobreza e exclusão. Além disso, ao reutilizar saris descartados, o projeto contribui para a redução de resíduos têxteis e promove práticas de moda sustentável. Estima-se que milhares de saris foram reaproveitados desde o início do projeto, evitando que esses tecidos fossem descartados de forma inadequada. O I Was a Sari não apenas transforma tecidos em produtos, mas também muda narrativas. Ele desafia o estigma social associado a mulheres marginalizadas e ao trabalho manual, demonstrando que a moda pode ser um agente de transformação cultural e social. É interessante a abordagem sistêmica do projeto, que visa soluções locais para problemas globais, utilizando recursos locais (saris descartados) e resolve questões sociais específicas (empoderamento feminino na Índia), enquanto contribui para desafios globais, como a sustentabilidade na moda. Foca também na participação ativa das comunidades, portanto, o design não é imposto de cima para baixo, mas co-criado com as mulheres que participam do projeto, respeitando seus conhecimentos e culturas. E compartilha narrativas transformadoras, reconta a história dos saris e das mulheres que os produzem, celebrando a resiliência e a criatividade em cada peça.

O projeto demonstra como a moda pode ser uma ferramenta poderosa para promover a sustentabilidade e a inclusão social, tornando-se um modelo inspirador de Inovação Social. Ele aborda desafios complexos – como o desperdício têxtil, a desigualdade de gênero e a marginalização social – por meio de soluções integradas que valorizam as pessoas e o meio ambiente. O I Was a Sari também exemplifica a transição de uma economia linear para uma economia circular, onde materiais descartados são reimaginados e reinseridos no ciclo produtivo. Essa abordagem reflete o conceito de moda regenerativa, que vai além da redução de impactos negativos e busca criar impactos positivos para as comunidades e o planeta. Ao reaproveitar tecidos tradicionais e capacitar mulheres marginalizadas, o projeto transcende os limites da indústria têxtil e redefine o papel do design na criação de impacto social e ambiental. É um exemplo claro de como a moda pode ser reimaginada como um agente de transformação positiva, criando um futuro mais justo, inclusivo e sustentável.

O Progetto Quid, a terceira e última referência, é uma empresa social, conforme apresentado no Quadro 1, fundada em 2013 na Itália por Anna Fiscale, com o objetivo de criar roupas sustentáveis reutilizando materiais têxteis descartados de outras empresas do setor da moda italiana (Bellini, 2021).

Quadro 1: Progetto Quid.



Fonte: Desenvolvido pela autora - Progetto Quid (2024).

Este projeto não apenas visa à sustentabilidade ambiental, mas também possui um forte valor social, ao proporcionar oportunidades de trabalho para pessoas que enfrentam situações de vulnerabilidade, especialmente mulheres que têm histórias de dependência, violência, tráfico

ou encarceramento. Portanto, o Progetto Quid revela-se um exemplo notável de Inovação Social no setor da moda, combinando sustentabilidade ambiental, inclusão social e criatividade. Os três pilares fundamentais do projeto são os seguintes:

Inclusão social: oferece emprego e formação profissional a pessoas em condições de vulnerabilidade, incluindo mulheres com um passado de marginalização, migrantes, pessoas com deficiência ou em situação de exclusão econômica. O objetivo principal é promover o empoderamento dessas pessoas, garantindo um ambiente de trabalho seguro, inclusivo e que possibilite a conquista da autonomia financeira e social. Desde 2014, a empresa ativou um laboratório de costura na seção feminina da prisão de Montorio (VR) e, a partir de 2018, também na seção masculina, empregando mais de 150 pessoas totais. Essas iniciativas oferecem não apenas capacitações práticas, mas também uma oportunidade real de reintegração social para os detentos, permitindo que eles desenvolvam habilidades valiosas para construir um futuro melhor, com a possibilidade de recomeçar suas vidas com dignidade e propósito.

Sustentabilidade ambiental: os tecidos utilizados são provenientes de sobras de alta qualidade, excedentes de produção de grandes marcas e fábricas têxteis, materiais que seriam descartados e poderiam se transformar em resíduos. Esses tecidos são reaproveitados para criar roupas e acessórios de moda contemporâneos, promovendo um modelo de economia circular que minimiza o desperdício e maximiza o valor dos recursos disponíveis. Desde sua fundação, a empresa recuperou mais de 800 km de tecidos, contribuindo significativamente para a redução do impacto ambiental e prolongando o ciclo de vida dos materiais. Diferentemente do modelo tradicional da moda, que projeta primeiro as peças e depois adquire os tecidos, o Progetto Quid parte dos materiais disponíveis para criar produtos que valorizem suas características únicas. Essa prática não apenas reduz a quantidade de lixo têxtil, mas também ajuda a conscientizar a sociedade sobre a importância do consumo responsável.

Produção ética e local: os produtos são confeccionados em oficinas locais que seguem altos padrões de dignidade e equidade no trabalho. A produção ética é um pilar essencial da filosofia do Quid, demonstrando que a moda pode ser um veículo para mudança social e ambiental, sendo bonita, funcional e responsável ao mesmo tempo. Por meio de suas coleções e campanhas, o Quid promove uma narrativa que desafia os padrões da *fast fashion*, incentivando consumidores a refletirem sobre suas escolhas e a valorizarem práticas de moda mais conscientes e sustentáveis.

Ao criar roupas sustentáveis e promover a inclusão no mercado de trabalho, a empresa não só enfrenta os desafios do setor da moda, mas também contribui para o bem-estar das comunidades locais e para a preservação do meio ambiente, criando uma ponte entre

sustentabilidade ambiental, inclusão social e design ético. Através dessa abordagem inovadora e socialmente responsável, com de soluções criativas e colaborativas, o Progetto Quid está moldando um futuro mais justo e sustentável para todos.

As três referências analisadas serviram como base para o desenvolvimento do projeto CriaRenda, fornecendo inspiração tanto nos conceitos quanto nas abordagens práticas de ação. Esses exemplos pavimentaram o caminho para a concepção de uma iniciativa que integra os pilares de dignidade, autonomia e empoderamento, adaptados ao contexto específico da comunidade de Porto Novo. As três referências não apenas informaram a estrutura do projeto, levando até o nascimento dessa fase do CriaRenda, inspirado pelos conceitos e abordagem de ação, mas também foram fundamentais para moldar a metodologia adotada.

4 MÉTODO E PRÁTICA: PROJETO CRIARENDA

A pesquisa apresentada nesta dissertação adota uma abordagem qualitativa, conforme descrita por Gil (2008), que não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. É caracterizada pelo desenvolvimento imprevisível e pela sua natureza interdisciplinar, integrando conceitos de Design Estratégico, Inovação Social e Sustentabilidade no contexto da moda.

Essa escolha metodológica é fundamentada na complexidade do problema abordado, que, além da parte mais teórica, demanda uma compreensão aprofundada das dinâmicas sociais, econômicas e culturais do contexto. A escolha pela abordagem qualitativa é sustentada pela necessidade de explorar as percepções, valores e práticas da comunidade-alvo. Conforme os autores Aguinaldo dos Santos (2018) e Gil (2008), a pesquisa qualitativa é especialmente adequada para investigar fenômenos complexos e subjetivos, permitindo ao pesquisador compreender a realidade em profundidade. Esse tipo de abordagem possibilita captar nuances do contexto social, especialmente no que diz respeito à percepção da comunidade sobre sustentabilidade e reaproveitamento de resíduos têxteis.

A abordagem metodológica utilizada neste estudo é estruturada em três movimentos, que ocorreram de forma simultânea, se influenciando continuamente na oscilação dinâmica entre ação e reflexão, conforme apresentado no Quadro 2.

Quadro 2: Metodologia de pesquisa.



Fonte: Desenvolvido pelos autores.

A metodologia adotada na fase teórica combina a revisão assistemática da literatura, pois permite uma análise abrangente e não estruturada de um tema, facilitando a integração de múltiplas perspectivas teóricas, as três referências e a pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica fornece a base teórica, enquanto as referências oferecem exemplos práticos e inspiradores e a vivência e observação da comunidade um entendimento melhor do contexto, em particular, por meio dos diálogos desestruturados, que garantem uma compreensão detalhada e contextualizada das necessidades locais e aprofundam as nuances subjetivas das experiências vividas pelos moradores. Juntas, essas metodologias criam um panorama robusto para projetar intervenções baseadas em evidências e ancoradas nas realidades da comunidade de Porto Novo. Em detalhe:

Pesquisa bibliográfica/documental: A pesquisa bibliográfica e documental foi o primeiro passo para embasar teoricamente o projeto, garantindo uma compreensão sólida sobre os temas centrais. Essa etapa, por meio de uma revisão assistemática (indicação de especialistas, textos encontrados ao longo das disciplinas e em buscas abertas pessoais) envolveu a análise detalhada de literatura acadêmica, artigos científico, livros, relatórios institucionais e documentos técnicos relevantes relacionados às palavras-chave da pesquisa: Inovação Social, Design Estratégico, Resíduos têxteis, Design de Moda para Sustentabilidade, Empoderamento comunitário. Essa metodologia é particularmente relevante para estudos que abordam fenômenos complexos e interdisciplinares, como os mencionados acima. Diferentemente da revisão sistemática, que segue critérios rigorosos de seleção e análise, a revisão assistemática é mais flexível, permitindo ao pesquisador explorar diferentes fontes de maneira aberta, integrar conhecimentos diversos e alinhar a teoria à prática. Conforme descrito por Gil (2008) e Santos (2018), essa abordagem é especialmente útil em contextos em que o objetivo é mapear conceitos-chave, identificar lacunas no conhecimento e compreender a evolução teórica de um campo. O foco em pilares como dignidade, autonomia e empoderamento reflete a intenção de conectar o projeto a princípios éticos e sociais fundamentais. Além de identificar conceitos-chave, essa pesquisa explora tendências emergentes e lacunas no conhecimento acadêmico e prático, oferecendo um ponto de partida robusto para justificar as premissas do projeto e orientar o desenvolvimento de soluções. Por exemplo, trabalhos de Manzini sobre Inovação Social e Design Estratégico, de Fletcher e Niinimäki sobre moda sustentável e circular, de Escobar sobre a autonomia e de Freire sobre a educação ajudaram a contextualizar as ações dentro de paradigmas reconhecidos.

Referencias: As três referências funcionaram como ferramentas para ilustrar boas práticas e inspirar a formulação de estratégias. A abordagem das referências, conforme descrita

por Gil (2008) e Santos (2018), é uma estratégia metodológica amplamente utilizada em pesquisas qualitativas para analisar fenômenos em profundidade, com base em contextos reais. De acordo com Gil (2008), o estudo de casos é caracterizado pelo exame detalhado de um evento, grupo, organização ou comunidade com o objetivo de explorar aspectos específicos e fornecer insights profundos sobre o fenômeno investigado. Essa abordagem permite uma I) Compreensão Contextualizada, analisando fenômenos no contexto em que ocorrem e identificando variáveis e relações que podem não ser evidentes em outros métodos, II) Exploração de Exemplos Práticos, Ilustrando como conceitos teóricos se manifestam em práticas reais e conectando teoria e prática, III) Identificação de Boas Práticas, oferecendo inspirações e modelos replicáveis para outros contextos, e IV) Aprendizado por Comparação, Permitindo a comparação entre diferentes casos para identificar padrões ou variações significativas. A seleção das referências deve ser estratégica, levando em conta sua relevância para o problema de pesquisa. Os casos de sucesso I Was a Sari (Índia), Progetto Quid (Itália) e Somos Cós (Brasil) foram selecionados para esta pesquisa porque exemplificam iniciativas de reutilização de resíduos têxteis associadas à Inovação Social no setor da moda sustentável. Critérios como diversidade geográfica, cultural e metodológica foram considerados para garantir uma análise rica e variada. Essas referências ajudaram a identificar abordagens que combinam geração de renda, valorização de resíduos e engajamento comunitário. Além disso, as referências forneceram insights sobre desafios enfrentados por projetos similares e estratégias que podem ser adaptadas ao contexto específico de Porto Novo. Essa análise comparativa permitiu observar o que funciona em termos de design participativo, modelos de negócio circulares e impacto social, criando um panorama de soluções aplicáveis.

Observar/Absorber a comunidade: Conforme descrito por autores como Gil (2008) e Santos (2018), trata-se de uma metodologia que envolve o contato direto do pesquisador com o ambiente ou grupo estudado, permitindo coletar dados *in loco* e aprofundar a compreensão das dinâmicas sociais, culturais, econômicas e ambientais que permeiam o objeto de estudo. O principal objetivo da pesquisa de campo é captar informações que dificilmente poderiam ser obtidas por meio de outras fontes, como documentos ou dados secundários. Trata-se de uma abordagem que valoriza a interação direta com o fenômeno investigado, possibilitando uma análise mais rica e contextualizada. No caso desta dissertação, a pesquisa de campo, que aconteceu ao longo de dois meses com encontros de três horas cada semana, foi essencial para identificar as necessidades e os potenciais da comunidade de Porto Novo, bem como para validar a relevância do projeto CriaRenda. A imersão na comunidade foi uma etapa essencial e envolveu a observação direta e participativa das interações entre os moradores, bem como suas

rotinas, dificuldades e aspirações, observando e registrando comportamentos, interações e práticas. Essa técnica é valiosa para captar nuances que não emergiriam em entrevistas formais e por meio dessa vivência, foi possível captar informações para a atuação de intervenções significativas. Este processo permitiu construir confiança com a comunidade, essencial para garantir que as soluções propostas sejam culturalmente apropriadas e socialmente relevantes e eficazes. Por exemplo, compreender a relação da comunidade de Porto Novo com resíduos têxteis foi relevante tanto para compreender os desafios quanto os potenciais pontos de conexão para criar um impacto positivo duradouro.

Formulário misto (quantitativo/qualitativo): Para se inscrever no projeto, foi criado e aplicado um formulário composto por perguntas fechadas, de múltipla escolha e abertas, em um total de seis (6) questões, conforme apresentado no apêndice A e no Quadro 3. O formulário ofereceu uma base abrangente para a coleta de dados das quatro participantes (três mulheres do galpão de triagem mais uma menina com problemas cognitivos), proporcionando uma compreensão mais rica e articulada de suas experiências. O questionário divide-se em duas áreas distintas: a primeira diz respeito à abordagem dos participantes ao vestuário, enquanto a segunda diz respeito às competências técnicas e tecnológicas.

Quadro 3: Formulário.

PERGUNTA	RESPOSTA	RESULTADO
De onde veem suas roupas?	-doações -troca entre amigos -brechós -online -fast fashion	80% 20% 0% 40% 20%
Como você escolhe o que veste?	-conforto -visual, para se sentir bonita -para expressar seu estilo próprio -visto qualquer coisa	50% 0% 50% 0%
Tem alguma habilidade em costura, tricô ou crochet?	-sim -não	50% 50%
Já pensou em transformar suas habilidades em fonte de renda?	-sim -não	50% 50%
O que espera aprender aqui?		
Você usa as redes sociais?	- pouco -apenas para me entreter - para me informar, pesquisar, interagir - para comprar ou vender	20% 0% 60% 20%

Fonte: Desenvolvido pela autora.

As perguntas fechadas fornecem informações quantitativas que ajudam a mapear padrões, enquanto as abertas permitem uma exploração mais subjetiva e detalhada das percepções dos participantes. Essa abordagem mista é útil para captar tanto as dimensões numéricas quanto as narrativas das necessidades e opiniões da comunidade. Por exemplo, os dados quantitativos podem revelar a porcentagem de participantes que já tem alguma habilidade com a costura, enquanto os dados qualitativos podem explorar as motivações e desafios deles e o relacionamento deles com o vestuário.

Diálogos desestruturados qualitativos: Conversas informais e abertas com os membros da comunidade permitiram um aprofundamento nas suas percepções e experiências. Essa abordagem qualitativa cria um espaço seguro para que os participantes compartilhem livremente suas histórias e ideias, muitas vezes revelando aspectos que não seriam captados por métodos mais estruturados. As conversas informais permitem explorar percepções, opiniões e histórias de vida dos participantes, oferecendo uma visão profunda sobre suas realidades. Para Santos (2018), essa abordagem possibilita que as vozes dos participantes sejam ouvidas de maneira mais autêntica. Os diálogos desestruturados oferecem flexibilidade para explorar temas

emergentes e contextos específicos, garantindo que as soluções sejam adaptadas às realidades locais. Por exemplo, ao conversar com mulheres que trabalham no galpão de reciclagem, foi possível entender melhor como as dinâmicas impactam sua autoestima e autonomia, contribuindo para um projeto que atenda às suas necessidades.

Após a coleta de dados, a análise permitiu identificar os principais desafios enfrentados pela comunidade em relação à geração de renda e ao reaproveitamento de resíduos, compreender as percepções da comunidade sobre os conceitos de dignidade, autonomia e empoderamento e validar a relevância das soluções propostas no projeto – ou seja, observar como as intervenções propostas podiam funcionar na prática, ajustando-as conforme necessário.

A segunda fase, a Conceitual, se caracterizou pela definição dos conceitos-chave que formaram o DNA do projeto, incluindo a identificação dos pilares centrais. Com base nos conceitos desenvolvidos, a estratégia de intervenção foi elaborada. Essa metodologia prática e adaptativa visa criar oficinas e intervenções que promovam uma sensibilização sobre a sustentabilidade no setor da moda, focando na revalorização dos resíduos têxteis, cultivando dignidade, autonomia e empoderamento na comunidade, alinhando-se aos objetivos da pesquisa e as necessidades da comunidade.

Já a fase Prática envolveu os seguintes movimentos projetuais:

- As sete (7) oficinas de três (3) horas cada foram organizadas em torno dos três pilares centrais em cinco momentos diferentes: (I) Aproximação, para estabelecer um ambiente de confiança e conhecimento mútuo; (II) Dignidade, para uma sensibilização sobre a sustentabilidade no setor da moda; (III) Autonomia, para pensar e planejar em conjunto; (IV) Empoderamento, para comercialização dos produtos fabricados; e (V) Evento final, para celebração do trabalho realizado. As oficinas foram implementadas na comunidade, adaptando a teoria à prática, fazendo ajustes conforme necessário com base nas análises qualitativas coletadas durante o processo, com a observação e análise qualitativa do desenvolvimento das atividades, que continua.
- O acompanhamento sistemático é realizado tanto durante os workshops, para fazer mudanças com base no progresso das atividades, e para avaliar os resultados das intervenções (pós-workshop). Isso inclui medir mudanças nas percepções sobre sustentabilidade, aumento nas habilidades práticas dos participantes e impactos econômicos decorrentes da geração de renda através do reaproveitamento de resíduos têxteis. Este contínuo acompanhamento assegura que as oficinas atendam às necessidades da

comunidade e maximizem seu impacto, com o objetivo de que possa então se organizar sem qualquer ajuda externa.

A metodologia adotada no projeto CriaRenda reflete um compromisso com a inclusão social e a sustentabilidade. Ao integrar pesquisa teórica com práticas comunitárias, o projeto não apenas busca resolver problemas imediatos relacionados ao desperdício têxtil, mas também aspira a transformar mentalidades em relação ao consumo e à produção na moda. A abordagem colaborativa garante que as soluções sejam cocriadas com os membros da comunidade, promovendo um sentido de pertencimento e empoderamento que é essencial para o sucesso a longo prazo do projeto.

4.1 O CONTEXTO PORTO NOVO

Antes de iniciar qualquer projeto em um sistema complexo, é imprescindível que o designer possua uma compreensão profunda dos múltiplos níveis de interação dentro desse sistema. Isso inclui o entendimento do conteúdo, da estrutura, das dinâmicas evolutivas e das tendências ou “telos” que orientam seu comportamento. Começamos com a história do lugar, baseada nas informações do livro *Da Vila Dique ao Porto Novo: extensão popular, rodas de memórias e remoções urbanas* de Zeli de Vargas Gil (2017).

Localizada entre dois cursos d’água e formada em cima de um dique construído após a enchente de 1941 em Porto Alegre, a área próxima ao Aeroporto Internacional Salgado Filho tornou-se um refúgio para milhares de pessoas vindas de todo o Estado do Rio Grande do Sul e até de outras regiões do Brasil. Lá, essas pessoas formaram famílias e criaram laços de vizinhança e solidariedade, povoando a vila, trazendo hábitos. Aos poucos, este pedaço de terra foi ganhando identidade, e o que antes era mato virou lar. Em 1978, já eram mais de mil moradores ocupando, resistindo e lutando por uma vida melhor. Com o apoio da paróquia Santíssima Trindade, foi construído um galpão de reciclagem como alternativa de sustento para os moradores em meio às dificuldades para conseguir um emprego formal. Das mais de 100 pessoas que lá trabalhavam, muitas eram mulheres e mães. Outra conquista importante foi a da Escola de Ensino Fundamental Migrantes. O Clube de Mães Margarida Alves foi quem correu atrás de sua construção dentro da comunidade, assim como da creche Galpãozinho. Mesmo morando há mais de quatro décadas naquela área, o fornecimento de energia elétrica continua sendo precário, assim como o de água, que chega apenas à noite em um terço da comunidade.

Em 2005, teve uma reunião entre a comunidade e o Departamento Municipal de Habitação (Demhab), quem comunicou que as famílias teriam que ser removidas da Vila Dique:

começam as primeiras ações visando remover a Vila Dique e uma longa batalha. Entre as obras previstas estava a ampliação da pista do aeroporto. Na época, a prefeitura disse que seria necessário acabar o que um dia foi o refúgio de 1.476 pessoas e começou a remover os moradores (922 famílias), a demolir suas casas e, em 2009, vários espaços conquistados depois de muito suor e dedicação e que possibilitavam uma maior qualidade de vida como fonte de renda aos moradores também foram sendo retirados da vila (clubes de mães, creche Galpãozinho, padaria comunitária Chico Pão e galpão de reciclagem Santíssima Trindade). Foi apenas a partir de 2014 que a comunidade começou a se organizar para lutar pelo seu pedaço de chão. Com o avanço das obras no aeroporto em 2016, a avenida Dique foi completamente bloqueada. A prefeitura permitiu que a Infraero construísse um muro para delimitação da área do Salgado Filho, isolando a comunidade e dificultando o acesso à cidade e à equipamentos urbanos como creches e escolas. Para driblar esta barreira, os moradores fizeram um buraco na construção para permitir o fluxo de pedestres.

O destino das famílias removidas fica no bairro Rubem Berta no Conjunto Habitacional Porto Novo, uns dos bairros mais perigosos pelo narcotráfico e pela dominância por uma facção rival da localizada na Dique. Por isso, muitos moradores reassentados relatam terem sido vítimas de abordagens violentas e até de ameaças de morte. A remoção, onde as famílias deixaram seus pertences e lembranças, aconteceu de forma inesperada em 2010: sem aviso prévio, a equipe do Demhab chegou nas casas para realizar a mudança. Ao chegar nas casas novas, todas iguais, com portas e janelas simétricas, as famílias precisaram realizar diversos reparos: o chão não tinha piso, as paredes precisavam de pintura e a fiação elétrica era precária, além do tamanho das casas. Depois, as sucessivas necessidades foram um posto de saúde e os lugares de trabalho para as pessoas, como a unidade de triagem (a primeira no Brasil), a padaria, o clube das mães e a escola fundamental. O novo espaço designado destinado à comunidade não foi contemplado pelas suas especificidades, modificando e reconfigurando relações de trabalho e redes de sociabilidades.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental (Emef) Porto Novo (Rua 1992, nº 101, CEP 91160-810, bairro Rubem Berta, Porto Alegre, RS) surgiu em 2015 pela necessidade das numerosas famílias da Vila Dique transferidas para o bairro pela prefeitura. A escola atende alunos de 6 a 18 anos, dos quais 20% possuem deficiência. A escolha da escola não é casual. Com o slogan “Educar para um mundo melhor”, promove valores e respeito pelos seres humanos, animais e meio ambiente. “O tema estará presente em toda a escola”, diz a diretora Salete Monticelli. “Nosso objetivo é expandir os espaços de aprendizado e convivência para os alunos”. Reciclagem, reutilização de materiais, plantio de jardins e flores, uso de água da chuva,

esportes, música, teatro e dança são algumas das atividades oferecidas. “Aqui, eles entenderão que podem mudar a realidade em que vivem”, afirma a vice-diretora Denise dos Santos da Silva.

4.2 A VIVÊNCIA PRÉ-PROJETO

Devido ao contexto, a escola é um espaço aberto a projetos e discussões, acolhendo a diversidade sem casos de *bullying*, com muita integração e sem excluir ninguém. Um valor agregado é a atenção à criatividade e ao meio ambiente, com programas que ampliam o imaginário dos alunos e respeitam a circularidade. A escola se mantém como um espaço de resistência e acolhimento; a equipe pedagógica demonstra um compromisso significativo com a educação e o desenvolvimento dos alunos, o que se refletiu no interesse em colaborar com o CriaRenda. A estrutura física da escola é simples, mas funcional, com espaços abertos que foram fundamentais para a realização das oficinas.

A escolha da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Porto Novo não foi aleatória: a escola desempenha um papel central na vida da comunidade, funcionando não apenas como um espaço de ensino, mas como um ponto de encontro e articulação social. Esse fator foi determinante para a implementação do projeto CriaRenda, no qual a autora se inseriu para enriquecer o projeto com sua própria perspectiva, pois permitiu um contato direto com a realidade local, favorecendo o engajamento e o envolvimento dos moradores. Antes de entrar na fase de planejamento do projeto, foram realizadas cinco visitas (uma vez por semana ao longo dos meses de Junho e Julho) na Escola Porto Novo e no bairro, para começar a criar um vínculo com a comunidade, conhecê-la e se apresentar. Os participantes foram alguns dos alunos da escola, curiosos e interessados no projeto, que tinham uma forte criatividade, e as mulheres do Galpão. A qualidade relacional, para a colaboração entre pares não é uma opção, mas uma pré-condição para sua existência e requer confiança (Manzini, 2008).

• I encontro 06/06

Participantes: Tatiane (18), Luis (13), Rafael (13), Rose (12), Nelson (12).

Modalidade: Apresentação com perguntas, pesquisas para realizar, escolha de projetos e tecidos.

Descrição: A aula, conforme apresentado no Quadro 4, começou com uma apresentação previamente elaborada, fazendo perguntas atuais sobre o clima e o meio ambiente. Surpreendentemente, houve muita interação, especialmente de Luis e Rafael, que demonstraram grande interesse e conhecimento. Observamos desastres climáticos, como aquilo

em Porto Alegre (enchente de Maio de 2024) e globalmente, analisando suas causas no setor têxtil em particular. Foi introduzido o tema da circularidade, reutilização e reciclagem. Os alunos começaram a projetar suas ideias: Tatiane quer fazer uma bolsa de jeans, Rose um vestido e Nelson calças de patchwork, Luis e Rafael optaram por roupas para um brinquedo. Para a semana seguinte foram atribuídas duas tarefas/pesquisas: a primeira consiste em escolher uma peça de roupa com etiqueta e marca do próprio armário para descobrir o máximo de informações possíveis sobre a origem, material e sustentabilidade; a segunda tarefa é criar um inventário do próprio guarda-roupa, indicando o número total de peças, aquelas que não são usadas há mais de um ano, as que podem ser doadas ou descartadas, e as que podem ser modificadas para serem reutilizadas. Devido à descontinuidade na participação das crianças, as tarefas atribuídas na aula não foram concluídas.

Quadro 4: Encontro I.



Fonte: Desenvolvido pela autora.

• II encontro 13/06

Participantes: Luis (9), Giovana (9), Erick (9), Sofia (10), Pedro (10), Kendra (10), Rose (12), Nelson (12).

Modalidade: Apresentação, criação de moldes, posicionamento no tecido e corte.

Descrição: A aula, conforme apresentado no Quadro 5, começou com uma demonstração de como tirar medidas do corpo e uma introdução geral sobre tecidos, explicando a trama, o urdume e o viés, seguido pela explicação do fio reto e do posicionamento do molde no tecido. Em seguida, traçamos os moldes a partir das próprias roupas dos alunos, modificando-os conforme o projeto. Crianças mais novas (9/10 anos) participaram livremente, experimentando e criando, enquanto os “veteranos” deram continuidade aos projetos iniciados na aula anterior, ajustando moldes e tecidos disponíveis.

Quadro 5: Encontro II.



Fonte: Desenvolvido pela autora.

- **III encontro 20/06**

Participantes: Luis (9), Giovana (9), Erick (9), Pedro (10), Kendra (10), Rose (12), Nelson (12).

Modalidade: Criação de moldes, posicionamento no tecido e corte.

Descrição: Nesta oficina, conforme apresentado no Quadro 6, acredito que os jovens perceberam a quantidade de trabalho que está envolvido na criação de uma peça de roupa com todas as etapas necessárias. Eles pensavam que a realização da ideia era imediata, mas ao descobrirem todos os passos exigidos antes de chegar à costura na máquina, muitos desistiram do projeto inicial por perceberem a dificuldade. Decidimos então começar a criar coisas mais simples e factível. A maioria das crianças tentou descobrir como costurar à mão, brincando e se divertindo criando bonecos, aproximando-as do trabalho de costura. Com o Nelson, que parece ser o mais determinado a fazer o projeto inicial, seguimos em frente a criar os moldes das várias peças de patchwork para criar os jeans que ele quer.

Quadro 6: Encontro III.



Fonte: Desenvolvido pela autora.

- **IV encontro 04/07**

Participantes: Pedro (10), Kendra (10), Sofia (10), Rose (12), Nelson (12) e diferentes alunos.

Modalidade: Criação de moldes, posicionamento no tecido e corte.

Descrição: Durante a manhã, eu e a Tatiane fomos à triagem do lado para escolher umas roupas descartadas (apesar das excelentes condições). Conforme apresentado no Quadro 7, as peças foram espalhadas nas mesas da oficina e crianças e adolescentes foram convidados, como se tivessem que escolher algumas pra eles (sem comentar de onde vinham). Eles mostraram interesse em algumas peças, coisa que não aconteceria se a gente tinha falado que era roupa descartada no Galpão do lado, e foram chocados quando descobriram. Logo depois, nós os levamos o pessoal lá para continuar gerando uma sensibilização neles. Ao levá-los à triagem, reforçamos a conexão com o contexto de descarte e a possibilidade de transformação desses resíduos em algo significativo, não apenas materialmente, mas como um símbolo de mudança de mentalidade. A interação prática e direta foi essencial para criar uma percepção mais concreta e engajante.

Quadro 7: Encontro IV.



Fonte: Desenvolvido pela autora.

- **V encontro 18/07**

Participantes: Crianças e meninas/os da escola e mulheres do Galpão.

Modalidade: Criação de outfit com as peças do Galpão.

Descrição: Este dia começou com uma seleção de peças no centro de triagem, depois organizámo-las todas numa mesa e tentamos compor alguns outfits com o que tínhamos, conforme apresentado no Quadro 8. A ideia inicial era que a autora decidisse todas as composições das roupas e quais modelos iriam vestir o que foi decidido. Só que, na hora da prova, testando a roupa, as pessoas começaram mexer nelas, misturar e expressar suas

preferências e gostos, a escolher e selecionar elas mesmas o que estavam dispostas a vestir ou não o que elas queriam e não queriam usar (por exemplo, tinha alguém que queria usar só saias e outras que absolutamente não). O que mudou também foi a reação das mulheres, a percepção delas mesmas, simplesmente pensando em fazer o modelo para um desfile, a própria autoestima e o empoderamento que isso trouxe para elas foi bem visível: algumas foram iluminadas com o pensamento de um desfile possível e de um dia de beleza dedicado a elas, outras precisavam de ser incentivadas a se mostrarem, mas ainda assim você podia ver essa estima a mais sob o sorriso escondido e tímido.

Quadro 8: Encontro V.



Fonte: Desenvolvido pela autora.

Foi a partir destes cinco encontros, observados na comunidade, que o projeto começou a tomar um certo rumo. Foram destacadas algumas considerações, útil e necessárias para entender como continuar no processo, em relação ao conhecimento sobre a poluição da indústria da moda, a relação com a roupa, ao identificar o valor e o potencial nas roupas descartadas, a constância em um trabalho lento e contemplativo, a co-participação na escolha de roupas e a valorização da própria imagem. Nas observações, levamos conta das impressões sobre os silêncios, expressões faciais, gestos, palavras empregadas, tom de voz, olhares e hesitações.

Já que praticamente todos os estudantes, porém, em maior proporção a comunidade de Porto Novo, foram impactados pela recente enchente de maio 2024 e que a Escola tem um foco no sentido da sustentabilidade, eles mostraram uma clara consciência sobre a emergência climática, capazes de identificar até as causas. Mas, pelo viés da indústria da moda, não tinham muitas informações, nem sobre o impacto ambiental e nem o ético. Devido a esses fatores, a divulgação deste tema será um dos objetivos do projeto, para ser possível uma conscientização.

Por meio de várias perguntas informais, foi percebido que alguns deles não se importa muito da roupa em geral, outros que sim, tem interesse, mas com a tristeza de não poder comprar

roupas novas, e outros ainda que, mesmo não tendo muitas possibilidades, não desistem de comprar roupa de marca pelo “status” que elas têm. Apesar da presença de muitas lojas de segunda mão (brechó) no Brasil, caracterizadas por preços acessíveis, há poucas pessoas que as utilizam. Enquanto as mulheres do Galpão, elas parecem ser costumadas a procurar pelas roupas descartadas que chegam: algumas delas escolhem roupas intactas, outras até com buracos ou manchas, sem se preocuparem muito com a estética, a própria dignidade e a valorização da própria imagem. A mudança de perspectiva sobre o valor das peças também se tornou parte estrutural do projeto, tentando deixar claro que não existe lixo nem fora.

Outro ponto importante é o empoderamento da autoestima, sentido de cuidado que foi percebido em falar do desfile. Algumas delas ficaram bem interessadas e com vontade de participar, como um dia dedicado a beleza delas com maquiagem, cabeleireiro e roupas; outras necessitavam de um encorajamento para embarcar em tal coisa. Enquanto o desfile, onde normalmente os modelos são necessários só para mostrar as peças de coleção, mas permanecem elementos passivos, neste caso, elas se “ativaram” na escolha das peças. Assim o processo de criação dos outfits tornou-se coletivo, com a participação de todos. Enquanto ao reaproveitamento das peças descartadas, as mulheres parecem precisar de um input para começar a imaginar como poderiam ser usadas estas peças, as várias possibilidades que existem, juntando também as habilidades que elas têm (por exemplo há quem sabe fazer crochê). O tempo contemplativo tem o seu lugar na Escola Porto Novo e as crianças conseguem ousar no espaço da imaginação, que dá vida a criatividade, que tem origem social, é coletiva, é uma atividade de troca simbólica entre os indivíduos, como o saber e as teorias, que são múltiplas e se modificam e transformam pela prática.

As imagens reproduzidas pela imaginação estão contaminadas e, ao mesmo tempo, contaminam as pessoas. Foi percebida a democratização de humanos (crianças) e não-humanos (materiais), dos atores que transformam e se transformam ao mesmo tempo, maleando à vontade a matéria que tinham, ou pelo menos tentando fazê-lo, e sendo maleados daquela mesma matéria – o ator não-humano. As crianças foram inspiradas por tecidos e objetos na sala, “combinando elementos velhos em novas combinações” (Vygotsky, 2012), inspiradas pelos temas abordados nas aulas anteriores, um pelo outro, pela imaginação deles e o contexto que eles vivenciam em geral. Eles continuaram mudando suas mentes plásticas, ajudaram uns aos outros, criaram algo e depois modificaram ou desmontaram o artefato criado; os componentes do objeto que eles estavam criando, além dos materiais, eram eles mesmos e o próprio processo, constituído de várias experimentações. Então, todos os atores humanos e não humanos que participaram, constituíram o coletivo, variando de acordo com a composição, co-costurando e

brincando juntos. Para as mulheres, lento trabalho manual poderia ser uma boa saída da cotidianidade delas, apagando os pensamentos e focando em uma coisa só e que precisa de atenção. Além disso, começar um trabalho manual, empenhando-se com constância e ver a realização final feita com tuas próprias mãos vai aumentar a dignidade, a autoestima e o empoderamento social e cultural da pessoa em questão.

A imersão na comunidade, por meio da observação e da interação direta, foi essencial para definir os pontos centrais do projeto. Entre eles, destacam-se: a necessidade de conhecimento sobre a poluição gerada pela indústria da moda para promover conscientização, a relação das pessoas com o vestuário, a capacidade de reconhecer valor e potencial nas peças descartadas, a importância da constância em um trabalho manual lento e reflexivo, e a valorização desse processo como forma de ressignificação e empoderamento.

4.3 DNA DO PROJETO

A sociedade capitalista patriarcal tem como valores centrais a priorização da produção e do consumo em detrimento do bem-estar coletivo, o materialismo como medida de sucesso e uma visão de futuro que desconsidera o presente. Tal perspectiva aliena o indivíduo de sua espiritualidade, da consciência da unidade de tudo e da conexão com o meio ambiente. Esse paradigma, sustentado por um modelo econômico que valoriza o lucro acima de princípios éticos e ecológicos, agrava a fragmentação social e fomenta desigualdades estruturais, comprometendo a coesão social e a sustentabilidade planetária.

No entanto, como ressalta Manzini (2015), existe uma crescente insatisfação com os estilos de vida individualistas, criando um terreno fértil para o design colaborativo e outras práticas de Inovação Social. Este movimento, que sugere um retorno à essência do bem-estar coletivo, propõe subordinar os objetivos econômicos a critérios de dignidade humana, justiça social e ecologia. Esse olhar renovado para o coletivo reconhece um dos imperativos cruciais do nosso tempo: a interdependência de todos os seres. Essa interdependência reforça a necessidade de reconexão, tanto com outros seres humanos quanto com o mundo não humano, alinhando-se à visão de Escobar (2018), que afirma que nada existe de forma isolada – nem os indivíduos separados – tudo está interconectado. Essa noção defende uma abordagem que valorize a radical interdependência e está ligada ao conceito de co-design e colaboração dialógica, onde designers e pessoas comuns redescobrem o poder de agir em conjunto (Manzini, 2015), para criar novos mundos mais equitativos e sustentáveis.

A solidariedade social e política de que necessitamos para construir uma sociedade mais harmoniosa e inclusiva encontra uma prática essencial na formação democrática. Os pequenos gestos de colaboração, empatia e respeito mútuo nas interações diárias não são apenas simbólicos; eles têm um valor pedagógico e transformador inegável, promovendo o desenvolvimento de uma convivência onde todos podem ser mais autênticos e livres para expressar quem realmente são. Não ocorre apenas no nível institucional, mas no cotidiano, mediante ações repetidas e compartilhadas, que se constrói um tecido social mais justo e acolhedor, onde a dignidade e a autonomia de cada indivíduo são continuamente reafirmadas. Não se pode tratar as pessoas com dignidade sem levar em conta as condições de vida em que elas existem e os conhecimentos práticos que acumulam ao longo da vida. Respeitar a dignidade de alguém significa valorizar a sua experiência e o saber que traz consigo, sem o subestimar. Esse respeito é essencial para reconhecer o processo de formação contínua da identidade de cada indivíduo e a dignidade representa um imperativo ético universal, que exige o reconhecimento da singularidade e do valor intrínseco de cada pessoa.

Depois ter analisado as três referências, encontramos alguns conceitos chave que retornam em cada um deles. Os principais são dignidade, autonomia e empoderamento. Em diferentes dicionários, essas palavras possuem múltiplos significados não completamente uniformes, que variam de acordo com o contexto cultural e histórico, o que revela a complexidade semântica. Como conceitos que lidam com a experiência humana, são difíceis de definir com precisão, mantendo um grau inevitável de indeterminação. Ao estudarmos sua estrutura e morfologia, notamos que a vagueza dessa elasticidade semântica da linguagem não é uma limitação, mas sim um recurso, que permite que as palavras sejam flexíveis e se ajustem às novas necessidades de significado de uma comunidade humana. Isso torna a linguagem aberta a novas interpretações, e cabe a cada geração o papel de preencher essas palavras com novos significados compartilhados, adaptando-as às demandas éticas e sociais de seu tempo.

DIGNIDADE, termo abstrato derivado do adjetivo “digno”, refere-se à condição ou qualidade de ser digno. Segundo a Treccani, é a “condição de nobreza moral conferida ao ser humano por sua posição, qualidades intrínsecas ou natureza humana”, exigindo respeito tanto dos outros quanto de si mesmo. O adjetivo “digno”, quando usado de forma absoluta, indica algo de valor moral, social ou espiritual (Torchia, 2019). A dignidade é uma condição moral adquirida por meio de comportamentos coerentes com valores éticos e culturais, mas que também pode ser perdida, variando de acordo com contexto social e cultural. Em um sentido universalista, a dignidade humana tem um fundamento ontológico, sendo uma qualidade intrínseca de cada ser humano, independentemente de méritos, posição social ou outras

condições como idade, sexo ou etnia. Portanto, respeitar a dignidade de alguém significa não apenas reconhecer sua humanidade, mas também criar condições para que essa pessoa floresça plenamente em sua existência. No contexto capitalista, como analisado por Jason W. Moore (2015), a dignidade é frequentemente comprometida pelas dinâmicas de exploração e desigualdade: as comunidades vulneráveis sofrem os maiores impactos da degradação ambiental e das práticas extrativas. Nancy Fraser (2013) destaca que a justiça social implica o reconhecimento das identidades e experiências das pessoas marginalizadas. Esse reconhecimento se traduz em tratar cada indivíduo com dignidade, não apenas como um sujeito passivo, mas como parte ativa da transformação social. Freire (1996) considera a dignidade um elemento central do processo educativo: cada indivíduo, ao tomar consciência de seu potencial, recupera seu valor e a capacidade de contribuir para a sociedade.

Por outro lado, a **AUTONOMIA**, de acordo com o vocabulário italiano Treccani, é a capacidade de governar-se e agir de forma independente. Ela reflete a liberdade de se autorregular e cuidar de suas próprias necessidades sem depender de outros, frequentemente com base em um direito inerente. Na filosofia, a autonomia ética envolve autodeterminação e liberdade de decisão. Para Kant, a autonomia prática reflete a liberdade da vontade, excluindo qualquer norma externa e afirmando o poder do espírito de estabelecer suas próprias normas morais. Este conceito é retomado por Fraser (2013), que o aplica às dinâmicas sociais, sublinhando a importância de garantir aos indivíduos e às comunidades a possibilidade de se autodeterminarem em um sistema justo e equitativo. Manzini (2016) enfatiza o papel do Design Estratégico na criação de condições que favoreçam a autonomia, capacitando as pessoas a tomarem decisões conscientes. A autonomia é central também nas visões de Escobar (2018), que a liga à soberania das comunidades locais na definição de seu futuro, onde o co-design se torna uma ferramenta para respeitar e valorizar as especificidades culturais e econômicas, fornecendo-lhes os instrumentos necessários para prosperar sem dependências impostas. Contudo, em uma sociedade marcada por desigualdades estruturais, a autonomia não pode ser vista de forma isolada; ela deve ser promovida em conjunto com a justiça social e o fortalecimento de redes de apoio coletivo.

O conceito de **EMPODERAMENTO**, segundo a Treccani, refere-se ao aumento de poder e capacidades, englobando ações e intervenções voltadas para fortalecer o poder de escolha dos indivíduos, aprimorando suas habilidades e conhecimentos. Num sentido mais amplo, no campo social e político, trata-se de um processo de libertação coletiva, no qual comunidades marginalizadas superam condições de opressão, superando uma condição subalterna e obtendo o reconhecimento de seus direitos, conquistando maior autonomia e

responsabilidade. O empoderamento, segundo Freire (1996), é um processo que começa com a consciência crítica: ele enfatiza como a educação pode transformar indivíduos de objetos passivos em sujeitos ativos da história. O empoderamento pessoal não se resume apenas a competências, mas também envolve confiança e a capacidade de influenciar a realidade. Em particular na indústria da moda, Fletcher (2008) destaca como o design para o empoderamento pode transformar o setor, oferecendo oportunidades econômicas para comunidades marginalizadas e promovendo a sustentabilidade ambiental. A moda pode se tornar um meio para romper ciclos de pobreza, criando valor econômico e social. O empoderamento, nesse contexto, vai além do aumento de capacidades individuais, está intrinsecamente ligado à ideia de justiça social, pois promove a redistribuição de poder e a construção de novas formas de convivência baseadas no respeito mútuo e na igualdade.

Em última análise, a construção de uma sociedade pautada pela dignidade, autonomia e empoderamento requer um esforço coletivo para transcender as limitações do individualismo e do materialismo. Isso implica a promoção de práticas colaborativas, a valorização dos saberes locais e o fortalecimento de redes de solidariedade. Como sugerem Manzini e Escobar, o futuro da humanidade depende de nossa capacidade de nos reconectarmos uns com os outros e com o planeta, reconhecendo a interdependência como um princípio ético e ecológico fundamental. Somente assim poderemos construir um mundo onde os valores de justiça, igualdade e respeito mútuo sejam mais do que ideais; sejam práticas concretas que transformem o presente e garantam um futuro mais sustentável e inclusivo para todos.

4.4 INTRODUÇÃO AO PROJETO

Segundo Manzini (2008), o Design Estratégico incita à reflexão sobre as inovações culturais, definidas como mudanças que alteram comportamentos e modos de pensar, ativando redes sociais para provocar mudanças efetivas na cultura, nos significados e nos valores. Portanto, o papel do Design Estratégico nessa pesquisa é impulsionar a Inovação Social, empoderando comunidades, tentando resolver questões sociais e econômicas, com um foco particular no impacto ambiental e na sustentabilidade, oferecendo benefícios e apoiando a diversidade cultural (Facca, 2008). A Inovação Social, nesse sentido, intrinsecamente conectada ao Design Estratégico, se manifesta como um processo de transformação que reorganiza sistemas e práticas para atender a necessidades sociais de maneira colaborativa e sustentável. Como apontado por autores como Fraser (2013) e Escobar (2018), a Inovação Social não apenas propõe novas formas de interação e produção, mas também desafia estruturas

opressivas e promove a justiça social. Nesse cenário, exploramos como os processos de Design Estratégico podem criar propostas habilitantes, situadas e exemplificadas, desenvolvendo um projeto que promova a revalorização de resíduos têxteis como matéria-prima para a produção de moda sustentável e fomente a geração de renda nas comunidades locais, visando emponderá-las.

No setor da moda, essa abordagem é particularmente necessária para enfrentar os impactos da *fast fashion* e avançar em direção a um modelo de economia circular, que priorize o reaproveitamento de recursos e a regeneração ambiental. A educação desempenha um papel central nesse processo de transformação. Freire (1996) destaca que a educação é uma prática emancipatória, que permite aos indivíduos tomarem consciência de sua realidade e agirem para transformá-la. A educação, nesse contexto, vai além do ensino formal, sendo uma ferramenta para a construção de novos significados e práticas que promovam a dignidade, a autonomia e o empoderamento. Freire sublinha que a conscientização crítica é essencial para transformar a realidade: não basta adaptar-se às condições existentes, é necessário problematizá-las e agir para modificá-las. Essa abordagem está alinhada à urgência de educar para a sustentabilidade, promovendo práticas de consumo responsável e modelos de produção mais justos. A pedagogia de Freire convida a construir uma cultura de mudança coletiva, baseada na solidariedade e no empoderamento das comunidades. Diante da realidade de catástrofes climáticas, ao adquirir consciência, não se pode permanecer impassível, imóvel (Freire, 1996): saber por si mesmo, não vai trazer mudanças. Se toma nota (de uma certa coisa), não é para se adaptar de forma aquiescente ao triste e inexorável fim do mundo, mas para intervir na realidade, uma ação complexa e geradora de novos conhecimentos; a educação, por exemplo, é uma forma de intervenção no mundo (Freire, 1996).

Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História. [...] A conscientização é como um esforço de conhecimento crítico dos obstáculos, e tem uma necessidade na sua atualização. [...] A capacidade de aprender, não apenas para nós adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a. Aprender é uma aventura criadora, é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. [...] Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria (adaptação pela autora, Freire, 1996, pp. 29-37).

As capacitações por meio de oficinas constituem um esforço educacionalmente progressivo que promove a autonomia dos educandos: formar é muito mais do que puramente treinar. O ato de ensinar transcende a mera transmissão de conhecimento; envolve a facilitação de oportunidades de produção ou construção de conhecimento (Freire, 1996). Os indivíduos

que se envolvem no processo de formação estão sendo transformados simultaneamente pelo ato de formar, enquanto aqueles que estão sendo formados passam por uma reforma contínua, tornando o ato em si uma manifestação da expressão criativa. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender (Freire, 1996). A aprendizagem é precursora do ensino; em outros termos, o ensino geralmente está entrelaçado com a experiência autêntica e fundamental de aprender (Freire, 1996). O processo de aprendizagem tem o potencial de despertar uma curiosidade cada vez maior no aluno, aprimorando assim suas capacidades criativas. Ensino, aprendizagem e pesquisa são processos interconectados em que o conhecimento existente é transmitido e adquirido, juntamente com a exploração do conhecimento que ainda não foi realizado. “Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo” (Freire, 1996, p. 16).

Por que não aproveitar as experiências vividas por estudantes em áreas urbanas desfavorecidas para participar de discussões sobre, por exemplo, a poluição dos cursos de água locais e as condições adversas associadas que afetam o bem-estar da comunidade, bem como as implicações do descarte de resíduos na saúde pública (Freire, 1996)? Por que não cultivar uma “intimidade” essencial entre o conhecimento curricular fundamental dos estudantes e suas realidades sociais como indivíduos (Freire, 1996)? Compreender e pensar estão inextricavelmente ligados; a compreensão não é simplesmente transferida, mas sim co-criada por meio do engajamento participativo. O papel do educador está fundamentalmente entrelaçado com o dos alunos. Todas as formas de entendimento necessitam de comunicabilidade. O pensamento é inerentemente dialógico, caracterizado por uma interação dinâmica e dialética entre ação e contemplação em relação a essa ação.

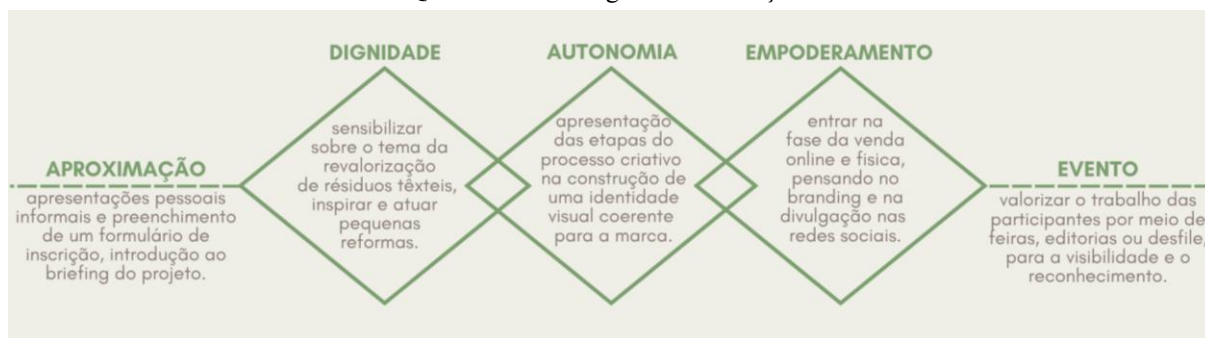
Esta transição contínua entre aprendizagem e educação reflete a relação entre teoria e prática. Engajar-se na reflexão crítica sobre a prática é essencial para uma relação robusta entre teoria e prática; sem essa reflexão, a teoria corre o risco de se tornar mera retórica, enquanto a prática pode se transformar em mero ativismo, sem a solidariedade necessária entre intelecto e ação. O momento crucial é o ato de refletir criticamente sobre práticas passadas. É por meio de um exame crítico das ações anteriores que aprimoramentos nas práticas futuras podem ser realizados.

Em comunidades como Porto Novo, a educação é um meio de reverter dinâmicas de exclusão e criar oportunidades para um futuro mais sustentável. Ao considerar o papel da educação no Design Estratégico, é possível observar como ela pode ser integrada a propostas habilitantes. Oficinas, treinamentos e práticas colaborativas se tornam espaços de aprendizado

mútuo, onde os participantes não apenas adquirem habilidades técnicas, mas também desenvolvem dignidade, autonomia e empoderamento. Essas intervenções educacionais são fundamentais para gerar mudanças culturais e criar uma base sólida para a Inovação Social. Assim foi criado o método pelo qual o projeto CriaRenda evoluiu, começando com o conhecimento e a imersão na comunidade. Cada projeto é concebido e desenvolvido no contexto significativo onde ele fica, caracterizado pela sua unicidade, um contexto específico no qual novos significados são produzidos. Tudo é situado e tudo nasce em contextos sociais, políticos e culturais específicos que emergem das experiências e posições subjetivas das pessoas, importantes para entender a complexidade do contexto.

4.5 A ESTRATÉGIA DE PROJETO

O projeto CriaRenda é apresentado como uma aplicação prática dos conceitos de Capitaloceno, Design Estratégico e Inovação Social. Utilizando um modelo interpretativo que combina educação, Economia Circular e reutilização de resíduos têxteis, o CriaRenda tem como objetivo transformar desafios locais em oportunidades para o desenvolvimento social e econômico. Sua proposta central consiste em propor um exemplo replicável de soluções capacitadoras, que incentivem a criação de peças de moda sustentáveis e promovam o crescimento econômico e social à nível local. O projeto enfatiza o empoderamento, fortalece a autonomia e a dignidade das comunidades marginalizadas, e promove uma sensibilização para um consumo mais consciente. Ao integrar a revalorização dos resíduos têxteis no ecossistema da moda local, alinha-se aos princípios da sustentabilidade, propondo uma abordagem que transforma desafios socioambientais em oportunidades para a inovação e a inclusão. Estes três conceitos de dignidade, autonomia e empoderamento orientaram as oficinas, cada um dos quais orienta as atividades e os objetivos do projeto, estruturadas do seguinte modo, conforme apresentado no Quadro 9:

Quadro 9: Estratégia de intervenção.

Fonte: Desenvolvido pela autora.

A dignidade é restaurada através da circularidade para a revalorização dos materiais descartados, que ganham nova vida ao serem transformados em produtos úteis, criativos e significativos. Esse processo não apenas reduz a quantidade de resíduos gerados, mas também proporciona aos indivíduos uma forma de expressão criativa ao conferir valor ao que antes era considerado lixo. A autonomia é cultivada por meio da capacitação técnica e prática: os participantes aprendem técnicas essenciais como corte, costura e design, desenvolvendo habilidades que permitem criar produtos a partir dos materiais disponíveis. Essas novas competências não só fortalecem a autoestima dos participantes, mas também possibilitam a geração de fontes independentes de renda através da venda dos produtos em feiras locais ou redes solidárias. O empoderamento emerge como resultado final desse processo: indivíduos agora conscientes de suas habilidades sentem-se parte ativa na cadeia produtiva sustentável; ao fortalecer as habilidades locais e fomentar iniciativas sustentáveis, é possível criar um impacto positivo tanto no nível social quanto ambiental.

A concepção dos workshops baseia-se em uma abordagem estratégica e sistêmica, voltada para promover a sustentabilidade na moda por meio do empoderamento e da participação ativa da comunidade de Porto Novo. O principal objetivo é oferecer uma experiência educativa e colaborativa que favoreça a recuperação da dignidade, a autonomia econômica e o empoderamento das participantes, promovendo, ao mesmo tempo, a revalorização dos resíduos têxteis como matéria-prima para a criação de produtos sustentáveis.

Os objetivos dos workshops são: (I) sensibilização, educando as participantes sobre as questões socioambientais relacionadas ao setor da moda, destacando os limites da *fast fashion* e a importância da sustentabilidade e da circularidade; (II) formação técnica, oferecendo competências práticas e criativas para o reaproveitamento dos resíduos têxteis, por meio de técnicas como reciclagem criativa (*upcycling*) e reparação; (III) promoção da dignidade, autonomia e empoderamento, encorajando as participantes a desenvolver uma consciência

crítica sobre seu potencial, reforçando sua capacidade de gerar renda de forma autônoma e sustentável; e (IV) criação de redes comunitárias, favorecendo a colaboração entre as participantes, promovendo a cocriação e o compartilhamento de experiências como ferramentas para a mudança social.

A partir da fundamentação teórica junto com a vivência da comunidade Porto Novo, foi possível estruturar a estratégia de intervenção. Este processo permitiu identificar conceitos-chave – dignidade, autonomia e empoderamento – que compõem o DNA do projeto. O seguinte roteiro é o guia das intervenções que vão acontecer na Escola Porto Novo, porém, é sujeito a mudanças devidas ao contexto:

1. Aproximação

Objetivo: Criar um ambiente de confiança, conhecer uns aos outros apresentando-se, aplicação de um formulário para a inscrição ao projeto e ilustrar o briefing de projeto.

Atividades:

- Apresentações informais, nas quais cada participante compartilha brevemente sua história, experiência, aspirações e motivos para participar.
- Coleta de informações através do formulário.
- Apresentação do projeto, do cronograma e das etapas, acenando o tema da insustentabilidade na moda.

2. Dignidade

Objetivo: Sensibilizar sobre o assunto da sustentabilidade na moda, focando na revalorização das peças descartadas.

Atividades:

- Reflexão sobre a moda como expressão de identidade e como, através do reaproveitamento de roupas, podemos valorizá-las e dar-lhes uma nova vida.
- Mostrar exemplos de *upcycling* e fazer um *brainstorming* com as participantes sobre ideias criativas para transformar roupas descartadas.
- Inspirar modificações possíveis, trazendo as peças do Galpão, e começar a prática.

3. Autonomia

Objetivo: Introduzir as bases da costura e as etapas do processo criativo, com o fim de criar algo de coerente.

Atividades:

- Apresentação das fundamentas da costura e das fases necessárias do processo criativo
- Continuar os projetos começados.

4. Empoderamento

Objetivo: Passar pela parte da identidade da marca, voltada a venda.

Atividades:

- Apresentação sobre a identidade da marca, o uso das redes sociais, da propaganda, da venda online e física.
- Pesquisa de imagens e palavras chaves, que para as participantes fazem sentido pela construção da identidade da marca.

5. Evento

Objetivo: Valorizar o trabalho das participantes por meio de feiras, editorias ou desfile.

Atividades:

- Participar as feiras que acontecem na cidade, fazendo conexões com pessoas.
- Tirar fotos profissionais das peças para postá-las e vende-las.

A metodologia adotada combina elementos do Design Estratégico e da educação emancipatória, inspirando-se em autores como Manzini e Freire. Os workshops foram projetados com o envolvimento direto das participantes (codesign), garantindo a relevância dos conteúdos em relação às suas necessidades e ao contexto local. As sessões priorizam a interação e a prática direta, estimulando a criatividade e a capacidade de resolução de problemas das participantes (aprendizado ativo). O programa foi estruturado de forma flexível para atender às necessidades emergentes durante o processo (adaptabilidade).

O modelo interpretativo que fundamenta os workshops é resultado de um processo aprofundado de análise e observação da comunidade de Porto Novo, combinado com uma revisão da literatura e identificação de boas práticas no campo da Inovação Social e do Design Estratégico. Este modelo integra a análise do contexto local através da observação das dinâmicas sociais e econômicas da comunidade, permitindo identificar oportunidades e desafios específicos para a intervenção. Os pilares centrais — dignidade, autonomia e empoderamento — são traduzidos em objetivos operacionais que orientam o planejamento das atividades. Além disso, a aplicação de um processo de feedback iterativo, no qual o programa dos workshops foi

aprimorado com as contribuições coletadas durante as fases preliminares do projeto, garante maior relevância e impacto das ações desenvolvidas.

Por meio dessa abordagem, as oficinas transcendem a simples transferência de conhecimento e habilidades, mas criam um ambiente fértil para o diálogo, a colaboração e a transformação social, estabelecendo as bases para um modelo replicável em outros contextos. Fundamentadas no conceito de propostas habilitantes de Manzini, essas intervenções não apenas oferecem soluções práticas, mas também capacitam os participantes a desenvolverem suas próprias respostas aos desafios enfrentados. O modelo CriaRenda exemplifica como a integração de educação, Economia Circular e Design Estratégico pode gerar mudanças estruturais e sociais. Por seu caráter situado, flexível e adaptável, o CriaRenda é replicável em outros contextos. Assim como proposto por Manzini nas estratégias de replicabilidade, o projeto se adapta às especificidades de diferentes comunidades, ampliando seu potencial de impacto. Ele demonstra como o design pode atuar como uma ferramenta poderosa para promover justiça social, sustentabilidade e transformação cultural, oferecendo um modelo prático para enfrentar os desafios do Capitaloceno e construir um futuro mais equilibrado e inclusivo.

4.6 A INTERVENÇÃO

Este capítulo apresenta um diário de campo, registrando cada oficina a partir da perspectiva da autora e destacando as adaptações necessárias entre a teoria e a prática, além de observações e reflexões pessoais. As principais participantes do projeto foram três mulheres que trabalham no Galpão – Isaura Bitencourt Sant Anna (55 anos), Gabriela Alves (21 anos) e Daniela Teresinha de Jesus (36 anos) – juntamente com Tatiane (18 anos), uma jovem com dificuldades cognitivas. Além dessas participantes fixas, a dinâmica das oficinas foi enriquecida pela própria natureza aberta e acolhedora da escola, que incentiva a curiosidade e a participação espontânea. Assim, em cada encontro, crianças e adolescentes frequentemente se aproximavam, observando as atividades e, em alguns casos, experimentando algumas técnicas. Essa interação ampliou o alcance do projeto, fortalecendo o senso de comunidade e promovendo um ambiente de aprendizado colaborativo e inclusivo.

- **Aproximação – 17/10**

Nesse primeiro encontro, conforme apresentado no Quadro 10, participaram as quatro participantes. A oficina começou com minha apresentação, seguida pela explicação do projeto

e pelo preenchimento de um formulário pelas participantes como inscrição ao projeto. Todas mostraram interesse no projeto, destacando a possibilidade de adquirir novas habilidades ou desenvolver algumas que já possuíam (duas das quatro participantes afirmaram ter experiência em costura, tricô ou outras atividades manuais). Além disso, três delas afirmaram que já tinham pensado em transformar as próprias habilidades em fonte de renda. Durante as apresentações, a Isaura em particular, conhecida por sua habilidade oratória e paixão por poemas, fez um discurso inspirador sobre as possibilidades que projetos como este oferecem, incentivando pessoas a "sair da bolha" e explorar novos horizontes.

Como tinha tempo disponível ainda, foi introduzido o tema da sustentabilidade no setor da moda, do mundo que ela esconde atrás, partindo do exemplo do Galpão, onde chegam diariamente quilos de roupas descartadas. Foram apresentadas imagens, vídeos e documentários que denunciam o impacto ambiental, social e econômico da indústria da moda. O conteúdo visual teve um impacto significativo nas participantes, que se mostraram surpresas com as informações e começaram a compreender melhor os objetivos do projeto. Essa nova perspectiva as levou a enxergar os resíduos têxteis do Galpão de forma diferente, assimilando a ideia de revalorização das peças e a importância de dar uma segunda vida às roupas que, de outra forma, seriam descartadas. Elas entenderam que o resíduo pode e deve ser a matéria-prima do futuro. Ao final da oficina, propus que buscassem inspirações para iniciar a pesquisa e pensar nas reformas de *upcycling*, que seriam trabalhadas no encontro seguinte.

Quadro 10: Oficina de Aproximação.



Fonte: Desenvolvido pela autora.

- **Dignidade – 24/10**

Como o assunto da sustentabilidade da moda já foi abordado na oficina precedente, este encontro começou diretamente com uma apresentação sobre as fundamentas da costura,

explicando o tecido, a colocação e as medidas, conforme apresentado no Quadro 11. Em seguida, ao invés de deixar a total liberdade para elas, algumas ideias de reformas foram dadas. Esta escolha de apresentar opções de reformas simples, acredita-se que seja a melhor maneira de estimular aqueles que têm uma imaginação menos desenvolvida (por não terem experiência na área) e, ao mesmo tempo, conter a criatividade excessiva de quem a possui, para evitar que se sintam desmotivados ao não conseguirem concluir o projeto. A Isaura, no final da oficina, se expressou falando que provou orgulho com o que ela produziu, e que foi um momento terapêutico, no qual se desconectou dos problemas cotidianos. Foi confirmado que devolver a dignidade para essas peças significa consertar uma história, significa resiliência, e que é uma cura que acalma a mente.

Quadro 11: Oficina de Dignidade.



Fonte: Desenvolvido pela autora.

• **Autonomia – 28/11**

Neste encontro, além de avançar com os projetos, foi apresentada de forma breve a metodologia do processo criativo, que tem como motor fundamental a curiosidade. Essa curiosidade é a chave para encontrar inspirações, permitindo que, através da pesquisa, colemos uma variedade de imagens que posteriormente serão refinadas até chegarmos a uma moodboard, uma concept board de imagens e palavras do CriaRenda. As participantes, conforme apresentado no Quadro 12, demonstraram interesse e começaram a buscar imagens que, para elas, representassem o projeto em questão. Essa etapa inicial é crucial, pois estabelece as bases para um desenvolvimento criativo colaborativo e significativo, onde cada participante pode expressar suas ideias e visões, contribuindo para um resultado final que reflita a diversidade de perspectivas presentes no grupo. É importante esclarecer que, embora a proposta seja criar uma marca com uma identidade de marca coesa e alinhada a valores específicos, os produtos serão únicos e singulares, pois são confeccionados a partir dos resíduos têxteis disponíveis e modificados conforme a criatividade e a expressão individual de quem os

transforma. Trata-se de uma marca que representa uma nova forma de moda, promovendo um modo alternativo de se relacionar com o vestuário, baseado na sustentabilidade, na valorização da matéria-prima reaproveitada e na autenticidade de cada peça.

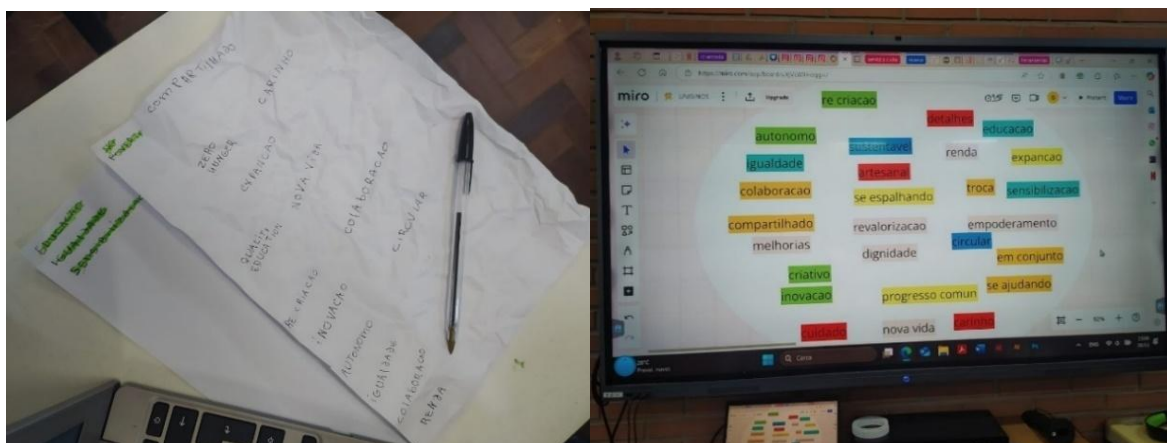
Quadro 12: Oficina de Autonomia I.



Fonte: Desenvolvido pela autora.

- **Autonomia – 05/12**

Chegando ao workshop com uma quantidade significativa de imagens, foi solicitado aos participantes que identificassem palavras-chave que refletissem sua identidade e, consequentemente, a da marca do projeto. A partir de uma lista inicial de cerca de trinta palavras, conforme apresentado no Quadro 13, chegamos à síntese de quatro conceitos centrais: inovação, educação, criatividade e circularidade. Essa fase foi muito importante para elas se expressarem e deixarem claros pensamentos que na mente não permanecem nítidos. As participantes começaram a discutir sobre conceitos de espalhamento da visão do projeto por meio de conexões com as pessoas, e então de sensibilização dos valores, de “fazer em conjunto”, compartilhar e colaborar, se ajudando, visando um progresso comum mais equitativo e sustentável.

Quadro 13: Oficina de Autonomia II.

Fonte: Desenvolvido pela autora.

• Empoderamento – 12/12

No estágio final do projeto, o foco se expandiu para além do desenvolvimento dos produtos, conforme ilustrado no Quadro 14. Um passo fundamental foi explorar estratégias de comunicação visual e presença digital, essenciais para garantir a visibilidade e o sucesso da iniciativa no mercado. Nesse sentido, foram apresentados exemplos inspiradores de perfis de redes sociais de marcas alinhadas aos nossos valores (os perfis Instagram de @garbagecore_, @ravereviewclothes, @mashapopovap e @sunnei), destacando elementos como identidade visual coesa, storytelling autêntico e uma abordagem clara e consistente nas mídias sociais. Essas referências ajudaram as participantes a compreender a importância de criar uma narrativa visual que refletisse a proposta sustentável e social do projeto. O estágio final do projeto não apenas consolidou os conhecimentos adquiridos ao longo dos workshops, mas também capacitou as participantes a pensar estrategicamente sobre a divulgação e comercialização dos produtos. O envolvimento direto delas em todas as etapas – da concepção do logotipo à criação de conteúdo para as redes sociais – fortaleceu seu senso de autonomia e empoderamento, tornando-as protagonistas do crescimento da marca e agentes ativas na construção de uma moda mais sustentável e consciente.

Quadro 14: Oficina de Empoderamento I.

Fonte: Desenvolvido pela autora.

- **Empoderamento – 19/12**

O último encontro teve um caráter decisivo e dinâmico, dedicado exclusivamente à finalização dos projetos desenvolvidos ao longo do programa, conforme ilustrado no Quadro 15. Esse momento simbolizou a culminação de um processo colaborativo e criativo, onde cada participante pôde consolidar suas habilidades e dar vida aos produtos idealizados durante os workshops. A atividade foi dividida em duas etapas principais: acabamento dos projetos e curadoria das peças para fotografia e publicação nas redes sociais. Alguns dos produtos foram destinados à venda em feiras locais e redes solidárias, enquanto outros foram mantidos para uso pessoal, reforçando a valorização das peças únicas e o vínculo emocional criado durante o processo criativo. A conclusão dos projetos e a preparação para a divulgação nas redes sociais marcaram o início de uma nova fase.

Quadro 15: Oficina de Empoderamento II.

Fonte: Desenvolvido pela autora.

- **Evento – 20/12**

Na última fase dos eventos, conseguimos nos inserir em três feiras de brechó e realizar sessões de fotos profissionais das roupas no laboratório de fotografia da Unisinos, conforme apresentado no Quadro 16. Essas imagens foram compartilhadas nas redes sociais, permitindo-nos também explorar o mercado online. Essa iniciativa não apenas promoveu a visibilidade das peças, mas também incentivou a conscientização sobre a importância da reutilização e revalorização dos resíduos têxteis. O engajamento com o público durante as feiras proporcionou uma oportunidade para fazer conhecer o projeto e fazer conexões, discutindo práticas sustentáveis e a relevância do consumo consciente, criando um espaço para que os participantes refletissem sobre suas escolhas de moda e seu impacto ambiental. Ao integrar a fotografia profissional e as plataformas digitais, conseguimos ampliar nosso alcance e atrair um público mais amplo.

Quadro 16: Evento.

Fonte: Desenvolvido pela autora.

A intervenção na comunidade Porto Novo, por meio de uma abordagem que equilibra teoria e prática, consolidou-se como um exemplo de Inovação Social alinhada aos princípios da dignidade, autonomia e empoderamento. Os pilares que estruturaram essa intervenção – desde a revalorização de resíduos têxteis até a capacitação comunitária – mostraram-se fundamentais para engajar os participantes e promover mudanças significativas tanto na percepção de valor sobre os materiais quanto na autoestima e nas oportunidades econômicas da comunidade. As oficinas realizadas destacaram-se não apenas como momentos de aprendizado técnico, conforme apresentado no Quadro 17, mas também como espaços de construção coletiva e fortalecimento de vínculos sociais.

Quadro 17: Resultados materiais.



Fonte: Desenvolvido pela autora.

O contato contínuo com a comunidade da escola possibilitou a construção de um modelo de design participativo, fundamentado na escuta e na co-criação. Os principais aprendizados foram (I) a importância do contexto sociocultural, porque o design estratégico deve ser flexível e adaptável à realidade local, respeitando os valores e os desafios enfrentados pela comunidade; (II) a necessidade de empoderamento gradual, porque a transformação não pode ocorrer de forma abrupta e por isso as oficinas foram organizadas em fases progressivas, permitindo que as participantes adquirissem confiança em suas habilidades; (III) o papel da educação como

ferramenta de mudança, demonstrado que a sensibilização ambiental e a capacitação prática são essenciais para quebrar paradigmas e criar novas possibilidades de futuro para as participantes. No próximo subcapítulo, serão discutidos mais aprofundadamente os resultados alcançados, explorando as implicações mais amplas da estratégia de intervenção e conectando as reflexões obtidas no campo com os conceitos teóricos que sustentaram o projeto.

4.7 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A pesquisa alcançou seus objetivos ao demonstrar como o Design Estratégico, aliado à Inovação Social, pode revalorizar resíduos têxteis em recursos para o desenvolvimento sustentável de comunidades vulneráveis, transformando desafios ambientais e sociais em oportunidades de inovação. Os objetivos específicos traçados para esta pesquisa foram alcançados por meio da articulação entre teoria e prática, integrando fundamentação teórica, oficinas participativas e observação da comunidade. A seguir, detalhamos como cada um foi atendido.

O primeiro objetivo - Fundamentação do estudo no Design Estratégico e na Sustentabilidade na Moda, com foco na revalorização de resíduos têxteis - foi atingido a partir da revisão bibliográfica e do embasamento conceitual sobre Design Estratégico, Economia Circular e Inovação Social, apoiando-se em autores como Manzini, Fletcher e Niinimäki. O estudo evidenciou como o setor da moda gera impactos socioambientais significativos e como a revalorização de resíduos têxteis pode ser uma alternativa sustentável. A pesquisa de campo reforçou essa abordagem, ao demonstrar na prática como os resíduos podem ser convertidos em novos produtos, agregando valor social, cultural e econômico.

A discussão dos conceitos de Dignidade, Autonomia e Empoderamento no Design da Moda e no contexto social, foi possível por meio da experimentação prática nas oficinas, que possibilitou materializar esses conceitos. A dignidade foi resgatada ao transformar resíduos em peças úteis e ao reconhecer o saber-fazer local. A autonomia foi incentivada pela capacitação das participantes, que adquiriram habilidades para transformar materiais descartados em produtos comercializáveis. O empoderamento emergiu do protagonismo das mulheres envolvidas, que passaram a se perceber como agentes de mudança, refletindo sobre o valor do próprio trabalho e suas possibilidades de geração de renda. Esse processo reforça a relação entre moda sustentável e transformação social, consolidando a abordagem do Design Estratégico como ferramenta de inovação e impacto positivo.

O conhecimento da relação entre a comunidade Porto Novo com o discurso da sustentabilidade e da prática da moda foi revelado ao longo da pesquisa através as interações realizadas. Embora houvesse uma consciência inicial limitada sobre os impactos ambientais da moda, o engajamento das participantes nas oficinas proporcionou um despertar para a sustentabilidade. A escola EMEF Porto Novo desempenhou um papel essencial ao oferecer um espaço aberto para o aprendizado, permitindo a experimentação e a construção coletiva de conhecimento. Além disso, a relação entre escola e comunidade fortaleceu o impacto do projeto, pois a troca entre crianças, professores e participantes ampliou o alcance da sensibilização.

Dessa forma, a pesquisa cumpriu seu propósito ao fundamentar teoricamente o estudo, aplicar conceitos-chave na prática e estabelecer um diálogo real com a comunidade, promovendo aprendizado, transformação e um modelo replicável de inovação social na moda.

Ao término desta pesquisa, pode-se afirmar que a educação e formação, estabelecidas como eixo central da Inovação Social, desempenharam um papel fundamental na capacitação da comunidade. Esse processo não apenas fortaleceu competências técnicas, mas também se alinhou à proposta de empoderamento e ao desenvolvimento da autonomia dentro da moda sustentável, promovendo uma transformação social significativa. Foi atingido um dos focos da Economia Circular – promover atividades em contextos mais locais e regionais, enquanto o gerenciamento de resíduos é mais eficiente quando realizado localmente, evitando o transporte a longas distâncias (Niinimäki, 2021). A reutilização, a atualização e a modificação de produtos podem ser realizadas de forma mais flexível e ágil em proximidade, fortalecendo, assim, a economia local e reduzindo os impactos ambientais associados ao transporte e à logística globalizada. A capacitação comunitária através a apropriação de práticas de ressignificação têxtil demonstrou que a sustentabilidade na moda vai além da produção responsável, envolvendo também a construção de novos hábitos e percepções sobre o consumo e a reutilização de materiais, fomentando não apenas competências técnicas, mas também a valorização da identidade local. Observou-se que a abordagem participativa fortaleceu o senso de pertencimento e a coesão comunitária, reforçando a teoria de que o design participativo é essencial para projetos dessa natureza.

Os impactos do CriaRenda extrapolam os resultados imediatos das oficinas em si, contribuindo para a autonomia econômica e ambiental da comunidade, e se projetam para um horizonte mais amplo de mudanças sociais e ambientais duradouras. O projeto não apenas capacitou as participantes, mas também reforçou a conscientização sobre práticas regenerativas e circulares no setor da moda, ampliando a compreensão da moda como um campo de transformação social. Além disso, é interessante conhecer as histórias das participantes sobre

como mudou a perspectiva delas. Os conceitos de dignidade, autonomia e empoderamento desempenharam um papel central na compreensão e nos resultados deste projeto, tanto no design da moda quanto no contexto social em que foi desenvolvido. Através de formulários, diálogos desestruturados e observações, nas quais são levadas em conta as impressões sobre os silêncios, expressões faciais, gestos, palavras empregadas, tom de voz, olhares e hesitações.

Durante a oficina dedicada ao nível da dignidade, uma das participantes compartilhou seu sentimento de orgulho pelo que produziu, descrevendo a experiência como um momento terapêutico — uma verdadeira cura para a mente. Esse processo lhe permitiu desconectar-se dos desafios cotidianos, proporcionando uma sensação de alívio e bem-estar. Foi confirmado que, devolvendo a dignidade para essas peças, ela é resgatada pela comunidade também, emergindo como uma resposta ao contexto de exclusão e vulnerabilidade vivenciado em Porto Novo. Esse processo vai além do reaproveitamento material: ele significa resiliência, simboliza a valorização de histórias, habilidades e identidades, conectando os indivíduos a práticas sustentáveis e criativas. Ao oferecer às mulheres da comunidade a oportunidade de trabalhar com resíduos têxteis, o projeto propôs não apenas a criação de novos produtos, mas também o resgate de um sentimento de pertencimento e autoestima. Transformar algo visto como descartável em peças valiosas reflete diretamente na percepção de valor dessas mulheres em relação a si mesmas e ao seu trabalho. Essa dinâmica reforça o papel do design como uma ferramenta para restaurar e fortalecer a dignidade, tanto individual quanto coletiva.

A terceira etapa, diante a apresentação do processo criativo, as participantes demonstraram interesse e começaram a buscar imagens e palavras, que, para elas, representassem o projeto em questão. Essa fase é crucial, pois estabelece as bases para um desenvolvimento criativo colaborativo, significativo autônomo, onde cada participante pode expressar suas ideias e visões, contribuindo para um resultado final que reflita a diversidade de perspectivas presentes no grupo. Chegamos à síntese de quatro conceitos centrais – inovação, educação, criatividade e circularidade – e as participantes começaram discutir sobre o espalhamento da visão do projeto por meio de conexões com as pessoas, sobre a sensibilização dos valores.

“Graças a esse projeto, agora eu vivo a vida, antes a vida me vivia” (participante do projeto).

A autonomia, por sua vez, foi promovida por meio da capacitação técnica e criativa oferecida nas oficinas. No design da moda, a autonomia está relacionada à habilidade de criar, adaptar e produzir peças que atendam às necessidades e desejos dos indivíduos. O empoderamento emerge como o resultado cumulativo da dignidade e da autonomia. No

contexto social, ele significa o fortalecimento das capacidades individuais e coletivas para transformar suas realidades, assumindo o controle sobre suas vidas e decisões. No design da moda, o empoderamento está relacionado à possibilidade de criar narrativas próprias por meio da expressão criativa e da reapropriação de materiais descartados. As oficinas foram estruturadas para que as participantes fossem protagonistas do processo criativo, abordagem que valorizou a voz e o olhar das mulheres da comunidade, permitindo que elas se vissem como agentes de transformação, tanto no nível individual quanto no coletivo.

No design da moda, esses três conceitos são frequentemente negligenciados em favor de dinâmicas de consumo rápido e descartável, características da *fast fashion*. No entanto, eles são mais do que conceitos teóricos; são práticas que podem ser implementadas de forma tangível por meio de estratégias de design bem estruturadas. Ao aplicá-los em um contexto social, como o de Porto Novo, eles se tornam elementos centrais para redefinir a relação entre as pessoas, os produtos e o meio ambiente. A dignidade foi resgatada ao valorizar o trabalho manual e artesanal, permitindo que os participantes enxergassem o potencial dos resíduos têxteis. Ao valorizar a mão de obra local e garantir condições de trabalho dignas e justas, as marcas que adotam essa abordagem não apenas respeitam os direitos dos trabalhadores, mas também promovem a autonomia econômica. Isso significa que as comunidades podem se sustentar através de suas próprias práticas culturais e habilidades, fortalecendo sua identidade e autoestima. A autonomia foi promovida por meio da capacitação em técnicas de corte, costura e design, possibilitando a geração de renda e a valorização do trabalho local. Já o empoderamento emergiu no processo de aprendizado e criação, fortalecendo a autoestima das participantes e incentivando sua atuação ativa na economia circular. O empoderamento comunitário é uma consequência direta dos outros dois conceitos: ao incentivar a participação ativa das comunidades na criação de produtos que atendem às suas necessidades específicas, a moda se torna um veículo para a expressão cultural e a criatividade, criando também um senso de pertencimento e orgulho entre os membros da comunidade.

Outro aspecto relevante da pesquisa foi a discussão sobre a replicabilidade do modelo do CriaRenda em outros contextos, alinhando-se aos conceitos de Manzini sobre Soluções Habilitantes e Estratégias de Replicabilidade. De acordo com Manzini (2015), soluções habilitantes são aquelas que oferecem ferramentas, recursos e conhecimentos que capacitam as pessoas a criar e implementar suas próprias soluções para problemas específicos, promovendo autonomia e transformação social sustentável. No caso do CriaRenda, a estratégia de intervenção foi estruturada para ser habilitante em sua essência. Por meio de oficinas que combinam teoria e prática, o projeto oferece à comunidade de Porto Novo não apenas

habilidades técnicas manuais, como corte e costura, mas possibilita também uma nova forma de percepção por meio de ferramentas conceituais para entender e transformar resíduos têxteis em produtos de moda sustentável. Essas soluções habilitantes vão além de resolver problemas imediatos; elas criam as condições para que as comunidades se tornem protagonistas de sua transformação social.

A replicabilidade do projeto foi outro aspecto central para a Inovação Social, especialmente quando se trata de projetos que têm como objetivo gerar impacto sustentável e escalável. Apesar de cada projeto ser concebido dentro de um contexto único, com significados específicos que emergem das experiências e posições subjetivas das pessoas, o CriaRenda foi estruturado de forma flexível e adaptável, permitindo sua replicabilidade em outros cenários. Manzini (2008) argumenta que soluções inovadoras devem ser projetadas de forma a serem adaptáveis a diferentes contextos, permitindo que práticas bem-sucedidas sejam reproduzidas em outras comunidades, sem perder sua essência. A metodologia e a estrutura do CriaRenda permitem que o projeto seja adaptado e replicado em diferentes contextos, atendendo às necessidades específicas de cada localidade. Ao combinar dignidade, autonomia e empoderamento com os princípios da Economia Circular e da Inovação Social, o CriaRenda oferece um modelo replicável capaz de inspirar iniciativas semelhantes em outros lugares e contribuir para um futuro mais justo, sustentável e colaborativo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa explorou o papel do Design Estratégico como orientador da Inovação Social no contexto da moda sustentável, com foco na revalorização de resíduos têxteis na comunidade de Porto Novo. A investigação foi fundamentada pela necessidade urgente de repensar os padrões insustentáveis da indústria da moda, marcados pelo consumo desenfreado e pelo descarte acelerado, e de propor alternativas baseadas na Economia Circular e na conscientização para práticas mais éticas e sustentáveis. O problema central da pesquisa residia na busca por estratégias que pudessem orientar a Inovação Social pela revalorização de resíduos têxteis disponíveis na comunidade Porto Novo, promovendo uma sensibilização sobre a sustentabilidade do setor da moda e oferecendo dignidade, autonomia e empoderamento para a comunidade. Nesse sentido, o objetivo principal foi desenvolver um modelo de intervenção que não apenas enfrentasse os desafios do setor, mas também contribuísse para a geração de renda e fortalecimento das capacidades comunitárias, utilizando resíduos têxteis como matéria-prima para criar valor social e econômico.

Os procedimentos metodológicos adotados foram determinantes para os resultados alcançados. A parte da fundamentação teórica forneceu a base conceitual necessária, desempenhando um papel crucial ao embasar o projeto nos conceitos de sustentabilidade na moda, Inovação Social e Design Estratégico. Foi possível compreender a interseção entre a moda, a economia circular e as práticas colaborativas, destacando a importância de soluções contextuais e participativas. O estudo de referências como “I WAS A SARI”, “Projeto QUID” e “Somos Cós” ofereceu insights valiosos sobre como iniciativas similares foram capazes de enfrentar problemas complexos por meio da integração de valores sociais e ambientais. Enquanto as etapas de observação direta, diálogos desestruturados e aplicação de formulários mistos permitiram uma imersão profunda na realidade da comunidade de Porto Novo, permitindo conhecer a relação da comunidade Porto Novo com o discurso da sustentabilidade e da prática da moda. Essa abordagem metodológica colaborativa garantiu que as intervenções fossem alinhadas às necessidades dos moradores e que as soluções propostas fossem tanto contextualizadas quanto viáveis.

A estruturação do CriaRenda foi diretamente influenciada pelos conceitos de Inovação Social, Design Estratégico e educação emancipatória. A escolha da escola como espaço de intervenção se mostrou acertada, pois possibilitou a criação de um ambiente seguro e propício para experimentação e aprendizado. Ao longo das visitas e das oficinas, ficou claro que o impacto do projeto transcendeu a questão técnica da reutilização têxtil. As atividades

contribuíram para o fortalecimento da identidade comunitária, a valorização do trabalho manual e a construção de um olhar crítico sobre consumo e sustentabilidade. O CriaRenda não apenas ensinou novas técnicas às participantes, mas mudou a forma como enxergavam os resíduos, o trabalho e a si mesmas, transformando a moda em um veículo de transformação social e empoderamento.

A parte prática da implementação dos workshops, estruturados nos três pilares de dignidade, autonomia e empoderamento, demonstrou-se eficaz em vários aspectos. A revalorização de resíduos têxteis como matéria-prima para a criação de peças sustentáveis contribuiu não apenas para reduzir o impacto ambiental da comunidade, mas também para promover o senso de pertencimento e autoestima dos participantes. As capacitações em corte, costura e design possibilitaram o desenvolvimento de novas habilidades técnicas, enquanto a introdução de conceitos de consumo consciente incentivou uma mudança de mentalidade, tanto individual quanto coletiva.

Em termos de resultados, o projeto conseguiu alcançar seus objetivos centrais. A comunidade se mostrou receptiva e engajada nas atividades, e os produtos confeccionados durante os workshops exemplificaram o potencial transformador do reaproveitamento criativo de materiais. Apesar de seu impacto positivo e potencial transformador, como qualquer projeto de Inovação Social, enfrenta limites estruturais e operacionais, que podem ser analisados para oferecer melhorias e delinear perspectivas futuras promissoras. As limitações encontradas ao longo do processo são as seguintes:

- Dependência de recursos externos: CriaRenda pode enfrentar desafios em relação à obtenção de recursos financeiros, materiais e logísticos, especialmente se depender de doações ou de parcerias pontuais. Essa dependência pode comprometer a continuidade e a expansão do projeto.
- Engajamento comunitário limitado: embora a proposta do CriaRenda seja inclusiva, pode haver resistência inicial por parte da comunidade em participar ativamente, seja por desconfiança, falta de tempo ou outras prioridades. Além disso, as questões culturais e sociais específicas da comunidade podem representar desafios para mobilizar os participantes. A expectativa era de uma participação significativamente maior do que a que realmente ocorreu.
- Escalabilidade limitada: por se tratar de um projeto localizado e altamente contextualizado, o CriaRenda pode enfrentar dificuldades em replicar seu modelo em outras comunidades sem adaptações significativas. A singularidade da realidade de Porto Novo pode dificultar a criação de um modelo genérico para aplicação em outros contextos. Além disso, a baixa

visibilidade do projeto fora da comunidade limita seu potencial de disseminação e inspiração para outras regiões, o que reforça a importância de estratégias de comunicação, documentação e articulação com redes mais amplas de inovação social.

- Restrição de habilidades técnicas: as oficinas e capacitações oferecidas, embora transformadoras, podem não ser suficientes para suprir lacunas técnicas mais avançadas. Isso pode limitar a qualidade dos produtos e, conseqüentemente, sua competitividade no mercado. A própria expectativa em relação à velocidade de aprendizagem também era diferente; ao longo dos workshops, ficou evidente que seria necessário mais tempo para a assimilação dos conteúdos e desenvolvimento das habilidades.
- Conscientização ambiental limitada: apesar de ser um dos objetivos centrais do projeto, a mudança de mentalidade em relação à sustentabilidade pode levar tempo para se consolidar. A cultura do consumo rápido e do descarte ainda é predominante, e superar essa mentalidade exige estratégias educativas de longo prazo. Apesar disso, a comunidade demonstrou grande receptividade e um profundo conhecimento sobre o argumento.

Em resposta a estes desafios, para garantir a continuidade e a expansão do CriaRenda sem depender exclusivamente de doações e parcerias pontuais, é essencial diversificar as fontes de financiamento. Estratégias como a criação de um modelo de negócio social podem permitir que os produtos desenvolvidos nas oficinas sejam comercializados, gerando receita para reinvestimento no projeto. Além disso, parcerias estratégicas com instituições acadêmicas, órgãos governamentais e empresas do setor têxtil podem viabilizar apoios estruturais e incentivos que fortaleçam a sustentabilidade financeira do projeto. Para superar a resistência inicial da comunidade e continuar engajando mais pessoas, é fundamental investir em ações de aproximação e diálogo contínuo. Uma educação desde o ensino fundamental até oficinas abertas ou eventos interativos e a valorização de lideranças locais podem facilitar a adesão dos moradores. Além disso, a inclusão de benefícios diretos para os participantes, como capacitações voltadas para geração de renda e a possibilidade de comercialização dos produtos criados, pode aumentar o interesse e a participação. Adicionalmente, para garantir a continuidade do projeto, seria essencial investir na formação de multiplicadores locais. Isso significa capacitar os próprios participantes para atuarem como agentes de disseminação, incentivando-os a compartilhar os conhecimentos adquiridos com outros membros da comunidade. Além do domínio técnico das práticas de upcycling e costura, seria necessário desenvolver competências em facilitação, liderança comunitária e comunicação, para que possam conduzir oficinas, recrutar novas pessoas interessadas e manter viva a proposta do CriaRenda. Esse processo de formação de multiplicadores não só amplia o alcance do projeto,

mas fortalece a autonomia e o empoderamento da comunidade, garantindo que a iniciativa não dependa de agentes externos, mas se torne parte orgânica da dinâmica local. Para apoiar essa transição, poderiam ser elaborados materiais didáticos por meio de parcerias com instituições locais – como a própria escola, os centros culturais (Club das Mães) ou cooperativas de reciclagem (o Galpão) – que possam oferecer suporte contínuo.

Embora o CriaRenda seja um projeto altamente contextualizado, seu modelo pode ser replicado em outras comunidades com as devidas adaptações. Para isso, é necessária a documentação das metodologias, identificar princípios universais do projeto e desenvolver diretrizes flexíveis que possam ser ajustadas a diferentes realidades. Assim, o CriaRenda não se limita a Porto Novo, mas se apresenta como um modelo habilitante, capaz de ser aplicado em outras comunidades que enfrentam desafios semelhantes, respeitando suas realidades socioculturais e promovendo transformação social através da revalorização dos resíduos têxteis. Seu caráter situado e adaptável amplia seu potencial de impacto, garantindo que o projeto possa ser apropriado localmente, mantendo sua relevância e eficácia em diferentes territórios.

Criar parcerias com organizações que atuam em inovação social e design sustentável pode ajudar a expandir o impacto do projeto para outras localidades. Para superar as limitações técnicas dos participantes, é importante complementar as oficinas com cursos de aperfeiçoamento e capacitações progressivas. A formação de redes de mentoria com profissionais do setor da moda e parcerias com instituições de ensino podem proporcionar conhecimento técnico adicional. Além disso, o acesso a equipamentos e materiais de melhor qualidade pode melhorar a competitividade dos produtos no mercado. Mudanças culturais e de mentalidade exigem estratégias educativas de longo prazo. Para ampliar a conscientização ambiental, o CriaRenda pode investir em atividades de educação ambiental dentro e fora da comunidade, utilizando narrativas visuais, palestras, exposições e campanhas de sensibilização. O envolvimento de escolas e associações locais pode reforçar a disseminação dos valores da economia circular e do consumo consciente, fortalecendo a transformação social e ambiental almejada pelo projeto.

Portanto, as perspectivas futuras são promissoras para o projeto CriaRenda:

- Parcerias com instituições e ONGs: colaborações com instituições mais organizadas, ONGs e empresas podem trazer novos recursos, conhecimentos e visibilidade ao projeto. Essas parcerias podem resultar em capacitações mais completas, pesquisas sobre impacto social e até mesmo em financiamentos para expansão.
- Replicabilidade adaptativa: embora o CriaRenda seja específico para Porto Novo, o modelo pode ser adaptado para outras comunidades com características similares para a

implementação em outros contextos, ampliando o alcance do projeto, seus valores e sua relevância.

- Educação contínua para a sustentabilidade: implementar programas educativos contínuos que aprofundem temas como moda sustentável, economia circular e consumo consciente podem reforçar a mudança de mentalidade dentro e fora da comunidade. Isso pode incluir palestras, campanhas e workshops abertos.
- Fortalecimento da economia circular: uma das principais oportunidades do CriaRenda está em consolidar o ciclo de vida dos resíduos têxteis, conectando o projeto a redes mais amplas de economia circular. Isso pode incluir parcerias com outras organizações, empresas e projetos que compartilhem os mesmos valores, criando um ecossistema sustentável.
- Diversificação de produtos e mercados: expandir o portfólio de produtos para além de roupas e acessórios pode abrir novas possibilidades de mercado. A criação de itens para o lar, como almofadas, bolsas multiuso ou até mesmo brinquedos, pode atrair um público mais diversificado e aumentar as oportunidades de venda.
- Promoção de redes de Inovação Social: conectar o CriaRenda a redes nacionais e internacionais de Inovação Social pode aumentar sua visibilidade e permitir a troca de experiências com iniciativas semelhantes. Essas conexões podem trazer novas ideias, soluções e parcerias estratégicas.

Com essas estratégias, o CriaRenda pode minimizar seus desafios e fortalecer seu impacto social e ambiental, consolidando-se como um modelo sustentável e replicável de inovação social no setor da moda. O CriaRenda representa uma resposta inovadora e inspiradora aos desafios socioambientais da moda e do consumo sustentável, engajando a comunidade na coparticipação, permitindo que seja protagonista na criação de soluções para seus próprios desafios. Embora enfrente limitações relacionadas a recursos, engajamento e escalabilidade, suas perspectivas futuras indicam um potencial significativo para crescimento e replicação. Ao fortalecer sua base comunitária, expandir suas operações e integrar-se a redes maiores, o CriaRenda pode se tornar um modelo de referência no campo da Inovação Social e do Design Estratégico, contribuindo para a construção de um futuro mais justo e sustentável.

Ao discutir os conceitos de dignidade, autonomia e empoderamento no design da moda e no contexto social, o projeto CriaRenda contribui para a consolidação de práticas que colocam o ser humano no centro do processo de design, promovendo uma moda mais ética, inclusiva e regenerativa. Essa abordagem não apenas responde aos desafios imediatos da comunidade, mas

também aponta caminhos para um futuro em que a moda seja uma ferramenta de transformação social e ambiental.

Em conclusão, podemos afirmar que o projeto demonstrou que é possível alinhar práticas de Design Estratégico e Inovação Social para abordar desigualdades estruturais e promover mudanças significativas. A integração de dignidade, autonomia e empoderamento nos resultados alcançados reforça o papel transformador do design, evidenciando sua capacidade de atuar como mediador entre necessidades humanas, justiça social e sustentabilidade. Além disso, fomenta a criatividade e o desenvolvimento de soluções que atendem as necessidades específicas de cada local; por desafiar a massificação de produtividade, ajuda a diminuir a exploração de mão de obra e o uso predatório dos recursos naturais.

REFERÊNCIAS

AKESSON, J.; JONSSON, P.; EDANIUS-HÄLLÅS, R. Uma avaliação de estratégias de sourcing na indústria sueca de vestuário. 2007.

AMNESTY INTERNATIONAL, O colapso do Rana Plaza e o incêndio da Tazreen Fashions: uma entrevista com Taqbir Huda, 4 jun 2024. Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/latest/campaigns/2024/06/the-rana-plaza-collapse-and-tazreen-fashions-fire-an-interview-with-taqbir-huda/>. Acesso em: 4 jan. 2025.

AUTONOMIA. In: TRECCANI: Istituto della Enciclopedia Italiana. Disponível em: <https://www.treccani.it/vocabolario/autonomia/>. Acesso em: 4 jan. 2025.

BELLINI, E. P. Moda sostenibile: la nuova collezione di Progetto Quid. In: VOGUE Italia, 29 set. 2021. Disponível em: <https://www.vogue.it/vogue-talents/gallery/moda-sostenibile-progetto-quid-autunno-inverno-2021-2022>. Acesso em: 4 jan. 2025.

BINDER, T. Experimentos de Design Democrático: Entre Parlamento e Laboratório. 2015.

BUCHANAN, R. **Problemas Complexos e Design Thinking**. 1. ed. Londres: MIT Press, 1992.

CESCHIN, F.; GAZIULUSOY, I. Evolução do Design para a Sustentabilidade: Do Design de Produto ao Design para Inovações e Transições de Sistemas. 2016.

CHANGING MARKETS FOUNDATION. Licença para Greenwashing: Como esquemas de certificação e iniciativas voluntárias estão alimentando a moda fóssil. 2022.

CHARPAIL, M. O que há de errado com a indústria da moda? In: SUSTAIN YOUR STYLE, 2017. Disponível em: <https://www.sustainyourstyle.org/en/whats-wrong-with-the-fashion-industry>. Acesso em: 4 jan. 2025.

COMMISSIONE EUROPEA. Questions and Answers on EU Strategy for Sustainable and Circular Textiles. Disponível em: https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/qanda_22_2015. Acesso em: 4 jan. 2025.

COSCIEME, L.; MANSHOVEN, S.; GILLABEL, J.; GROSSI, F.; MORTENSEN, Lars F. Um quadro de modelos de negócios circulares para moda e têxteis: o papel da inovação em modelos de negócio, técnica e social. 2022

DAS, M.; HERWEYERS, L.; MOONS, I.; DU BOIS, E. Oportunidades de Design Estratégico para Aumentar a Conscientização e o Comportamento Sustentável na Moda. 2021.

DIGNIDADE. In: TRECCANI: Istituto della Enciclopedia Italiana. Disponível em: <https://www.treccani.it/vocabolario/dignita/>. Acesso em: 4 jan. 2025.

EMPODERAMENTO. In: TRECCANI: Istituto della Enciclopedia Italiana. Disponível em: [https://www.treccani.it/vocabolario/empowerment_\(Neologismi\)](https://www.treccani.it/vocabolario/empowerment_(Neologismi)). Acesso em: 4 jan. 2025.

ENCICLOPEDIA BRITANNICA. Incêndio da fábrica Triangle shirtwaist, 18 mar. 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Triangle-shirtwaist-factory-fire>. Acesso em: 24 mar. 2025.

ESCOBAR, A. Design para o Pluriverso: Interdependência Radical, Autonomia e a Criação de Mundos. 2018.

ESCOLA BRUNDTLAND. Nosso Futuro Comum. 1987.

EUNOMIA RESEARCH AND CONSULTING. Plastics in the Marine Environment. In: Eunomia, 01 jun. 2016. Disponível em: <https://eunomia.eco/reports/plastics-in-the-marine-environment/>. Acesso em: 4 jan. 2025.

FACCA, C. A. O Designer como Pesquisador: Relações entre Design, Pesquisa e Metodologia, 2008

FINDELI, A. **Repensando a Educação em Design para o Século XXI**: Discussão Teórica, Metodológica e Ética. 1. ed. Nova York: Routledge, 2001.

FISHER, M. **Realismo Capitalista**: É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FLETCHER, K. **Moda e Têxteis Sustentáveis**: Jornadas de Design. 1. ed. Londres: Earthscan, 2008.

FLETCHER, K.; GROSE, L. Moda e Sustentabilidade: Design para a Mudança. 2012.

FRASER, N. **Fortunas do Feminismo**: Do Capitalismo Gerido pelo Estado à Crise Neoliberal. Londres: Verso, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FULTON, J.; LEE, S. Avaliando Iniciativas Sustentáveis na Indústria da Moda: Um Estudo de Caso de Eileen Fisher. 2013.

GALLATI, L. G.; RAMOS, J. B. Indicadores de Economia Circular para Medir Inovação Social na Indústria Têxtil e da Moda Brasileira. 2022.

GANDHI, S. This is where your old saris end up (and how they can help empower women). In: VOGUE India, 19 fev. 2019. Disponível em: <https://www.vogue.in/content/old-sarees-sustainable-fashion-i-was-a-sari-fashion-label-for-social-cause-women-empowerment-zero-waste>. Acesso em: 4 jan. 2025.

GATT, C.; INGOLD, T. **Da descrição à correspondência**: antropologia em tempo real. 1. ed. Londres: Bloomsbury, 2013.

GAVER, W. W. O Que Devemos Esperar da Pesquisa através do Design?, 2012

GIACCARDI, E. Metadesign como uma Cultura Emergente de Design. 2005.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDFROG. The extinction Symbol. In: The extinction Symbol, 2011. Disponível em: <https://www.extinctionsymbol.info/>. Acesso em: 4 jan. 2025.

GUPTA, M. The final resting place of your cast-off clothing | Unravel. Publicado pelo canal Aeon Video. 30 nov. 2016. Disponível em: https://youtu.be/bOOI5LbQ9B8?si=1ZBijfc-vvC_sBDc. Acesso em: 4 jan. 2025.

HEINZEL, T.; WAGNER, M. Percepções Humanas sobre Têxteis Reciclados e Moda Circular: Uma Revisão Sistemática da Literatura. 2020.

HELFRICH, H. **Psicologia comparativa entre culturas**. 1. ed. Heidelberg: Springer, 2013.

HILL, J.; LEE, S. Percepções dos Jovens da Geração Y sobre Sustentabilidade na Indústria da Moda. 2012.

ILLICH, I. Ferramentas para Convivialidade. 1973.

IRWIN, T.; TONKINWISE, C.; KOSSOFF, G. Estratégias para incorporar a sustentabilidade na indústria da moda: uma provocação do design de transição. 2015.

I WAS A SARI, *In*: I was a sari. 17 abr. 2022. Disponível em: https://iwasasari.com/cdn/shop/articles/Untitled_design_10.png?v=1692167637. Acesso em: 4 jan. 2025.

KOTHARI, A.; SALLEH, A.; ESCÓBAR, A.; DEMARIA, F.; ACOSTA, A. **Pluriverso: Um Dicionário Pós-Desenvolvimento**. 1. ed. Nova Deli: Tulika Books, 2019.

KOZLOWSKI, A.; SEARCY, C.; BARDECKI, M. **Aceleração social: análise crítica**. 1. ed. Londres: Routledge, 2018.

KOZLOWSKI, S.; SEARCY, C.; BARDECKI, M. Conectando Fios: Defendendo a Economia Circular na Indústria da Moda. 2016.

KOSLOWSKI, A.; SEARCY, C.; BARDECKI, M. **Estratégias para Incorporar a Sustentabilidade na Indústria da Moda: Uma Análise Crítica**. 1. ed. Toronto: University of Toronto Press, 2018.

LIGHT, A.; POWELL, A.; SHKLOVSKI, I. Design para a Crise Existencial na Era do Antropoceno. 2017.

LATOUR, B. **Reassembling o Político**. 1. ed. Paris: La Découverte, 2008.

MANZINI, E. **Cenários de Bem-Estar Sustentável**. 1. ed. Milão: Poli.Design, 2003.

MANZINI, E. Design para a Inovação Social e Sustentabilidade: Comunidades Criativas, Organizações Colaborativas e Novas Redes Projetuais. 2008.

MANZINI, E. Fazendo as Coisas Acontecerem: Inovação Social e Design. 2014.

MANZINI, E. **Design, Quando Todos Projetam:** Uma Introdução ao Design para Inovação Social. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2015.

MANZINI, E. Cultura do Design e Design Dialógico. 2016.

MANZINI, E.; CULLARS, J. O Projeto Social: Uma Abordagem ao Design. 1992.

MAURI, G. **Projetar Projetando.** Milão: Franco Angeli, 1996.

MERONI, A. Design Estratégico: Onde Estamos Agora? Reflexões sobre os Fundamentos de uma Disciplina Recente. 2008.

MILO, R. et al. A distribuição da biomassa na Terra. *Proceedings of the National Academy of Sciences* (PNAS), 2018. Disponível em: <https://www.pnas.org/doi/10.1073/pnas.1711842115>. Acesso em: 4 jan. 2025.

MORA, E. Fazer Moda: Experiências de Produção e Consumo. 2009.

MOORE, J. W. **Capitalismo na Teia da Vida:** Ecologia e a Acumulação de Capital. Londres: Verso, 2015.

NIINIMÄKI, Kirsi. Moda Sustentável em uma Economia Circular. 2021.

PERMAN, R.; MCGILVRAY, J.; COMMON, M. **Economia de recursos naturais e meio ambiente.** 1. ed. Harlow: Pearson, 2003.

POTTING, J. et al. A Economia Circular: Um Novo Paradigma de Sustentabilidade? 2017.

PROGETTO QUID. 29 nov. 2024. Instagram: @progettoquid Disponível em: https://www.instagram.com/p/DC98jgLu8qH/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA==. Acesso em: 4 jan. 2025.

RÆBILD, U.; BANG, A. L. Repensando a Coleção de Moda como uma Ferramenta Estratégica de Design em uma Economia Circular. 2017.

RITTEL, H. W. J.; WEBBER, M. M. Dilemas em uma teoria geral de Planejamento. 1973.

RUBIN, R. **O ato criativo:** uma forma de ser. 1. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2023

ROSA, H. Aceleração Social: Uma Nova Teoria da Modernidade. 2016.

ŠAJN, N. Textiles and the environment. In: MEMBERS' RESEARCH SERVICE, 4 mai. 2022. Disponível em: <https://epthinktank.eu/2022/05/04/textiles-and-the-environment/>. Acesso em: 4 jan. 2025.

SANTOS, A. dos. **Seleção do método de pesquisa**: guia para pós-graduando em design e áreas afins. Curitiba: Insight, 2018.

SCRANTON, R. Aprender a morrer no Antropoceno. 2013.

SOMOS CÓS. Disponível em: <https://www.somoscós.com.br/quem-somos>. Acesso em: 4 jan. 2025.

SUSTAIN YOUR STYLE. What's Wrong with the Fashion Industry? Disponível em: <https://www.sustainyourstyle.org>. Acesso em: 4 jan. 2025.

TORCHIA, Maria Cristina. Dignità. In: ACCADEMIA DELLA CRUSCA. Disponível em: <https://accademiadellacrusca.it/it/contenuti/titolo/7954>. Acesso em: 4 jan. 2025.

TURNER, R.; PEARCE, D. Economia de Recursos Naturais e o Meio Ambiente. 1989.

VYGOTSKY, L. S. **Imaginação e Criatividade na Infância**. Ensaio de Psicologia. 1.ed. Lisboa: DINALIVRO, 2012.

ZELI DE VARGAS GIL, C. (organizadora). **Da Vila Dique ao Porto Novo**: extensão popular, rodas de memórias e remoções urbanas. 2.ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2017.

APÊNDICE A

PERGUNTA	RESPOSTA	RESULTADO
De onde veem suas roupas?	-doações -troca entre amigos -brechós -online -fast fashion	80% 20% 0% 40% 20%
Como você escolhe o que veste?	-conforto -visual, para se sentir bonita -para expressar seu estilo próprio -visto qualquer coisa	50% 0% 50% 0%
Tem alguma habilidade em costura, tricô ou crochê?	-sim -não	50% 50%
Já pensou em transformar suas habilidades em fonte de renda?	-sim -não	50% 50%
O que espera aprender aqui?		
Você usa as redes sociais?	-pouco -apenas para me entreter -para me informar, pesquisar, interagir -para comprar ou vender	20% 0% 60% 20%

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, abaixo assinado(a), na qualidade de responsável legal e/ou participante, declaro que fui informado(a) de forma clara e detalhada sobre a pesquisa "**COMUNIDADE PORTO NOVO: Revalorização de resíduos têxteis por meio da Inovação Social e do Design Estratégico**", realizada pela estudante **Gaia Cima**, sob a orientação da professora **Débora Baraúna**, da **Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS**.

A pesquisa será conduzida na **Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Porto Novo**, no período de **06/06/2024 a 20/12/2024**, e consistirá em **intervenções educativas e experimentais voltadas à revalorização de resíduos têxteis, à economia circular e ao desenvolvimento de competências técnicas e criativas por meio da Inovação Social e do Design Estratégico**.

1. Objetivo do estudo

A pesquisa tem como propósito investigar como a revalorização de resíduos têxteis pode ser um meio de empoderamento comunitário, autonomia econômica e conscientização ambiental, promovendo práticas sustentáveis na comunidade de Porto Novo por meio de oficinas participativas e atividades pedagógicas.

2. Procedimentos e participação

Os participantes serão convidados a participar de **oficinas de reuso e transformação de resíduos têxteis**, envolvendo práticas como costura, customização e upcycling. As atividades ocorrerão no espaço da escola, em horários previamente acordados com a direção, respeitando a rotina dos alunos e da comunidade escolar.

3. Direitos e confidencialidade

- A participação é **voluntária**, e os participantes podem desistir a qualquer momento sem prejuízo.
- Todas as informações coletadas serão tratadas de forma **confidencial e anônima**, sendo utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos.
- Fotos e vídeos poderão ser registrados para fins de documentação e divulgação científica, sendo o uso autorizado pelo participante e/ou responsável legal.

4. Riscos e benefícios

Não há riscos significativos envolvidos na participação, e os benefícios esperados incluem **aprendizado de novas habilidades, aumento da consciência ambiental e desenvolvimento de senso de pertencimento e empoderamento**.

Autorização e Assinatura

Declaro que li, compreendi e concordo com os termos apresentados, autorizando minha participação ou a participação do menor sob minha responsabilidade nesta pesquisa.

Nome do participante: _____

Nome do responsável: _____

Assinatura: _____

Data: _____

APÊNDICE C



PREFEITURA DE PORTO ALEGRE
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PORTO NOVO
Rua Amélia Santini Fortunati, 101 – Santa Rosa de Lima – 91160-810 - Fone: 32891908 (WHATSAPP)

ATESTADO

Atesto para devidos fins GAIA CIMA realizou observações e participou do projeto CriaRenda no período entre junho e dezembro do ano de 2024 nesta unidade escolar. A escola está ciente que seu nome está citado no trabalho de dissertação de mestrado 'COMUNIDADE PORTO NOVO: Revalorização de resíduos têxteis por meio da Inovação Social e do Design Estratégico'.

Atenciosamente,


Carolina da Campos Dorte
Diretora
Rua: 10160810.1